

PEDRO CHAGAS
FREITAS

prometo amar

Nunca se sofre por amor, só por falta dele



DESROTINA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PEDRO CHAGAS
FREITAS

prometo amar

Nunca se sofre por amor, só por falta dele



PEDRO CHAGAS
FREITAS

prometo amar

Nunca se sofre por amor, só por falta dele

DESROTÍV



uma marca



info@desrotina.pt | www.desrotina.pt

—
© Pedro Chagas Freitas e Desrotina

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *Prometo Amar*

Autor: Pedro Chagas Freitas

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Design de capa: Marina Costa/Desrotina

Fotografia de capa: © Oana Stoian/Trevillion Images

Fotografia do autor: João Portugal

1.^a edição em papel: Abril de 2018

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Com a Bárbara.
Com o Benjamim.
Porque tudo.

Amor: s.m. O mesmo que sonho. O mesmo que vida. O mesmo que tudo.

— Não acredito em realidades,

disse-lhe ele, com a cabeça encostada ao peito esquerdo dela, precisamente aquele que foi amputado um dia destes,

— Não tem mal, assim estou mais perto do teu coração,

ela sorriu, talvez tivesse pouco tempo de vida mas tinha a vida toda naquele tempo, os braços dele, a liberdade completa de ser amada e de amar completamente,

— Liberdade não é ter jaulas maiores, é não ter jaulas,

não tinham, nunca as tiveram, desde que se encontraram quando era proibido encontrarem-se, a sociedade toda sem poder entendê-los, há que entender que muitas vezes o melhor da vida é o que ninguém entende,

— Bem-vinda ao meu delírio,

ela entrou, ficou, delirou, só há amor quando entramos, ficamos, deliramos, se só entramos e ficamos nunca ficámos afinal, já fomos e ainda nem delirámos, há muito que pode faltar a quem ama mas nunca um delírio compulsivo, uma inexactidão precisa, amar é precisamente o que nos retira a precisão, e de que tanto precisamos,

— Nem sempre acontece o que sonhamos mas nem sempre o que sonhamos é o que queremos viver,

assim foi, nunca sonharam este sonho e vivem-no sem nunca pisar o chão, como se sentissem abrigados apenas quando não têm abrigo, amar é ainda isso, um desabrigo constante, um quase abismo, ou abismo mesmo, que nunca pára, um absurdo sentido que não tem sentido algum,

— Deixei de combater os meus demónios, agora estamos do mesmo lado,

demónios de amor, quem os não tem?, e há no mundo tanta gente merdavilhosa, tão maravilhosa por fora como cheia de merda por dentro, e não entendemos o que fazemos se ficarmos com essa gente, só com essa gente, mas eles não, eles encontraram-se um ao outro e fugiram, amar é encontrar alguém que nos faz fugir, e assim encontrar,

— Sou um insuficiente emocional,

confessara-lhe ele, ela também, estavam juntos e ficaram juntos, carregados de inexpectativas, sem saberem o que queriam e querendo isso mesmo, minuto a minuto, todos os dias a viver sem amanhã,

— Só chega à mente o que antes passou pelos sentidos,

como este beijo sem roupa, o beijo, não eles, eles continuam vestidos mas o beijo despido, as línguas despidas, a verdade em lágrimas ao centro dos corpos, não se sabe se o corpo dela continuará, não se sabe se os

minutos acabam em breve, sabe-se que a felicidade é sobretudo diminuir ao máximo a presença do que nos falta, e nada agora lhes falta,

— Só sei que nada sei,

e basta uma vírgula para o mundo mudar,

— Só, sei que nada sei,

isso todos nós sabemos.

«Beija-me para me acalmares a vida. Quero que deixes de ser insuportável em mim.»

Ela acabou de dizer estas palavras e sorriu. Como gostaria de as ter dito a quem de direito, e não àquele espelho embaciado e sujo que nada tinha para devolver. Houvesse coragem em si e dentro de trinta minutos, talvez menos, diria o que tinha para dizer.

Há um momento na vida em que o amor exige palavras.

«Preciso de ti para me encontrar em mim. Quero que me ensines a saber onde estou.»

Ele ensaiou as palavras diversas vezes enquanto escolhia o que iria vestir na tarde que nunca mais chegava e que hoje chegou. Sabia que estava pronto para tudo. Menos para a perder.

Há um momento na vida em que se aguenta tudo menos perder tudo.

«Faltam trinta passos para o passo que falta. Dentro de trinta passos estou a um passo da vida.»

Ela contara, tantas foram as vezes em que ali estivera a preparar este instante, a distância exacta da sua casa até àquele banco de jardim onde combinara vê-lo. Estava a chegar a hora e ela não via a hora. Até porque agora, tanta era a ansiedade, não via, bem vistas as coisas, rigorosamente nada. Só queria era vê-lo.

Há um momento na vida em que os olhos não servem para ver; servem para amar.

«Estás atrasada cinco segundos. Talvez já não me queiras e talvez a minha vida tenha acabado.»

Ele mexia-se sem parar naquele banco de jardim que parecia, agora, um imenso deserto a perder de vista. Não encontrava a posição correcta, a posição sustentável: a posição suportável. Em poucos segundos concluiu que fosse qual fosse a posição estaria sempre de joelhos. A pedir por ela, a

desesperar por ela.

Há um momento na vida em que só é amor se for também desespero.

«Juro que não a vi. Ia tranquilamente a conduzir e quando dei por mim já ela estava à minha frente. Travei a fundo mas não fui a tempo. Lamento imenso. Juro que não a vi.»

Por mais que colocasse as mãos na cabeça e tentasse explicar, o condutor do veículo que a atropelou não conseguia acalmar a dor que lhe percorria a espinha como uma lâmina em movimento. Ela tentava mexer-se, com a ajuda das já muitas pessoas que ali se haviam juntado, mas não conseguia. Na sua cabeça as pernas mexiam mas quando olhava para elas continuavam paradas: ninguém respeita as minhas ordens, pensou dizer, como que procurando um toque de humor no meio do caos. Mas apagou-se antes de ter tempo de articular qualquer palavra.

Há um momento na vida em que todas as palavras ficam por dizer.

«Acreditava, no mais fundo de mim, que acabaríamos este dia e esta noite deitados. Mas nunca pensei que fosse assim.»

Ele fez uma piada com o facto de estarem ambos estendidos, lado a lado (pelo menos até que a enfermeira aparecesse e dissesse que ele não poderia estar ali deitado), na cama exígua de um hospital. Depois apertou-a com cuidado, abraçou-a com ainda mais cuidado, passou-lhe a mão pelo rosto, pediu-lhe que não fechasse os olhos. Mas ela, impotente, fechou.

Há um momento na vida em que é só de olhos fechados que se vê a vida.

«Está no intervalo do mistério. Tanto pode desistir como continuar. Fizemos o que podíamos ter feito, corrigimos as lesões e tudo parece estar funcional. Mas está no interior das suas fragilidades. Agora é acreditar que se agarra à vida.»

A médica tinha um pouco de poesia na voz, mas nunca confessou que não acreditava que ela teria onde se agarrar para sobreviver. Ele, pelo contrário, acreditou, sem saber se ela se agarraria. Pelo sim pelo não, agarrou-se ele a ela.

Estou farta disto. Este homem. Sempre este homem. Tão bom homem. Tão boa pessoa. E esta casa. Tão boazinha. E estou farta disto. E este miúdo. É o meu filho. Amo-o mais do que tudo. Morria por ele, aposto. Mas estou farta disto. Queria uma casa maior, um trabalho melhor, uma vida extraordinária. Queria a piscina, o carro de topo, o emprego multimilionário. E tenho isto. Uma casa banal, um emprego banal. Uma vida sem pitada de magia dentro.

— Está bom, amor, está?

Está. A comida está boa. E não passa disso. O máximo que consigo é o bom. E queria tanto o excelente, o magnífico, o maravilhoso, o espectacular. Resta-me isto, apenas isto, sempre isto: uma família vulgar numa casa vulgar, a jantar uma comida vulgar com palavras vulgares.

— E o teu dia: como foi?

Sim: o meu dia também foi isso: vulgar. Estou farta disto. Tão farta disto.

Estás estranha. Olhas-me distante, olhas-me tantas vezes distante, como se estivesse aqui sem estar. És a mulher mais absolutamente perfeita do planeta todo, tenho a certeza disso muito mais do que quando nos casámos. Lembras-te? A igreja inteira para te ver passar, o teu vestido a cair-te como se a magia toda estivesse em ti e ele estivesse ali para te acompanhar. E estava. Ele só estava ali para te acompanhar, como eu às vezes penso que só estou aqui para te acompanhar. És a estrela da minha vida, a estrela da vida do nosso filho. Já olhaste bem para ele hoje? Olha-o. Eu olho-o todos os dias para o amar todos os dias, para lhe ver a maneira como a criança se torna em pessoa grande, mesmo que ele já seja, garanto-te, uma grande pessoa. Ontem assumiu um erro de um amigo só para ele não ser expulso, e foi ele expulso, claro. Mas ele podia, não estava quase a chumbar como o amigo: salvou-lhe a vida, entendes?

— Está bom, amor, está?

Espero que sim. Sei que te incomoda eu ainda estar em casa, sem trabalho, sem salário, mas juro por Deus que ando à procura. Enviei centenas, mesmo centenas, acredita, de currículos só esta tarde. Ontem passei a manhã a bater à porta das empresas de toda a cidade. Um dia chamam-me. Um dia respondem-me e serei um homem outra vez, o homem que tu queres, que eu bem sei que não gostas que eu esteja aqui, parado, à tua espera, mas a verdade é que vou estar sempre aqui parado à tua espera por mais empregos que tenha, por mais trabalhos que tenha. Vou

ser sempre aquele que está sempre aqui à tua espera, é esse o sentido da minha vida, e da do teu filho também, que fique isso registado desde já.

— Como foi o teu dia hoje?

Maravilhoso, como todos os dias desde o dia em que te conheci, garanto-te, e amo-te, que isso fique registado desde já.

Sou tão feliz. Tão feliz. Os meus pais são tão lindos. São mesmo. Eu sei que todas as crianças e todos os filhos devem dizer isto. Mas eu sou mesmo feliz. E os meus pais são mesmo lindos. São mais lindos do que a Teresa, a menina que está à minha frente nas aulas de Ciências e que é de certeza a mulher mais bonita da escola, e suspeito bem que do mundo inteiro, pelo menos o mundo inteiro sem a minha mãe. A minha mãe não é deste mundo. Sorri pouco mas quando sorri a vida toda parece que se torna fácil. Sabem como é? Ela sorri e tudo parece fácil. Gostava que sorrisse mais vezes, mas ela lá terá os seus motivos, é assim que se diz, não é? Os adultos são complicados. O pai às vezes explica-me essas coisas sérias e tal, mas às tantas eu penso no sorriso da minha mãe e tudo passa.

— Está bom, amor, está?

Está sempre, o pai cozinha bem, e está apaixonado por nós. Não é possível não notar. Passa o dia todo a preparar o final do dia, quando me vai buscar à escola e quando a minha mãe chega a casa. É o pai mais espectacular de todo o sempre. Um daqueles pais-heróis que eu lia nas histórias dos mais novos. Sim, que eu agora já sou grande e já leio coisas de grande. Num dos livros que eu li até havia um beijo de língua, vejam só. Mas não disse aos meus pais, não quero que pensem que já sou crescido, percebem? Ainda gosto que me vejam como o menino deles, acho que isso os une, estão a ver? Eles gostam tanto um do outro como eu gosto deles, aposto. Só que às vezes há coisas que acontecem que podem magoar, coisas de adultos, sabem? Acho que já vos falei delas, não já? Mas como vos dizia sou tão feliz. Há uma magia qualquer nesta casa, nesta vida. A minha mãe é uma criatura mágica e se sorrisse mais vezes era ainda mais mágica. O meu pai é uma criatura mágica e se arranjasse um emprego era ainda mais mágico. No fundo eu já compreendi que há sempre qualquer coisa que falta para a magia ser completa nesta nossa vida, mas se calhar é mesmo assim que a magia acontece: quando por mais magia que nos falte conseguimos sempre ver magia naquilo que não nos falta.

— Como foi o teu dia hoje?

O melhor de sempre até agora, mas de certeza que muito pior do que o dia de amanhã, meus pais, vejam lá se dão um beijo um ao outro e outro a mim para ficar ainda melhor, sim?

— Quem tudo quer tudo sente.

Quando te vi pela primeira vez foi isso que me passou pela cabeça: desfazer frases feitas é um passatempo curioso, que sempre me fez sentir melhor, menos domada, menos domesticada. Gosto de arriscar ter tudo para sentir a possibilidade de ter tudo. Pelo menos por isso: para sentir a possibilidade de ter tudo. Quem se fica pela metade consegue, no máximo, sentir pela metade — o que é, segundo as minhas contas de criança de dez anos, igual a nada. Metade de um sentimento é nenhum sentimento. Ninguém sente pela metade, meus caros, sinto muito. Ou sentes tudo ou não vives nada.

— A vida são dois dias: um é para amar. E o outro é para ser amado.

Quando te abracei pela primeira vez foi isso que me passou pela cabeça: acredita-se nos números para derrotar os sonhos, mas por que raios não se usa os números para amar? Adoro fazer contas, talvez agora, no final do nono ano, escolha engenharias ou até matemática; interessa-me perceber o sentido da vida, conhecer a filosofia do que nos arrasta. É esse o motivo para existirem ciências exactas: para nos fazerem situar a emoção numa grelha contida, e para depois obviamente a reinventar. Existe o que tem de ser para sentires o que não pode ser: quase sempre um mais um, no que interessa, é igual a tudo — e não creio que haja matemático algum que me venha contrariar, e se vier não é matemático nenhum, só um desapaixonado sem lógica (e todos os especialistas em casas decimais sabem que um desapaixonado é um zero à esquerda, e à direita também). Nenhum humano resiste ao que, não tendo explicação lógica, logicamente é capaz de entender, ou então de sentir. Os apaixonados podem fazer a conta errada que mesmo assim chegam ao resultado certo.

— Antes só do que sem ti.

Quando casámos foi isso que me passou pela cabeça: um egoísmo humano, passe a redundância. Sabia que havia uma vida toda pela frente e que a dimensão do tempo era a dimensão da tua ausência. Dói-me o espaço que não preenchemos juntos. As horas são lentas, ferozes, depois de entender que não estás. Quero ocupar-me de ti para me sentir ocupado: colonizado, até, vítima de uma dependência que ninguém entende — e ainda bem: é sinal de que ninguém a sente assim. Há quem queira legislar sobre o amor, determinar o seu grau de equilíbrio, a sua perspectiva de futuro. A mim interessa-me apenas compreender como havemos de continuar ilesos, sem fazer a mínima ideia de onde vimos e para onde

vamos — mas sabendo que vamos juntos. É isso, no limite — e mesmo sem limites —, o amor: um lugar que não fazemos ideia de onde fica, um caminho que não fazemos ideia de para onde vai, mas para onde vamos juntos. O destino é certo quando a companhia é certa: somos os lugares que sentimos, nunca os que visitamos.

— Estou careca de saber que te amarei até morrer,
disse-lhe ela, com aquele sorriso maroto de quem sente antes de pensar, depois da última sessão de quimioterapia.

Amor: s.m. Local exacto de onde vem a dor. E local exacto de onde vem a cura para a dor.

Nenhum veneno mata sozinho.

A mim mata-me não te ter. Mata-me todos os dias acordar sem ti ao meu lado. Mata-me a certeza de que nada me falta se não me faltares. Mata-me tanta coisa — menos tu. E no entanto és só tu quem pode matar-me. O resto — o corpo parar, a respiração ceder — é apenas um organismo, não uma vida.

Ou se ama ou se é apenas um organismo em movimento. Antes morta que apenas um organismo em movimento, ficas agora a saber.

Nenhum veneno mata sozinho, não sei se já te disse.

Quero-te desde que a vida começou: talvez assim entendas melhor o que falo. Quero-te desde que percebi que me percebias, desde que percebi que me vias. Há tanta gente a olhar-nos neste mundo e só uma nos consegue ver, não é?

Sou tão feliz nos teus braços mesmo sabendo que nunca estive nos teus braços. Será isto o amor: saber que somos tão felizes naqueles braços mesmo nunca tendo estado, sequer, naqueles braços?

Nenhum veneno mata sozinho, repito. É preciso alguém que o receba, que o acondicione, que lhe dê calor. Nenhum veneno mata sozinho. Só amar elimina o veneno. O veneno da passagem dos dias, da passagem do tempo, da passagem da esperança.

Quando não se ama a vida é apenas a esperança a passar.

A minha, enquanto te tiver como meu, não passa. Sou uma esperançada crónica: aqui fica uma bela declaração de amor. Faz com ela o que quiseres, mas nunca deixes de me querer.

Quando pudermos vamos dar as mãos ao acordar, dar as mãos ao deitar. Basta dar as mãos para tudo valer a pena, já viste? A tua mão na minha e estou pronta para voar. Um dia vamos percorrer o mundo debaixo dos lençóis, prometo. É para isso que existem os corpos: para viajar. Quem nunca amou nunca saiu do sítio. E há tantas pessoas que precisam de fazer quilómetros para se mexer, coitadas.

Sou do lugar onde te amo. Sou do lugar onde sou amada. Pode ser pobre, pode ser pouquinho, pode ser exíguo. Mas é o lugar que me ocupa. O nosso lugar.

Quando acordar vou dizer-te isto tudo, prometo. Para já vou apenas olhar-te dormir. Consumir-te com o olhar. Entender que quando te pousas em mim te pousas completo, sem uma parte de ti desassossegada.

Amar é o antídoto para a paz — e a própria paz. Amamos para derrotar a sensaboria, para derrotar a morte. Ou se ama para sempre ou nunca se

amou. Pode não durar a vida toda mas amamos para sempre. Assim será connosco, garanto-te.

Daqui a nada acordo e acordo-te. Vou ver o teu sorriso por me veres acordar. Bastará isso para querer acordar. Obrigada.

O que se faz quando um filho nos sofre nos braços?

A minha menina (já tão grande: o mistério do crescimento de um filho é insondável) dobrada, vencida, ali, sem um movimento. A dor dela e o olhar dela no meu. Um grito surdo no ar. E eu aqui, com a impotência de nada poder.

Amar é saber que vai haver momentos de absoluta impotência, momentos em que tudo o que podes fazer nada pode fazer. Amar é poder tudo e saber que há momentos em que não poderás com tudo.

Uma mãe existe para amar, pouco mais. E eu fui a mãe que pude. Às vezes, eu sei, exagerei. Exagerei no que te pedi, quando te pedi que fosses perfeita — mas os pais são assim: querem os filhos perfeitos, talvez para taparem os pais imperfeitos que sabem que serão, que só conseguirão ser. Exagerei quando te disse que erraste e te castiguei porque erraste — quando estou farta de saber (como não o saber quando se vive o que já vivi, quando se erra o que já errei?) que só se erra quando se tenta, que só se fere e se é ferido quando se quer o que a vida é, o que a vida pode ser.

Amar é o que a vida pode ser, que nunca ninguém se esqueça disso. Amar é o que a vida pode ser.

Dizia-te que exagerei. Digo-te mais: digo-te que estou a exagerar, agora mesmo, quando te abraço, de olhos fechados, e te peço, ao ouvido, que lutes. Luta, por favor. Luta para ficar. Luta para aguentar. Luta para eu ficar, para eu me aguentar.

Amar é muitas vezes o que nos faz ir mas amar é sempre o único motivo que nos faz ficar: que nos faz aguentar. Quem não aguenta o que dói nunca amou, qualquer mãe sabe isso.

Uma mãe acontece quando os filhos lhe acontecem. E uma vez mãe: para sempre mãe.

Um dia pediste-me que te desse a possibilidade de conhecer o mundo, dois meses a percorrer as geografias que os sonhos te ditaram. Disse-te que não mas deixei-te ir.

Amar é dizer que não e deixar ir, ainda assim: uma anulação da lógica das palavras. Quem nunca disse não e permitiu o sim nunca amou, qualquer mãe sabe isso.

E lá foste. O mundo inteiro e tu, a certeza de que nunca respirei tão pouco e que nunca te sentiste a respirar tão fundo.

Amar é saber que muitas vezes temos de abdicar da nossa respiração para que quem amamos possa respirar fundo, respirar como quer. Quem nunca perdeu a respiração nunca amou, qualquer mãe sabe isso.

Quando voltaste eras a minha filha de sempre. Quando se ama ama-se as pessoas de sempre por mais mundo que mude nelas. Amar é a certeza de uma família, a certeza de um lugar conhecido, o conforto de um espaço para depor os medos.

És tu o que me faz ter medo por mais que seja por ti que não tenho medo de nada, qualquer mãe o poderá dizer. Qualquer pessoa que ame, passe a redundância (há lá alguma possibilidade de se ser uma pessoa sem se amar?), o poderá dizer. Dizes comigo, dizes?

Promete que vais errar. Promete que vais cair. Promete que nunca serás o mesmo, exactamente o mesmo, de cada vez que a vida te passar à frente. Promete que vais arriscar, promete que vais sentir. Promete que vais mexer-te, todos os dias, como um louco, a caminho do que desejas, a caminho do que desesperadamente te faz dançar, saltar, rir — ou até chorar, penar. O importante da vida, parecendo uma redundância, é estar vivo. Todos o sabem, tu também o sabes. Então por que raios ainda estás parado a ler isto? Vá: mexe-te.

Vai buscar a vida que tem de ser, os passos que tens de dar. Não te fiques com um não quando não é um não que queres ouvir. Não te submetas à impossibilidade. Toda a gente sabe que a impossibilidade é desculpa — e esfarrapada — de preguiçoso. Procura o que queres encontrar. Mas procura mesmo. Não faças de conta — como quase todos os que estão à tua volta — que procuras. Procura mesmo, esgravata — nem que doa, nem que sues, nem que sofras. Procura o que queres encontrar. Para procurar o que queres encontrar tens de pisar solo desconhecido, solo intocado, aquele solo que te arrepia inteiro, cada veia ansiosa, cada segundo como se uma mina estivesse quase a explodir. É isso estar vivo: sentir que cada momento é decisivo, que cada instante é imprevisível. Ainda não sabias?

Só os pobres coitados que não amam não se aventuram, ficam naquele mais-ou-menos doentio, naquela rotina sem sabor, naquele vai-não-vai que não leva a lado nenhum. Só quem não ama não prova. E há poucas coisas na vida mais importantes do que provar. Estás na vida para provar. Pela primeira vez, com medo mas com ousadia. Prova. É depois de provar que se ama. E felizmente há tanto para provar. Tanto, tanto. A vida é uma prova de degustação, uma infinita paleta de sabores. Saberás mesmo qual é o teu favorito?

Só quem merece estar vivo realmente vive. Só quem não cede ao politicamente correcto, só quem não se satisfaz com algo que é — a própria palavra o indica — apenas satisfatório. O satisfatório não me satisfaz: aqui está um excelente manifesto de revolta. Rebelate contra o razoável, rebelate contra o que não é nem deixa de ser. Porque o amor é o que nos tira desse estado de quase-morte, dessa sensação de estabilidade viciante. Mas que se lixe a estabilidade, que se lixe o que não mexe contigo.

Tudo isto para te dizer que preciso da tua coragem para sustentar a minha. Promete que quando voltares a trazes.

Seis da manhã, o despertador alto e o teu roncar ao lado, apanhar a roupa do estendal, dobrá-la a correr, colocá-la na bacia, ligar o ferro de engomar, correr para a casa de banho num instante, regressar à sala, passar a tua camisa, hoje é a verde, fica-te tão bem com as calças escuras que te ofereci no Natal, dar o primeiro toque nos miúdos,

tem de ser, vá, toca a levantar,

a cozinha por arrumar desde ontem à noite, preparar já o pequeno-almoço de toda a gente, o meu é o pão com manteiga a caminho do trabalho, o teu despertador já tocou mas calaste-o e viraste-te para o outro lado, fazes bem, precisas de descansar, os miúdos também ainda não se levantaram, já passa das sete e meia e não posso deixar passar mais tempo,

só mais um bocadinho, por favor, só mais um bocadinho,

mas não pode ser, há que levantá-los à força, vestir-me também eu num instante, hoje há tanto para fazer lá no escritório, entretanto já te levantaste, tens o ar carrancudo de sempre, e eu amo-te mesmo assim,

bom dia, dormiste bem?,

nem uma resposta como sempre, faz parte de ti e de nós, não faço questão de mudar o que de alguma forma nos sustenta, os miúdos tomam o pequeno-almoço à pressa, o autocarro está quase a passar na rua, quando formos ricos vou poder levá-los à escola, dar-lhes os beijos todos que queria dar-lhes, às vezes à noite acordo para isso, para lhes dar os beijos que durante o dia não tive tempo de dar,

até logo, portem-se bem, sim?,

e no fundo o que quero dizer-lhes com isto é que me perdoem por não ser o que eles queriam que eu fosse, o que eu queria ser, raios me partam se um dia não serei capaz de tudo o que quero fazer, para já tenho de me despedir de ti,

amo-te, amo-te, amo-te,

hoje disse-to três vezes, há manhãs em que são mais de três, depende do meu grau de culpa, do meu grau de insuficiência, do espaço que me falta ocupar por dentro do que sinto,

tens a roupa passada na mesa da sala, não te esqueças,

o teu acenar silencioso basta-me, é o acenar mais apaixonado do mundo, tenho a certeza, lá fora a rua cheia, as pessoas cheias, a pressa, parece que vai chover e só agora, que já estou a entrar no metro, é que me lembrei disso e não trouxe guarda-chuva, pode ser que tenha sorte e afinal não chova,

raios,

não tive sorte, chove a rodos e vou ter de correr, são quinhentos metros da saída do metro até à porta do escritório,

raios,

chego com mais três ou quatro quilos embebidos na roupa, ainda esboço um sorriso porque sorrir faz bem, mas não tenho para quem sorrir porque ainda não chegou ninguém, dois minutos depois chega o Faria dos Recursos Humanos com aquela cara fechada de sempre,

bom dia,

e ele, claro, não responde porque nem sequer me ouve, até que finalmente toca o meu telemóvel e vejo o teu número,

amo-te,

dizes-me simplesmente, e eu sei assim, tão simplesmente, que és a melhor mulher do mundo, e que se eu não sou o marido e a pessoa mais feliz que a Terra conheceu estou lá perto, ninguém tenha dúvidas sobre isso.

Ansiedade: s.f. Atestado de vitalidade. Se nunca estiveste ansioso
nunca estiveste vivo.

O problema do mundo é o excesso de expectativas. Acreditamos que será possível o que verdadeiramente não conseguimos. E depois dói. Dói como se o mundo, ele todo, acabasse ali, sem remissão. Sem recurso. Condene-se à morte o réu. O juiz decidiu: está decidido.

Condene-se à morte o que não nos salva: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Somos, hoje, muito menos do que fomos ontem. E queremos mais, tanto mais. É essa a ironia da vida: vamos ficando mais pequenos e as nossas ambições maiores. O corpo vai cedendo e nós, por dentro, a crescer, sempre a crescer.

Que nunca dependa o Homem do corpo: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Um dia tive um corpo de seis anos e a praia era pequena, havia as gaivotas, as ondas, os gelados, a pele escura sem querer, as raquetes, a bola leve puxada pelo vento, o olhar relaxado do meu pai, a atenção feroz da minha mãe, a adolescência viva da minha irmã, e a minha vida toda pela frente, só isso, e bastava-me isso, a vida toda por experimentar.

Que haja sempre sensações por experimentar: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Um dia tive um corpo de catorze anos e a praia era um esconderijo sem igual, havia a amiga que estava sozinha de férias, os amigos que se escapavam para simplesmente sermos amigos, as rochas serviam de escudo para a adultice dos adultos, as tardes eram de mergulhos e de primeiras vezes, o beijo que não sabia dar, as mãos a tremer, as pernas a tremer, a vida toda a tremer, e a temer, só isso, e bastava isso, os dias todos por tremer.

Que nunca faltem momentos para nos fazer tremer: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Um dia tive um corpo de trinta anos e a praia era a confirmação de que era adulto, na esplanada chamavam-me senhor e eu sorria, os meus filhos corriam e eu condescendia, jogava com eles, brincava com eles, comprávamos gelados juntos e eu fazia de conta de que era criança de novo, mergulhávamos juntos e eu fazia de conta de que era criança de novo, mas não era, era um adulto que por vezes perdia a paciência, um adulto com tanta coisa na cabeça, com tantas obrigações na cabeça, e por isso sem cabeça para a praia que me confirmava que era adulto, a praia que já não era o que podia ser, e basta isso, só isso, para também eu não ser, nada disso, tudo o que podia ser.

Que seja eu sempre o que sempre fui capaz de ser: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Um dia tive o corpo de um velho e a praia era uma imensa solidão, os meus netos brincam e saltam e eu salto com eles mas o corpo não deixa, os meus filhos são adultos e têm contas para pagar e falam das contas por pagar e berram e chateiam-se, ninguém quer saber das histórias que já contei mil vezes e queria contar outra vez, ao longe o mar não acaba e parece gozar com a minha finitude, sim, sou finito, e um dia digo aos que amo que os amo e que se amem, e basta isso, só isso.

Que baste uma praia e amor: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Não acreditava na importância da beleza até que a tua beleza apareceu. Mais ainda: não acreditava na existência da beleza até que a tua beleza existiu.

O mais inacreditável no que o amor nos faz é fazer-nos acreditar no que não existia. E que, bem vistas as coisas, continua a não existir — a não ser, e é isso que importa, no meio da nossa existência.

O amor é, na verdade, aquilo que só pertence à nossa existência e que por isso, só por isso, nos faz existir.

De maneira que, de um momento para o outro, existias tu. Estavas na parte detrás de um autocarro em que eu havia entrado sem querer, como muitas vezes, vezes demais, entrei em autocarros sem querer.

O mais inacreditável no que o amor nos faz é fazer-nos entrar sem querer onde desde sempre quisemos entrar.

Fiquei alguns segundos a olhar-te para te guardar (garanto-te que seria capaz de te pintar até ao milímetro se fosse pintor, ou de te desenhar até ao mais ínfimo pormenor se fosse desenhador ou lá como é que se chama a malta que desenha), pensei em três mil maneiras (contas por alto, que tenho a certeza de que pecam por defeito) de te abordar e limpei duas ou três lágrimas que, sabe-se lá como, me apareceram na pele.

O mais inacreditável no que o amor nos faz é fazer-nos chorar lágrimas que nem sabemos bem de onde é que vieram, mas que escorrem por nós como se fossem Deus (Deus pode muito bem ser o mesmo que amor, agora que penso nisso).

Inexplicavelmente ganhei coragem para me aproximar de ti no preciso instante em que ganhaste coragem para te aproximares de mim — mas apenas porque eu estava perto da porta e tu ias sair ali, logo ali, nesta paragem que não imaginava qual era mas que seria, tinha a absoluta convicção, a paragem em que eu, desde sempre, quis parar.

O mais inacreditável no que o amor nos faz é fazer-nos ser de lugares que nunca soubemos que existiam mas que são a nossa casa desde sempre.

Segui-te alguns metros (talvez cem ou duzentos) até que paraste frente a um homem cheio de estilo, cheio de bom aspecto, cheio de tudo o que eu, era assim que o espelho falava comigo, nunca tive nem terei. Percebi num instante que o querias mais do que a mim quando o beijaste com ternura e talvez algo mais, que eu não tive coragem e virei costas e fui em frente para longe de ti.

O mais inacreditável no amor é fazer dos nossos sentidos armas de

apaixonação maciça.

Estava já a mais de trezentos metros de ti, outra vez numa solitária paragem de autocarro, quando ouvi (não me perguntes como é que consegui ouvir de tão longe e com tanta gente na rua) a tua voz a dizer ao tal homem: «tinha saudades tuas, pai». Não demorei mais de cinco segundos a estar a um metro (contas por alto, mais uma vez) de ti.

O mais inacreditável no amor é precisamente o facto de ser inacreditável.

(carta a mim próprio dentro de dez anos)

Se estás a ler estas palavras: parabéns. Conseguieste superar mais uma década de vida, e se isso não é motivo mais do que suficiente para festejar mais vale desistires desde já de festejar.

Anota aí antes que me esqueça: poucas coisas na vida são mais importantes do que festejar, a não ser o amor, o que, se olhares com atenção, é exactamente a mesma coisa.

Agora que, espero eu, já festejaste, é tempo de te falar do que porventura podes ter perdido durante este tempo. É isso, na verdade, o que o tempo nos pode fazer: perder o que pensávamos possível, sobretudo sonhos.

Anota aí antes que me esqueça: poucas coisas na vida são mais importantes do que sonhar, a não ser o amor, o que, se olhares com atenção, é exactamente a mesma coisa.

À tua volta há-de haver sempre quem tenha desistido de sonhar. Há sempre, lamentavelmente, quem tenha desistido de sonhar. Há duas decisões, urgentes, que tens de tomar: antes de mais nada, não queiras viver os sonhos dos outros (viver os sonhos dos outros não é altruísmo: é estupidez; nunca nenhum estúpido realizou os seus sonhos, o que prova de forma clara que é de facto um estúpido: não conheço nada mais estúpido do que não realizar um sonho, tu conheces?); e depois, não menos importante, não te deixes rodear por realistas (os realistas são criaturas tóxicas, que se gabam de só olhar para a realidade, e que por isso só vivem a realidade, e que por isso são as criaturas mais infelizes do mundo, pois o que realmente interessa é o que não existe mas que tu, porque acreditas que pode existir, vais fazer existir; só quem olha para algo que não a realidade a pode alterar; nunca nenhum realista mudou o mundo; os realistas que se vão encher de moscas, pois então).

Anota aí antes que me esqueça: poucas coisas na vida são mais importantes do que acreditar na existência real do que não existe, a não ser o amor, o que, se olhares com atenção, é exactamente a mesma coisa.

Eu sei que, nestes dez anos, já sofreste muito; sei que certamente terás perdido muito: objectivos, guerras, jogos, apostas, momentos que julgavas felizes — e sobretudo pessoas, e sobretudo esperança. Perder pessoas é perder partes de nós, também o sei. Mas sei — tu não o saberás porque estás dorido (é isso o que o tempo nos faz quando não olhamos de fora para a sua passagem: deixa-nos doridos, e a dor impede-nos de tanta

coisa, até de ver) — que nenhuma perda te pode fazer deixar de esbracejar. Esbracejar com tudo o que és, por mais que custe, por mais que magoe, por mais que pareça impossível esbracejar. Esbracejar, esbracejar sem parar. Para que nenhuma dor se sinta confortável, para que nenhuma desistência pare em ti. Esbracejar. Até porque é assim — a esbracejar — que se começa a voar. Experimenta lá, vá.

Anota aí antes que me esqueça: poucas coisas na vida são mais importantes do que voar, a não ser o amor, o que, se olhares com atenção, é exactamente a mesma coisa.

A propósito: quantas vezes já voaste hoje?

- Nunca mais cá ponho os pés.
- Porquê, filha?
- Porque as pessoas daqui dão-me muitos beijos.

Luísa é assim: meia dúzia de anos de personalidade e de mau feitio. Para alguém assim, só interessa o que realmente interessa, sem paninhos quentes ou mornos — nem sequer frios. A vida acontece quase sempre quando recusamos os paninhos quentes ou mornos ou mesmo frios. A vida acontece quando nós queremos. E Luísa, meia dúzia de anos de gente, não deixa que a vida aconteça; exige que a vida aconteça.

- Queres mais bolachas?
- Ainda não acabei as que me deste.
- E voltas amanhã?
- Não. Só quando acabarem as bolachas.

Luísa é assim: meia dúzia de anos de desengano e de eficiência. Para alguém assim, só vale a pena regressar ao lugar onde nos dão bolachas quando as bolachas que temos acabarem. Pode parecer frieza, desprezo, desumanidade; mas não é: é felicidade. A felicidade acontece quando percebemos que só precisamos de mais bolachas quando as bolachas que temos acabarem. E Luísa, meia dúzia de anos de gente, não deixa que a felicidade aconteça; exige que a felicidade aconteça.

- Se deixares de usar a chupeta ofereço-te uma coisa.
- Qual coisa?
- Tu escolhes.
- Está bem. Vou pensar nisso.

Luísa é assim: meia dúzia de anos de excesso e de contenção. Para alguém assim, só interessa fazer se fazer compensar. O erro de muitos que não são assim é querer fazer por fazer, agir por agir, tentar por tentar, querer por querer. Pior: cobiçar por cobiçar ou porque outros o cobiçam. Que estupidez. Para executar é, por vezes, necessário pensar com paciência antes, sem precipitações, sem temeridades. Sem criancices, corrigiria de forma célere Luísa, com a sua maturidade prática: a sua maturidade sonhadora. As melhores decisões são as que tomamos assim:

debaixo de uma maturidade sonhadora, uma maturidade que não deixa de ser maturidade nem deixa de saber voar. Pode parecer impossível, impraticável, ilusão; mas não é: é magia. A magia acontece quando percebemos que a magia não existe, e que mesmo assim é a coisa mais importante da vida. E Luísa, meia dúzia de anos de gente, não deixa que a magia aconteça; exige que a magia aconteça.

— Queres o croissant de chocolate?

— Não.

— Queres vir comigo ao parque?

— Não.

— Queres ver os desenhos animados?

— Não.

Luísa é assim: meia dúzia de anos de lição e de simpatia. Para alguém assim, as palavras são todas iguais, sejam mais ou menos apreciadas, sejam mais ou menos suportáveis ou insuportáveis. A simpatia é a verdade. Se não quer o que lhe dizem para querer, recusa. Nem sequer entende porque haveria de aceitar ou fazer de conta que aceita se na verdade não quer aceitar. Se não quer: diz que não quer. Há lições que são complicadas apenas por adultice, a doença que faz com que os adultos sejam capazes de tudo menos de criancices. E Luísa, meia dúzia de anos de gente, não deixa que os seus desejos aconteçam; exige que os seus desejos aconteçam.

— O que queres ser quando fores grande?

— Eu.

Luísa é assim. Quando for grande quero ser assim também.

Antídoto: s.m. Única salvação para o que nos ataca; o mesmo que amor.

Um dia uma mulher inventou uma nova arte marcial, à qual chamava life combat — que consistia simplesmente na aprendizagem de táticas de defesa pessoal contra a vida.

Dizia: passamos a vida a defender-nos do que não nos faz mal; ou melhor: passamos a vida a defender-nos do que é consequência e nunca causa. A causa de todas as coisas é a vida. Inclusivamente das más.

Em pouco tempo o life combat, que começou por ser uma arte marcial de nicho, para poucas pessoas, transformou-se num fenómeno, sobretudo depois de, na sua primeira aparição na televisão, a mulher ter provado que conseguia defender-se de realmente tudo — até das questões idiotas do apresentador, que julgava poder humilhá-la em directo e acabou por ser persuadido por ela em directo, e acabou por se sentir emocionado em directo, e que acabou por se converter em directo.

Dizia: a base teórica do life combat é a prática. A base teórica da resistência à vida, da defesa face aos malefícios da vida, é a prática. Praticar o que há para praticar contra o mal que ela, potencialmente, sim, mas sobretudo realmente, nos quer fazer. A vida, na realidade, é dependente de nós, das decisões que nós, face a ela, tomamos. A vida é uma fraquita. E é por isso que é a coisa mais forte do mundo.

No pico do seu sucesso, a mulher correu o planeta a ensinar a sua arte. Foi recebida com honras de chefe de Estado em muitos países do globo, foi capa das principais publicações das maiores nações que a Terra conhecia, sentiu com os braços e as mãos muitos milhares ou milhões de pessoas. Até que o impensável aconteceu.

Dizia: o grande golpe do life combat, o golpe mortal, aquele para o qual até hoje não se encontrou defesa efectiva, é aquele a que eu chamo abraço. Trata-se de um golpe de simples execução, que consiste em rodear o nosso adversário (que depois deixa de ser adversário e passa a ser amigo) com os nossos dois braços unidos. De seguida só temos de apertar o suficiente para ser apertado mas não o suficiente para magoar. O abraço, como todos os golpes do life combat, não quer magoar; quer, isso sim, libertar do que magoa. Por mais mal que a vida nos queira fazer, está provado cientificamente que ninguém resiste a um abraço. Nem a morte resiste a um abraço. Já várias vezes se evitaram mortes através do abraço. Ainda ontem, num hospital, salvei, com este golpe milagroso, que inventei num dia de rara inspiração, várias vidas. Pessoas que estavam moribundas, apáticas, tristes, e que de repente começaram a sorrir e que, já algumas me telefonaram hoje a avisar, estão agora de pé e prontas a derrotar, e por isso

a vencer, a vida.

Foi num fórum radiofónico que a bomba explodiu. Um homem acusava a mulher, a inventora do life combat, de ter plagiado uma ideia sua. Uma ideia que, relatava o indivíduo, consistia na incrível capacidade de transformar o que nos podia ferir numa espécie de ternura: uma antidor, talvez. Tratava-se de algo ainda em fase experimental, em versão beta, e ainda sem denominação oficial. Chamava-lhe, temporariamente, amor.

«O mundo é dos fracos. É deles que reza a História», conta Heitor, sessenta e dois anos de vida, sentado, cigarro nos lábios e sorriso na boca, na sua caixa de cartão. «Quem manda nesta porcaria toda não vale nada. Foi quando percebi isso que desisti de um emprego, de uma vida. Quando percebemos que quem manda não vale nada temos de não valer nada também para andar por lá. Jamais me admitiria isso», acrescenta, mais uma passa, o olhar sobre a mancha de rugas, suja, a perder-se no horizonte, a barba quase toda branca, décadas de rua na pele. Ao lado, no centro da cidade, ouvem-se as buzinas, a hora de ponta, as pessoas a correr a caminho dos horários. «Sou um homem realizado com o que consegui fazer da minha vida. Não tenho razões de queixa, nunca tive. Não me falta nada. Quando era pequeno queria ser livre, só isso. Acho que consegui, não lhe parece», pergunta, no final dos olhos sente-se-lhe que o mundo lhe dói mas que apesar de tudo resiste. «O que mais me custa no meio disto tudo é saber que a minha família sofre quando sabe que eu sou isto. Mas a minha família não sabe de nada, como ninguém sabe de nada. Passo o dia a ver passar o dia. Foi para isso que nascemos, por mais que a propaganda dos que mandam diga que não. Nascemos para viver, não é? É tão simples que ninguém entende. Uma vez, quando era puto, quis esconder o meu brinquedo favorito e coloquei-o no meio da sala, à vista de toda a gente, e ninguém o viu, só o meu melhor amigo, o Diogo. É isso o que acontece com os adultos: estão cegos do difícil. Não acreditam em facilidades, dizem que a vida é complicada. Mas, pode ter a certeza, isto não tem nada de complicado. É estar vivo para viver. É isso o que eu faço. Ter pena de mim dá-me pena. Quem não me percebe não percebe nada», o cigarro já acabou, o sorriso continua, talvez seja uma lágrima aquilo que lhe cai de um dos olhos mas também pode ser só suor, o sol alto a dar a ver todas as imperfeições que há para ver. «Já fui um homem respeitável mas agora sou um homem feliz. Já vi tanto, já senti tanto. Estamos aqui é para sentir, não é? E pouco perdi e pouco tenho a perder. Quando nada se tem a perder tudo o que vem é ganho. No fundo o segredo está na matemática, quem diria? Eu sempre adorei matemática, as fórmulas e tal. O meu irmão também era muito bom nisso. Agora é médico, dá-me uma ajuda quando me dói alguma coisa, nada de grave até ver, a falta de stress pode ser também a falta de doenças, acredite. A minha mulher era advogada, passa o dia a tratar da justiça, que injusto. Quando os vejo dá-me vontade de chorar. Tenho vergonha. Por eles, claro, não por mim. Não sabem o que é viver. Trabalham metade do dia e dormem a outra metade. Pelo meio têm,

às vezes, umas horitas de vida. São mais velhos do que eu mas viveram menos de um terço do que eu vivi. Chamam luxo a uma casa com piscina ou a um monte de chapa com rodas. Viajam uma ou duas vezes por ano para lugares de luxo fabricado, de felicidade enlatada. Que pobreza. Quando olharem para trás vão encontrar o que já não terão forças para procurar. Nem todos nascemos para ter o meu estilo de vida. Isto exige coragem e sobretudo bom gosto. Nem todos o têm, garanto-lhe. A vida, anote aí isso, é encontrar enquanto podemos procurar. Às tantas damos por nós sem termos encontrado nada e sem tempo, ou força, para procurar. Esta coisa divide-se em dois tipos de pessoas: as que ganham a vida; e as que perdem a vida. Agora tente lá perceber de que lado está», desafia. E eu ainda continuo a tentar perceber.

(diário de um humano)

Quinta-feira.

O ódio é uma incapacidade de amar, uma insuficiência emocional. Nenhum apaixonado odeia. Só os infelizes querem mal, pois é essa, no fundo, a única forma de querer correspondida que encontram. Quando for grande quero estar apaixonado, nada mais.

Sexta-feira.

Eventualmente sou um fraco, mas efectivamente preciso dos outros. Preciso de quem amo. Os mal-amados chamam-lhe dependência, eu chamo-lhe felicidade. Será, pela certa, a mesma coisa. Eu prefiro a minha denominação. As palavras são desprezadas e valem tudo. Um dia, só por diversão, experimentei chamar amor ao que sentia por ti e acabei a amar-te. Nunca mais repeti a brincadeira.

Sábado.

O cansaço cansa mas também alimenta. Fere mais a impossibilidade do cansaço, a liberdade absoluta. Ninguém é livre sem uma ponta de limitação. Corre-se para fugir à asfixia, e que seria de nós sem uma asfixia para nos fazer correr? Valoriza-se em demasia o produto e tão pouco o processo. A alegria está no meio, nunca no fim. Quem nunca viveu que atire a primeira pedra.

Domingo.

Há um pedaço de monstro em cada um de nós, que se revela, felizmente, apenas em momentos de absoluta inconsequência. Ninguém está imune à maldade, ao diabo que, por vezes, nos corre nas veias.

O que faz a diferença é o que fazemos com ela. Há quem faça algo de mau com a maldade. Eu prefiro fazer amor, como que maldosamente a dizer ao mundo que é para isso que aqui estou. A maldade resiste a tudo menos ao amor. Que crueldade.

Segunda-feira.

Escreve-se para não implodir, numa espécie de não-morte temporária. Quando não escrevo sai algo tóxico do mundo. E quando escrevo também — mas consigo suportá-lo. Nenhum poeta vive sem amor, mesmo que

tantos poetas escrevam por falta de amor. Mas até a ausência de amor significa a sua presença, o seu fantasma — ou até a sua chegada ao virar da esquina. Pode até haver poemas sem palavras — mas nunca sem amor.

Terça-feira.

Nos dias de calor, há instantes em que o corpo deprime, mesmo que dilatado. Nas praias celebra-se a vida possível, as crianças constroem castelos de areia que uma qualquer onda, mais tarde, destruirá sem misericórdia. É então que elas, as crianças, sorriem ou choram, e sem hesitar começam a construir um novo castelo, com novas muralhas em redor, sem saberem que é isso, construir castelos cada vez mais fortes a cada castelo destruído por uma qualquer onda, a vida. Os adultos, esses, limitam-se a estar quietos, a ver o tempo passar. E depois queixam-se de que o tempo passou mesmo.

Quarta-feira.

O riso aproxima-nos da dor de uma forma perigosa. Há uma pitada de ironia em cada gargalhada, como se no fundo estivéssemos na antecâmara do que dói. E estamos, como é evidente. Nada dura para sempre, sobretudo uma gargalhada. O importante é rir para bem longe da consciência, para o contrário da realidade. Ri-se para aguentar o insuportável, é isso. Ehehehehe.

«A derrota é uma faca espetada na sobrevivência, a adaptação exige inteligência mas sobretudo Humanidade, perceber que por mais que se perca tudo há ainda tudo para ganhar.»

Aquelas palavras, ditas pelo réu diante do juiz, fizeram com que se lhes seguisse um silêncio estranho, e todas as adaptações exigem pelo menos uns segundos de silêncio estranho, até que se passe, depois, a um silêncio natural: a uma normalidade forçada, digamos.

«Quer então o meu caro senhor alegar que fez o que fez porque sofre de excesso de Humanidade, é isso?»

O juiz, com um sorriso fino nos lábios, quis jogar a cartada dos pobres: a humilhação. Mas só pobres de espírito sucumbem a estratagemas pobres.

«Não estou aqui para justificar; estou aqui para amar. Sugiro que o meritíssimo faça a mesma coisa. Vai ver que vai valer a pena.»

A assistência, de não mais de cinco ou seis pessoas, quis sorrir mas aguentou-se. O mais pobre é o que tem de aguentar o que o faria feliz.

«Gosto da sua filosofia de pacotilha. Acho-lhe piada, devo confessar. A lei é que não. E é, temo informá-lo, ela que decide.»

Apesar de as palavras indiciarem o contrário, o certo é que o juiz continua com aquele sorriso de escárnio nos lábios. Talvez agora lhe passe.

«Bem sei que a lei, além de cega, é burra. Um fora-da-lei é um dentro-da-vida, alguém com a capacidade para olhar para o lado. Qualquer burro sabe que, com regularidade, o segredo para andar em frente é olhar para o lado, perceber onde estamos, porque estamos, quem somos, e só depois seguir em frente, para o caminho certo.

O caminho certo é, frequentemente, qualquer burro o saberá, a opção errada.»

Para já não há reacções na sala, somente três ou quatro pessoas a abanarem a cabeça de forma reprovadora, não sabem ainda bem porquê, talvez com medo do que possa aí vir. Irritar um juiz não é, regra geral, um acto ajuizado.

«Admiro a sua postura intrépida. É de pessoas assim que se faz o mundo. E a cadeia também faz parte do mundo, não é verdade?»

O ataque foi baixo, rasteiro até. Qualquer um, no lugar deste réu, estaria, por isso, de rastos. Mas este réu não é qualquer um.

«A cadeia não é um lugar, meritíssimo. É um estado. Não se está na cadeia; sente-se cadeia. Como se sente tristeza, como se sente alegria. Sente-se cadeia. Eu não sinto a geografia. Só está preso quem não se sente livre. E isso pouco ou nada tem que ver com o lugar onde estamos.

Se me for dada ordem de prisão não deixarei de ser a pessoa livre que sempre fui. Continuarei a pensar por mim, a sentir por mim. O resto são apenas contextos. Alguns dos mais belos poemas da História da Humanidade foram escritos em contextos terríveis: guerras, prisões, lágrimas. A poesia não ocupa espaço; constrói-o. Por falar nisso, venha daí a sentença, que já há muito que não leio um poema.»

Desta vez o público não aguentou: ouviu-se primeiro um aplauso tímido, depois dois, finalmente três, rapidamente calados pelo martelo que bateu com estrondo na madeira.

«Está encerrada a audiência. Em poucos minutos deliberarei. Que se evacue a sala.»

No final, a sentença foi cruel: inocente, e por isso culpado.

«Detenham o criminoso», decretou enfim o juiz, segundos antes de ser detido pelos guardas que apenas cumpriram a sua ordem.

Antiguidade: s.f. Aquilo que ensina quase tudo sobre a dor — menos a suportá-la.

«Encontrar um amor não exige qualquer tipo de procura; apenas uma distração activa, por assim dizer, estar distante para que a aproximação não imponha explicações. Assim que a cabeça regressa pode sair o que nos faz perder a cabeça.»

Era uma abordagem incomum, aquela, naquela manhã de segunda-feira, numa aula que seria uma aula como outra qualquer não fosse dar-se a estranha coincidência de estar prestes a juntar duas pessoas que nunca se tinham juntado antes — e uma das partes mais lindas da vida é aquela em que nos juntamos a quem nunca nos tínhamos juntado antes, não é?

«O divino exige fé, nada mais. Há o inexplicável ou o vazio. Viver é sustentar o mistério, não gastar as palavras. O amor é ficar a meio da plenitude, e só assim nos sentirmos plenos. O amor é a paz viva, a serenidade livre. O amor é também o que nos faz ver, mesmo que sirva sobretudo para nos cegar do insuficiente. Dentro do que se ama vê-se com o que se sente, nunca com o que se olha. Não há, na História completa da Humanidade, um único caso de alguém apaixonado e ao mesmo tempo razoável. Amar é inacreditável, só um descrente não acredita nisso.»

Na última fila, um rapaz de quem não diremos o nome (os nomes são conjuntos de letras indecifráveis em si mesmos; cada pessoa devia ser chamada pelo que sente, nada mais; todos os dias, passo a passo, íamos assim alterando os nossos nomes, de forma a que o outro, com clareza, soubesse o que interessa e não algo tão supérfluo quanto uma denominação aleatória; hoje, por exemplo, este rapaz de quem falamos iria chamar-se «desânimo», e já que falamos nisso vai ser mesmo assim: este rapaz vai chamar-se desânimo; assim mesmo: Desânimo). E está então o jovem Desânimo na última fila a ouvir as palavras que nem sequer ouve, ao invés tecla com veemência no telemóvel, na sequência de uma noite anterior em que tentara, sem efeito, seduzir uma vizinha numa festa qualquer. São tantas as noites em que tentamos seduzir uma vizinha qualquer e acabamos perdidos numa solidão qualquer, à espera de uma salvação qualquer. A vida é, se pensarmos bem nela, somente isso: acabarmos perdidos numa solidão qualquer à espera de uma salvação qualquer.

«O que nos salva é a surpresa, aquele improvável momento em que algo nos retira da distração activa e nos encaminha, sem justificação, para um espaço desocupado dentro de nós. O amor é a descoberta de um espaço desocupado dentro de nós. E, mais improvável ainda, um espaço desocupado dentro de nós que nos preenche por completo: um falso

espaço, por assim dizer. O amor retira-nos a possibilidade de fuga porque nos ocupa, num processo de colonização à força, involuntário por mais que o queiramos, desde esse instante, mais do que tudo. Amar é querer involuntariamente, diria um poeta, e por isso o digo eu.»

Desânimo não ouviu as últimas palavras, não por culpa do telemóvel ou da vizinha; Desânimo não ouviu o telemóvel porque uma das coisas que o amor, quando nos ataca, produz é surdez: absoluta e inultrapassável surdez, Deus o ouça.

«Quero-te involuntariamente.»

Ouviu-se, vindo do fundo da sala. Todos se riram menos a professora, que voluntariamente pediu a todos que se retirassem e requereu ao nosso caro Desânimo que explicasse e formulasse, olhos nos olhos e imediatamente, o que acabara de dizer, sem saber que acabara de lhe mudar o nome para sempre.

Sou incapaz do satisfatório. Sou viciado no excessivo. No que nos leva o chão e nos deixa assim: perdidos de bom ou perdidos de mau. Se é razoável não me serve, se é suportável mata.

Viver é excessivo ou então é incompleto.

O problema em ser viciado no excesso é a falta, cada vez maior, de excessos. Há uma crise de excessos e uma abundância do que é certinho. Pior ainda: há uma mania, crescente, de atacar o que sai dos limites. Que tristeza.

Se não sai dos limites é limitado: que dificuldade tem entender isto?

Hoje senti que nos falta algo — e percebi, logo aí, que nos falta tudo. Perdoa-me a minha exigência, mas não consigo amar o que não é supremo, o que não me ocupa, o que não me tira do sítio. Ninguém merece ficar no que o satisfaz — no que apenas o satisfaz. O satisfatório não me satisfaz; o satisfatório não deveria satisfazer ninguém.

Antes um momento de euforia do que uma vida de satisfação.

Vai doer. Eu sei que vai doer. Vai custar. Custa sempre despregar do que satisfaz. Sentimo-nos perdidos, incapazes, apeados de uma segurança que nos vicia. Somos todos viciados no satisfatório, no mais-do-mesmo. Somos todos viciados no que nos equilibra. Mas o equilíbrio é banha da cobra, aprendi há muito.

O inesquecível nunca é equilibrado.

O equilíbrio que se dane. E é por isso que o que importa nesta vida é o que nos desequilibra: uma paixão, um toque, uma mudança, uma decisão, um desafio, um mistério, um fascínio. O que nos tira de nós é o que nos desequilibra de nós: o que nos liberta do comedimento. Nunca o comedimento mudou o mundo. Coitado de quem sempre se conteve. Desgraçado de quem se contenta.

O mais incrível no mundo é existirem sempre novas maneiras de nos contentarmos.

Não estou, em nós, contentado. Sinto que fomos longe demais quando insistimos. Já há muito que somos apenas satisfatórios — um casal que se entende, um casal que partilha, um casal que se compreende. E ainda assim a milhas de ser aquilo que, para mim, também tem de ser um casal: ebulição, surpresa, magnetismo, sedução, inquietação, alvoroço.

Dá-me paz mas nunca abduques de me desassossegas.

Hoje percebi que já fomos o que tanto queríamos ser. E ficou lá, inesquecível, a equilibrar-nos agora. Mas há muito tempo que só vivemos o que esqueceremos. É nessas alturas que a teimosia se deve esquecer.

Amar-te foi bom enquanto durou, apesar de ainda te amar. Mas o que não amo, o que nunca suportarei amar, é o que não me faz o sangue correr mais depressa, as veias saltar, as pernas tremer, o mundo mudar.

Um amor ou serve para mudar o mundo ou não serve para nada.

Fui teu. Absolutamente teu. Inteiramente teu. Inesquecivelmente teu. Irrepetivelmente teu. Avassaladoramente teu. Ninguém nos tirará o que vivemos, que fique isso sempre bem claro. Mas é tempo de procurar, outra vez tempo de procurar. Procurar ressuscitar, nascer de novo, talvez. Não porque não te suporte, apenas porque nos suportamos demais. E se há excesso que não tolero é esse: o daquilo que suportamos para nos aguentarmos.

Aguento tudo menos o suportável: antes o quase-caos do que o quase-tédio.

Quando leres estas palavras não penses que não te amo. Amo-te. E é por isso que não te posso amar mais.

«O sonho é o passatempo dos poetas», leu-lhe ela, a cabeça pousada no ombro, a praia inteira a desfilar no irónico paraíso de um calor infernal. «Há dois tipos de pessoas: as que sonham; e as que estão mortas», continuou. Ele continuava com os olhos postos no jornal, incêndios por todo o lado, dívidas por todo o lado, assassinatos por todo o lado. «Ama-se para contornar a dor, e é muitas vezes por amor que a dor surge», desta vez é mesmo ele quem lê para ela, numa qualquer crónica mais leve no interior da revista dominical. «As feridas são sintomas de vida, espaços preenchidos, uma pessoa sem feridas é um cadáver», não se sabe se foi lido em qualquer lado ou se saiu da cabeça dela, certo é que ele, ao ouvi-lo, levantou-se e em segundos já estava a mergulhar no mar, e em minutos já estava, cabeça partida, a dar entrada de urgência no hospital mais próximo. «Matadouro de orgulhos», escreveu ela, à mão, a marcador vermelho e com letras bem gordas, na entrada do quarto onde ele tentava recuperar, depois de ver que o pai, com quem já não falava há mais de vinte anos, o viera visitar.

Era um casal com mais de cento e dez anos. Ela tinha sessenta anos, ele mais de cinquenta. Naquele dia, iriam receber em casa o seu único filho, que já não viam há mais de duas décadas — e que estava, agora, talvez para sempre, paralisado da cintura para cima. Ele chegou, a cadeira de rodas impecável, topo de gama, empurrada pela fiel mulher, uma menina tão jovem quanto fascinante. «Viemos para amar», foram as únicas palavras que ele, com dificuldade, conseguiu articular. «O que ele queria dizer é que viemos para tentar», acrescentou ela, e seguiram ambos para o quarto que lhes estava destinado, mesmo junto à entrada para não terem de andar muito. «Olham-me sem barreiras», comentou ele, ao jantar, ao perceber a maneira como os pais o procuravam.

«A saúde é mentirosa: quando a temos acreditamos que somos imortais», explicou ela. «Só a fragilidade nos torna humanos», finalizou, segundos antes de o beijar com ternura.

«Estava fria como as palavras do meu pai», ele falava assim da água e ela ouviu-o, ali, a sair de mais um mergulho no mar, e sorriu. «Ama-se como se pode», comentou. «Ninguém ama o outro sem passar por si mesmo: ama-se o que o outro é depois de passarmos pelo que nós somos; é como um filtro de impotência, um mapa rasgado: se não és capaz de encontrar em ti o espaço que o outro ocupa perdes-te sem remissão», escreveu num

papel que ele, provavelmente, leria mais tarde. «Somos viciados em possibilidades e é por isso que a velhice e a doença magoam: retiram-nos, de vez, muitas das possibilidades que antes, antes de sermos velhos ou doentes, víamos como naturais: o teu pai não é má pessoa; ser má pessoa é a única possibilidade que, para si, é viável. No limite: ser má pessoa é a única forma que encontra de se sentir, sequer, uma pessoa», finalizou, no tal texto que escreveu no guardanapo do croissant que ele, carinhosamente, lhe trouxe.

«Vou sentir a falta de não lhes sentir a falta», explicou ele no funeral dos pais. «Ama-se contra o que for preciso: até um espaço vazio nos pode ocupar», responderia ela, não fosse dar-se o caso de, depois do divórcio da véspera, já não estar lá.

Aventura: s.f. Aquilo que te tira a respiração e, por isso mesmo, aquilo que te faz respirar.

O Presidente disse: «haverá, em todas as casas, um medidor de intensidade. Através dele, o Governo poderá avaliar, em tempo real, tudo aquilo que, sob o nosso ponto de vista (sustentado em pareceres que obtivemos de especialistas em vida: crianças, loucos e génios), é fundamental para a prosperidade do nosso país: a intensidade e periodicidade dos abraços, a intensidade e periodicidade dos beijos, a intensidade e periodicidade de qualquer forma de carinho. Deste modo, toda a nação terá assegurada a permanência do seu bem mais escasso: o amor. Que das minhas palavras se faça decreto», decretou.

E assim foi.

A Criança disse: «tudo o que é obrigatório é uma seca. É por isso que, muitas vezes, viver se torna uma chatice. A única maneira de estar vivo é não viver por obrigação. No outro dia o meu pai obrigou-me a brincar e eu achei que brincar não presta para nada. O mais fixe é inventar. E para inventar não pode haver coisas obrigatórias. O medo assusta a imaginação. Se pensar que tenho de abraçar abraçar não presta para nada. E eu adoro abraçar, como adoro brincar. Obrigar a amar a minha mãe e o meu pai é uma seca. E eu adoro amar, que fique isso registado», registou.

E assim foi.

O Louco disse: «a vida serve acima de tudo para viver aquilo que não serve para nada. Um poema, um salto, uma dança, um beijo de língua. Não servem para nada. Nada. Zero. E no entanto é para isso que aqui estamos. Posto isto, não faz qualquer sentido que se imponha o que não serve para nada. Impor o prazer é matar o prazer, inibi-lo. Nenhum orgasmo surge por obrigação. Trocando isto por miúdos, se a Criança, aqui ao meu lado, me permitir: impor a existência de amor, vigiar o amor, é uma loucura. Que ninguém queira legislar e colocar as mãos sobre aquilo que nos foge da mão», decidiu o Louco.

E assim foi.

O Génio disse: «uma das leis fundamentais da física ensina-nos que o amor contém as fórmulas que controlam o universo. Para dominar o mundo não é necessário controlar a ciência; é apenas necessário controlar o amor. Qualquer cientista de meia-tigela o sabe. Outra das leis fundamentais da física mostra-nos que toda a gente resiste a tudo excepto ao que sente, o que o coloca no patamar do inexplicável, algo que não é, claramente, a minha especialidade. Sou viciado em razões e por isso uma nulidade em emoções. Que fique escrito que se precisam de quem explique o porquê de um abraço escolheram a pessoa errada, e que suspeito bem que não haja,

nesta disciplina, a pessoa certa», pediu.

E toda a gente o abraçou.

O Presidente disse: «haverá, em todas as casas, um mecanismo que a nossa Equipa de Emergência conseguiu, após aturada e exaustiva investigação, criar. Um mecanismo tão poderoso que fará com que todos os problemas, por mais complicados que possam parecer, se possam resolver; um mecanismo tão poderoso que conseguirá que, por mais diferenças que existam, todas as pessoas se consigam entender. Um mecanismo, em suma, que revolucionará o mundo e a vida tal como a conhecemos. Chamamos-lhe, por sugestão da Criança, família. Que em todas as casas haja uma», decretou.

E assim foi.

(um vício)

Sou viciado em defeitos. Naquele pedaço que ficou ao lado do que tinha de ser. O génio está no que tinha de ser o que não tinha de ser. O génio está no defeito, nunca na perfeição. Todas as ideias que mudaram o mundo fizeram-no porque era necessário mudar o mundo. No limite: o mundo só avança porque não poderia continuar parado. É para isso que existe o defeito: para fazer olhar para o que não pode continuar na mesma. Nunca ficou na história aquele que continuou o que quer que fosse. O génio é o que muda, o que introduz um defeito no sistema. O génio é o que sistematicamente corrompe o sistema. No limite: o génio é o que falha melhor; ou melhor: o que encontra a melhor maneira de falhar. A falha mais avançada, digamos. A falha mais transformadora. É isso que estamos, o que temos de estar, aqui a fazer: a procurar as falhas que nos servem melhor. A mim serve-me sempre a ovelha negra, jamais o rebanho.

(uma abominação)

Abomino a intelectualidade fascista. A intelectualidade que quer ditar, que quer impor. O intelectual é o que pensa em liberdade — mas é, mais ainda, o que deixa pensar em liberdade. A intelectualidade fascista quer definir o certo ou o errado, o bom e o mau, o correcto e o incorrecto. Que burrice. Nada é intelectualmente desinteressante, eis o que realmente me interessa abordar. A poesia está por detrás do autor. Mais: a poesia é o encontro, raro, entre um poeta que escreve e um poeta que lê. Interessa ainda perceber que nenhuma arte se faz imortal por decreto, e que nenhuma revolução se faz sem críticos. Encontrem-me alguém que ficou na história que não tivesse inimigos e estarão a encontrar alguém que, afinal, nunca ficou na história. Não é dos fortes nem dos fracos que se faz a história; é dos livres.

(uma paixão)

Apaixona-me o mistério. Não saber de onde vim, por exemplo, permite-me sonhar que sou o que provavelmente nunca fui. A folha em branco acontece para que tudo se preserve mesmo quando tudo muda. Recomeçar para tentar de novo. A arte é o que a realidade não conseguiu dizer, uma impossibilidade científica. Explicar Picasso é um tratado profundo de física quântica, talvez. E o amor. Ah, o amor.

O segredo que sustém a humanidade. Descubra-se hoje de onde vem e como se fabrica e o mundo terminará amanhã. Ninguém suporta a

sabedoria completa, é só por isso que ela não existe. Ama-se por insuficiência, porque a explicação escasseia. É pelo menos por isso que amo: porque algo em mim fica por explicar, e eu adoro. Amo para me apaixonar, passe o pleonasmo que afinal não é pleonasmo nenhum. Ama-se para que algo nos apaixone, e de tantas coisas que amamos há uma que nos apaixona certamente mais. É isso o mistério: um amor que nos apaixona, um saber tão pouco do que nos sabe a tudo. Uma corda rija apontada à garganta e que ainda assim nos faz saltar. Amo por defeito, e obviamente por excesso, lamento.

(uma provocação)

O teu corpo inteiro sobre o meu. Ou o meu corpo inteiro sobre o teu. Ou a existência dos teus olhos ao redor de mim. Ou a maneira como lentamente te esqueces dos teus lábios quando sentes os meus. Provoca-me não te saber resistir, alguém saberá? Deus queira que sim, mas eu não.

Azar: s.m. Aquilo que acontece a quem não ama.

Passava o dia, todos os dias, há mais de trinta anos, a contar os abraços que ia vendo. Percorria as ruas de todas as cidades — ia à boleia na maioria das vezes e fazia questão de se despedir com um abraço bem apertado — e anotava, num pequeno caderno negro, o número de abraços que encontrava pelo caminho.

«Sou um contabilista de afectos, um engenheiro de cumplicidades. Quero construir um diagrama de amor: perceber se existe alguma relação de causa-consequência entre o número de abraços e factores tão objectivos como a localização da cidade, a temperatura do ar, se está sol ou chuva. No fundo: quero ser a base da implementação de uma estratégia que dinamize a ocorrência de abraços e, por óbvia inferência, de amor. E para tomar medidas é preciso pesquisar, pesquisar muito, pesquisar tudo. Escusam de agradecer», pedia, com assertividade, aos seus amigos e familiares mais próximos.

«Amor», explicava a quem, com curiosidade e evidente desconcerto, lhe perguntava o que raios andava a fazer com a sua vida. «Sugiro que façam o mesmo», aconselhava.

«Chamo-lhe Bíblia do Amor e dividi-a em milhares de pequenas epístolas, versículos e mensagens variadas, sustentadas empiricamente. É importante que consigam, com esta Bíblia, doutrinar as pessoas: as novas pessoas. Estou em crer que, depois deste momento, a História da Humanidade tomará um novo rumo: o rumo que, afinal de contas, sempre foi defendido por todos mas praticado por quase nenhuns, como o meu estudo inequivocamente demonstra. Nele, aponto soluções práticas e claras para disseminar o amor — representado, neste caso, pelo abraço. Uma das medidas, só para entender mais claramente e desde já do que falo, consiste em algo tão banal como criar Salas de Abraço em todas as ruas do país: espaços desenhados para a partilha do abraço. além dessas, proponho ainda, por exemplo, as Salas de Saudade, nas quais as pessoas que já não se vêem há muito se encontram, ou os Shoppings de Ternura, nos quais será possível a cada cidadão oferecer e adquirir ternura a preços bem acessíveis. Tome e comece, desde já, a mudar o mundo», disse, olhos nos olhos, ao presidente da República, no instante em que lhe passava para a mão um livro gigante e uma minúscula pen drive.

«Todos os cientistas deveriam devotar toda a sua existência, todo o seu talento, todo o seu conhecimento, à implantação, à propagação do amor. Criar vacinas de amor, comprimidos de carinho. É inacreditável como se perde tempo a tratar da pele quando não se trata do que nos arrepia a pele. Inacreditável. Se eu fosse cientista já tinha inventado um vírus de amor. Não sou, e por isso é que estou neste lado do trabalho: o da recolha exaustiva de dados. Estou certo de que conseguirei, com este trabalho de décadas, mudar o mundo. Creio que é esse o desígnio mínimo que qualquer pessoa normal deveria ter para a sua vida. Mas, para ser sincero, nem era necessário ir tão longe: bastaria que cada um mudasse a sua vida para que todo o mundo mudasse. Sim: mudar o mundo pode ser um processo desencadeado por puro egoísmo. Fôssemos todos egoístas e corajosos e esta latrina seria muito mais habitável», afirmou, tempos mais tarde, perante uma audiência composta por amigos, familiares e colegas da sua ala do Hospital Psiquiátrico. Todos o abraçaram calorosamente.

(cinco textos para usar apenas em caso de emergência)

1. Existe uma febre cega nos teus braços abertos: ascendo ao teu corpo como se ascende a um contentamento madrugador. Movimentamo-nos como animais ferozes no interior da devastação. Sou o que acorda de ti para sonhar contigo. Faz com a minha carne o que o vento faz às papoilas: sou a precisão que vai do beijo à mágoa, a palavra aberta que levanta a poeira. Faz com a minha carne o que as janelas fazem ao vento: até um cego merece ver, porque não hei-de eu merecer tocar-te?
2. Fecha-se a ruga no interior do nome: é na paisagem turvada da tua voz que explode a cobra que em mim te procura. Quando te chamo é pedra a pedra que misteriosamente me ergo outra vez. Suporto-me em ti, no insuportável. Amar-te é um crime cambaleante, uma confidência que toda a gente conhece. Sou de ti quando estás, das tuas lembranças quando vais. O dia separa-nos como se não houvesse noite. Mas há.
3. A beleza é um exercício de fuga: a carne é um utensílio que aumenta o mundo. Chama-se idioma ao que diz o povo e lei ao que diz quem manda. O amor, esse, é um sismo legal: é do caos que nasce a desordem, e a ordem também. Procuro-te como a metáfora procura a vertigem, como se fosses uma espécie de vida completa, a única. Dizem que amar assim é a armadilha final. Deus queira que sim.
4. A verdade acontece no interior do estilhaço: somos dependentes do que não podemos deixar de ser. A corda serve para salvar e para matar, sei lá eu o que é mais cruel. Sai-se ileso de tudo menos da alegria. Quando a ferida sara fica uma cicatriz ferida: uma espécie de felicidade temporária, perdoem-me o pleonismo. Toda a gente sabe que a vida mata e ainda assim ninguém morre sem surpresa, já viram?
5. Perdoa-me mas não te peço perdão, porque o centro da tua pele desequilibra venenosamente a minha, e quando acordo ou estás tu ou um abismo. Somos apaixonados extremos, e em nós o amor é desporto radical, em que as roupas desassossegadas acordam as mãos, as bocas estremecem e no meio das lágrimas há feridas tranquilas. Não sei quando nem onde, mas sei que contigo. Quando nos olhamos o silêncio é uma cratera suspensa, como se dançássemos nos lapsos do fogo, pele a pele, até que os corpos mortais perguntassem: se te dessem a eternidade levavas-me contigo?

(e uma história para entender com urgência)

Era uma vez um homem que, após uma estranha sessão com o seu psicólogo de sempre, prometeu casar-se com a primeira mulher que lhe aparecesse à frente. E então ela apareceu.

Ambas as promessas foram cumpridas: a dele, que se casou com ela poucas semanas depois; a dela, que depositou na conta do seu amigo, um psicólogo reputado, a quantia combinada.

E nem um nem outro revelaram os seus segredos para sempre.

Um dia, sem explicação, começou a caminhar de costas. Simplesmente isso: ia a todo o lado virado ao contrário, cabeça por cima do ombro.

«Gosto de perceber o que deixo para trás», argumentava, sempre que lhe perguntavam porquê. «Desde que ela me deixou que percebi que o melhor da vida é o que ela, a vida, nos esconde no nosso lado cego. A vida consiste em evitar os ângulos cegos que ela insiste em nos colocar à frente. Para a frente é que é o caminho, isso é certo, desde que consigamos perceber qual é, de facto, o nosso lado da frente. O meu é este: caminho para a parte detrás do futuro, só isso», concluía.

Um dia, sem explicação, começou a caminhar de cabeça para baixo. Simplesmente isso: ia a todo o lado virada ao contrário, o cabelo longo a varrer as ruas da cidade.

«Gosto de ter um pontapé sempre à mão», argumentava, sempre que lhe perguntavam porquê. «Desde que ele me deixou que percebi que o pontapé é o mais doloroso dos golpes. Para a próxima, quando o perigo surgir, o primeiro pontapé será meu. As pernas não foram feitas para andar; as pernas foram feitas para amar. O meu amor é este: perceber que se sobrevive a tudo menos a um chuto no meio dos cornos», concluía.

Encontraram-se, por acaso, no meio de uma avenida em hora de ponta: ele ia de costas e parou para a ver de frente; ela ia a fazer o pino e parou para o ver direito. Ambos começaram por rir, em forma de gozo, um do outro: que criatura palerma poderia andar assim na rua, perguntaram-se, em surdina, quase em simultâneo. O que disseram foi bem diferente. Ele disse que era fascinado por novas perspectivas sobre a vida, ela disse que há momentos em que tudo tem de ser deixado para trás das costas, e fez até aquela célebre piada de que atrás das costas é, na verdade, à frente, pois se está atrás do que está atrás só pode estar à frente, e ao final do dia já estavam os dois sobre a mesma cama e sem qualquer diferença de perspectiva, é para isso que serve a cama, e o amor, na verdade, para eliminar perspectivas e para devolver ao mundo a igualdade que todos merecem: ele via nela a mulher que queria todos os dias ao seu lado, ou atrás de si, bem vistas as coisas («atrás de um grande homem tem de estar uma grande mulher»); ela via nele o homem que queria a seus pés, ou ao contrário, bem vistas as coisas («crescer é também saber estar aos pés de alguém sempre que necessário»). E tudo mudou, de repente, apesar de tudo continuar exactamente na mesma (se o amor não é isso — a

capacidade de mudar tudo mesmo que tudo fique exactamente na mesma — então não existe o amor, que fique isso registado).

No dia do casamento tudo correu bem: ele ficou de costas para o padre, os pés dela acolitados nos ombros. Disseram sim e viveram felizes para sempre, pelo menos até ao dia em que, por culpa da idade, ele teve de começar a andar de frente e ela teve de andar direita, e ambos perceberam («não consegui ver o que estava à minha frente», queixou-se ele; «não consegui ver o que estava na cara», lamentou-se ela) que, vistos assim, ambos eram de uma normalidade confrangedora (se o amor não é isso — uma espécie de ângulo de visão que cega a confrangedora normalidade do mundo — então não existe o amor, que fique isso registado).

Um dia, sem explicação, tudo acaba por ser explicado, espero bem que não.

Beleza: s.f. Aquilo que, de entre todas as coisas visíveis, menos visibilidade tem; nenhuma beleza é causa de amor — mas todos os amores são causa de beleza.

(o diário de um humano)

Segunda-feira.

Resiste-se a tudo menos à expectativa. Queremos mudar o mundo com o peso da ternura; depois o ódio aparece e só os mais frios aguentam. Nada magoa mais do que a certeza do que podia ser. No fundo todos podíamos ser boas pessoas e sabíamos como, mas só alguns praticam a vida como um desporto saudável. Uma aplicação que medisse a quantidade de bondade despendida ao longo do dia: aqui fica um projecto de negócio, e sobretudo de mundo.

Terça-feira.

Olhar-te sabe ao começo do verão, os dias grandes como se fossem parques de diversão, as pessoas pelas ruas à procura da felicidade fácil, o homem do gelado e um pregão intocável, repetitivo, no interior do teu abraço. Não acredito na impossibilidade da eternidade, nem tu, e é só assim que realmente nunca se morre. Um dia, como todos os outros, os nossos corpos envelhecerão, as ruas serão inacabáveis e cada dia a mais será uma possibilidade a menos. Será então que a beleza aparecerá, improvável, a cada vez que soubermos que o outro permanece. É isso, pouco mais, o amor: a beleza improvável de alguém que permanece. Obrigado.

Quarta-feira.

O encanto de uma festa é a alegria que contém, toda a gente em modo felicidade e o tempo esquecido por trás do relógio. O encanto de uma solidão é exactamente o mesmo, por mais que seja exactamente o contrário. Somos fragmentos de nós, vivemos cada instante à procura da totalidade que não existe, e é só assim que plenamente existimos. Encontrem-me alguém saciado e estarão a encontrar-me alguém morto. Não existem pessoas absolutas, nem momentos absolutos. Existem apenas sensações que nos colonizam, emoções que nos manipulam. Sou refém orgulhoso de mim, e já agora de ti, perdoa-me a redundância.

Quinta-feira.

Somos aquilo que fazemos de nós, que isso fique claro. Por vezes a dor entranha-se e acorrenta os nós dos dedos, o sangue pára para a ver passar, e parece que o que vemos é aquilo que somos, que mentira. No

outro dia um homem ganhou o prêmio maior da lotaria horas antes de perder a mulher e sentiu-se azarado. No fundo o que mais magoa é a ironia, é sempre a ironia. Somos mais capazes à medida que vamos perdendo capacidades, como se o corpo fosse uma peça desligada, um ditador egocêntrico no meio da vida. O que sobra é o que nos tira do sério, o que nos alarga os limites. O que sobra é o que tantas vezes pensamos ser demais, e é, que assim permaneça, por favor. Sou o que ninguém impede de ser, só isso.

Sexta-feira.

Há uma estranha serenidade no momento da perda, como se o irremediável fosse uma forma de pausa. Acredita-se que algo é insuportável até ao momento em que temos de o suportar. E nem assim deixa de ser insuportável. Gosto de quem me faz dependente de si, e chamo-lhe independência. Somos todos indestrutíveis até amor em contrário.

Sábado.

A noite apaga o desassossego e traz o começo do futuro. Gosto de sentir as mudanças de ciclo como se sentisse a rotação do mundo. Pensar é o poema completo, o encontro entre a memória e a criatividade. Se algo na humanidade vale a pena é a emoção, a forma como desgraçadamente nos entregamos ao incontável. Sou viciado no que me faz feliz, e ainda bem.

Domingo.

As pessoas magoam. É humano magoar, como se fosse necessário ferir para sarar as feridas, que estupidez. Quando choro acontece-me, por vezes, perceber a maldade. E até isso me magoa. A dor é uma cidade em ruínas no centro de mim, um território sanguíneo. Só o amor sobrevive, ou pelo menos deveria sobreviver. Amo para aguentar, e é tudo.

(sete textos para leres quando tiveres medo de continuar)

1. Escreve-se para que uma espécie de pele toque no mundo. A solidão necessita de companhia, caso contrário é apenas infelicidade. Os momentos que persigo acontecem no intervalo das certezas, enquanto a razão esfrega um olho. Trato as palavras como se fossem perigosas, e são. Todas as lágrimas são palavras a mais ou palavras a menos, como todos os conflitos, aliás. Ninguém vê o mundo, apenas o que resta da integração do mundo em nós. Vivemos o que sobra da colisão, o produto de embates sucessivos com o que nos acontece. É isso a realidade, Deus me livre dela. A criatividade é evitar o intocável, e de seguida obviamente destruí-lo. Ama-se para experimentar o inatingível.
2. O tempo não voa mas faz-nos pousar. Somos organismos com prazo de validade, a imortalidade é altamente passageira, convenhamos. Um dia acordamos e estamos com a meta à vista, sem sequer uma claque a aplaudir-nos o feito. Acaba-se sempre sozinho, por maior que seja o amor que temos connosco. Resta-nos, em vida, celebrar. Talvez seja esse, afinal, o sentido desta jornada: celebrar. Se não é, devia ser, o que quer dizer que para mim, enquanto puder, o será. A filosofia é engraçada mas é viver que me faz rir, disse o filósofo. Quando puderes diz também.
3. A apatia mata. É fácil ceder, baixar os braços, deixar que seja insustentável o que nos impede de andar. Sou uma criatura incapaz de compreender a resignação, e a isso me resigno. Sofro que nem um cão com a impossibilidade. É por isso que tento que nem um cão ultrapassá-la. Será, porventura, a única maneira de a integrar em mim sem me enojar. Quase sempre não a supero, porque sou humano, mas quase sempre me supero, pela exacta mesma razão.
4. Junto à estrada, uma prostituta com mais de sessenta anos tenta continuar. Nos olhos a vida que podia ter e nunca viveu, porque não pôde ou simplesmente porque não quis. As pessoas passam e não ligam, e é isso o que faz tudo isto continuar: a indiferença existe para que a dor magoe mais longe, como se conseguíssemos fechar os olhos ao que nos faz ver melhor. Os sentidos existem para salvar e para matar. Viver bem é tantas vezes ver mal.
5. As pessoas temem o que não é límpido, o que foge do normativo. É esse, também, o fascínio disto tudo: o mistério que cada porta esconde.

Interessa-me, antes de abrir a porta, imaginá-la com precisão, contar em mim a história que ela terá para me contar. A capacidade de viver o que nunca vivemos oferece-nos grande parte da felicidade, e da infelicidade também. A escolha é, muitas vezes, nossa. Fazemos disso uma vantagem.

6. O amor é o maior filho da puta do mundo, e não há nada melhor. Quando me faltas, a realidade é um saco de bosta, a vida acontece para debaixo de mim, há uma certa sensação de absurdo no dia. Devia aprender-se a amar, as pessoas deviam especializar-se, mestrados, doutoramentos, pós-doutoramentos, sei lá, no espaço que o amor desocupa. Somos apaixonados inveterados ou seres acabados, verdade seja dita. Nunca uma pessoa mais-ou-menos apaixonada conseguiu uma revolução, a não ser uma revolução mais-ou-menos, ou mais-ou-menos uma revolução. Todas as guerras, todos os problemas afinal, são por ausência de amor, ou no mínimo por amores olhados do ângulo errado. Olho-te de todos os lados... como se olhasse para mim, e encontro-me sempre, que alegria. Quando me faltas é como se me faltasse.
7. Nunca se encontra um culpado. À volta do que dói todos são inocentes, vítimas de um desacerto de coincidências, peões indefesos de um Diabo maior. O mais cabrão é o implícito, o que todos sabem mas ninguém quer saber. Há tanto de tédio na sociedade. Não são os mais fortes que resistem; são os mais pequenos, os que pedem e não exigem, os que calam e não se erguem. Só os que se deitam na merda conseguem adormecer nela. A mim resta-me tapar o nariz com uma mão e tentar, ainda assim, protestar com a outra. Não é fácil, claro, mas aguenta-se. Escolhe-se todos os dias entre recusar o rebanho e alimentá-lo, por mais que, malogradamente, seja o mesmo. A ser ovelha que seja negra, e não mais uns quilos de lã nas mãos dos donos. Antigamente os maus eram perseguidos, agora são entrevistados.

(seis inexplicações e uma inquietação)

1. Deve tentar-se o improvável. Escolher, por vezes, o mais difícil. Para que haja fasquias, para que haja horizonte. Replicar é olhar para a parede, ficar fechado no intervalo entre a vida e a morte. Eu prefiro procurar-me no que nunca ninguém encontrou. Quando desistir de olhar para o que não existe deixei de existir: anotem aí isso, por favor.
2. Há no mundo um conflito constante, e é também ele que opera a mudança. O que já foi e o que é têm uma dificuldade natural para lidar com o que vai ser. É muitas vezes do choque que nasce a salvação, por mais chocante que possa ser. A inteligência tem várias faces, mas nenhuma delas é violenta. O incontrolável exige que nos saibamos comportar. O problema nunca é o tamanho do que vivemos, mas sim a nossa incapacidade de nos alargarmos para o deixarmos entrar. São muitos os que vivem vidas felizes e tão poucos os que, nelas, conseguem encontrar a felicidade.
3. A infância é um brinquedo frágil. Será por isso que todos a partem bem cedo, como se fosse impossível impedi-la de se estilhaçar com o tempo. Só depois, mais tarde, quando a meta está à vista, é que muitos a procuram de novo e tentam, caco a caco, juntar o que a seriedade estéril dos adultos devastou. É essencial brincar com a dor. A melancolia resiste a tudo menos a uma piada. Quantas já fizeste hoje?
4. A razão, e sobretudo a sua busca, é a imbecilidade suprema. Como a verdade, por exemplo. Todas as formas de poder são, no limite, pesos que ninguém deveria querer carregar. Há uns quantos idiotas que pensam que quanto maior é o poder maior é a liberdade. Que mentira, meu Deus. O mais livre é o que procura saber mais de tudo sem querer saber mais do que ninguém. A liberdade exige um conhecimento tão grande que se sabe pequeno, minúsculo, perante o que à sua volta existe. A humildade requer uma sapiência imensa, e dá trabalho. Quem manda no mundo sabe quase nada dele.
5. Ocupo-te como Dylan ocupa o poema: visito a superfície, calado, e depois interno-me inteiro no que não tem definição. A literatura ou é isso, o que não tem definição, ou é outra coisa qualquer, no máximo uma repetição de fórmulas que outros testaram e comprovaram. Há sempre os desgraçados que se agarram à praia, jovens e velhos de um Restelo qualquer, que lêem e escrevem como se ler e escrever fossem processos racionais, que

pobreza. Abre-se um livro como se abre um beijo, como se abrem os braços ou as lágrimas. Escreve-se com sangue, com veias, nunca com letras, ou então não se escreve coisa nenhuma. É assim que te procuro, sem tentar que haja qualquer validação, qualquer sentido maior do que esse: o de te procurar. É também assim que se escreve o poema: à procura de inexplicações. É a poesia a melhor forma de procurar, e já agora de te amar, se me permites.

6. Morre-se muito da morte, lamento; mas morre-se mais ainda da ausência de um motivo para viver. A preocupação não deve ser o preocupante; antes, isso sim, a ausência de preocupações. Estar vivo é estar, de um certo ponto de vista, preocupado. Preocupa-nos o que nos envolve, e é precisamente isso que nos mantém alertas — eufemismo clássico para vivos. Cansam-me os dias em que não acabo cansado, que terei deixado por fazer? Pelas ruas o que dói é a carência de sonhos, os olhos ociosos, uma espécie de silêncio hipócrita, uma cicuta lenta no interior dos passos. Que nunca ninguém morra sem motivo, disso se ocupa a ciência; que ninguém viva sem motivo, que disso se ocupe o amor. E nós.

7. Gosto de questionar tudo. Mas porquê?

Biologia: s.f. Ciência que estuda a vida e o amor, passe a redundância;
no final das contas só se vive o que se ama — qualquer cientista o saberá.

(cinco definições simples para coisas eventualmente complicadas)

1. A profundidade é cinquenta por cento de simplicidade e cinquenta por cento de poesia, o que equivale, contas por alto, a cem por cento de trabalho. O complexo é, nada mais inteligível do que isso, uma forma de cobardia: qualquer um consegue ser ininteligível, basta saber pouco daquilo que quer mostrar que sabe muito. Aqui vai um exercício especulativo: o sublime é, em ti, uma instituição absurda, uma aproximação engenhosa, e perigosa, ao pesadelo — assim escreveria um literato altamente apaixonado por si mesmo à mulher que clama amar; quando nos imagino juntos até Deus tapa os olhos — assim escrevo eu, que de poeta tenho pouco, mas de amor, juro (juro, catano), tenho tanto.
2. A tolerância é, com certeza, uma forma de sabedoria, e mais ainda de coragem. Tem traços de heroísmo aquele que, contracorrente, não diz «esfola» perante a turba esfaimada. O grande é o que tolera. Fala-se, assim, de uma grandeza humilde, a única espécie de grandeza, afinal. Mas para ser grande há também que ser diferente, não simplesmente para ser diferente, que estupidez, mas simplesmente por respeito próprio, a mais importante das castas de respeito, afinal. São as ovelhas fugitivas que levam o rebanho a novos caminhos, mesmo que sejam maus, qualquer pastor o saberá. Pelo menos um terço das descobertas que a História eternizou foi por acaso, uma falha no mapa, uma distração, uma paixão incontrolável, ou apenas um humano perdido como todos os outros que sem explicação escolhe o lado improvável da estrada. Todos, nessa altura, o insultaram; mas todos, no limite, o toleraram. Já viste se não o tivessem feito?
3. A inteligência é, antes de mais, a resistência ao cansaço. A fadiga entra em nós como um cutelo pouco afiado, músculo a músculo, e só os mais criativos sobrevivem. O tédio, esse, cansa por não cansar — e é a morte dos pequeninos. Nunca nenhum génio morreu de tédio. É essa a lição da infância, onde tudo acontece menos nada acontecer. Sofre então o adulto de uma anticriancice militante e tosca, uma adultice, digamos, que tolce. São os tolos que mudam o mundo, ou pelo menos acreditam que sim, que sorte.
4. A poesia é a véspera do mundo: os poetas sonham o que o Homem faz. Critica-se tudo menos o amor, ou não será, na verdade, amor nenhum. É pelo amor que provocam que se distinguem as pessoas: chama-se herói a

quem consegue lutar contra ventos e marés para chegar ao seu destino, que parvoíce; o herói é o que convence os ventos e as marés a ajudá-lo a chegar ao seu destino, e no final da viagem ainda lhes oferece uma sandes e um copo de vinho, pelo menos. É à mesa, todos juntos, que se ganham as guerras — evitando-as, claro. O poeta é assim o mestre da paz, o que, pelo que sonha, faz os outros sonhar. E tu: quantas pessoas já fizeste sonhar hoje? Prepara aí uma dúzia de sandes e duas ou três garrafas de vinho e vai à tua vida, vá, que já se faz tarde.

5. A riqueza parece-me oca e dará certamente muito trabalho. O sacrifício é uma forma de pobreza, como se precisar da fome fosse necessário para comer. É isso, porventura, a juventude: uma liberdade que, por culpa de se impor como uma obrigação, reprime tanto quanto seduz. Importa acima do resto encontrar um caos coerente, uma desordem que console a ferida. Ser feliz não é uma escolha unicamente nossa; mas não ser estúpido é.

Todas as mudanças começam por ser mentirosas, é aliás essa a única maneira de mudar. O processo é simples: primeiro convenço-me, custe o que custar, de que realmente mudei; depois, porque estou realmente convencido de que realmente mudei, realmente acabo por mudar. Não se trata de uma mentira inocente; não se trata, também, de uma mentira culpada; trata-se apenas de crescimento. Cresce-se quando se muda, nada mais. Diz-se que só os burros é que não mudam, que burrice; só os mortos é que não mudam, e até esses, à revelia, vão mudando: quantos morreram culpados e, à medida que a morte ganhou tempo em quem não morreu, acabaram inocentes? Hoje mudei: eis uma afirmação que todos os dias faço questão de fazer. Pode ser mentirosa, mas rapidamente, depois de a fazer, passa a ser verdadeira, por mais que custe a crer.

A beleza está na densidade. O belo é uma criatura espessa, que nos envolve com o que ninguém explica. Gosto de rostos que ensinam. Quando for velho quero ter vivido muito, só isso.

Ninguém tem a vida que tem; todos têm, isso sim, a vida que pensam ter, o que raramente é a mesma coisa, e ainda bem. Coloquem-se duas pessoas a passear juntas à mesma hora na mesma rua deserta e sem nada para ver e perceba-se imediatamente que não existem ruas iguais, como não existem vidas iguais por mais que se viva exactamente o mesmo, porquanto uma pode ficar triste porque a rua nada tem para ver e parece abandonada e morta, e a outra pode até ficar feliz por ter finalmente uma rua pacífica e silenciosa para escapar do bulício incansável da cidade. Vive-se sobretudo antes da vida — antes de a vida se cruzar connosco — e depois da vida — quando efectivamente construímos em nós o que a vida nos trouxe. É então a memória, pouco mais, que define o que vivemos. E tu,

se não o sabias, não é porque não o soubeste nunca; apenas não o memorizaste. Nada de grave, portanto.

Todos se queixam das limitações, mas são elas, talvez acima de tudo o resto, que dão sabor (mais ainda: sumo; mais ainda: plasticidade) a isto tudo. A beleza, por exemplo, só ganha consistência por aquilo que a impede: por aquilo que a limita. Necessita-se, assim, de constrangimento para que a liberdade tenha paladar, como se o pássaro precisasse da terra para estar pronto para tocar o céu, e precisa. Falamos mal, particularmente, do fim. cremos que, sem ele, este nosso meio ganharia outra valia, erro primário. Se todos fôssemos imortais esta latrina morria num piscar de olhos, dois, no máximo. Sem limitações somos tábuas rasas a boiar no mar, sem tino, sem rumo, comuns escravos das ondas e das tempestades que nos devastam. Que haja sempre uma limitação para me salvar: eis tudo o que peço, limitado como sou.

As ruas cheias e uma mulher, triste, à janela. Procura o que não sei dizer, o que talvez nem ela saiba dizer. Paro uns segundos e fico a olhá-la, como se quisesse acalmar-lhe o que lhe dói. Mas as pessoas são organismos solitários. Dói-se sempre a sós, por mais companhia que nos acompanhe. De repente, vejo-lhe um sorriso, os olhos abertos, o mundo inteiro a mudar. Um homem, de mala na mão, tocou à campainha. A mulher abriu. Talvez haja sempre um amor para nos salvar a vida. Oxalá.

Não sou o que sei. Muito menos serei o que sabem de mim. Sou, tão simples, o que não sei, o que fatalmente não saberei.

Sou um segredo, um mistério, uma porta entreaberta. Resistir à tentação de ocupar o segredo é uma espécie de maturidade, e de humanidade. Não pretendo entender o que me precede e ao que faço, ao que penso, ao que sinto. Pretendo aceitar o enigma, construir com base nele, num processo em que só se descobre o que há muito está descoberto. São essas, as daquilo que já estávamos fartos de saber, as melhores, e mais saborosas, descobertas. É assim que, dia a dia, me descubro, ao retirar o pano transparente que cobre o preconceito. Há quem tema o banal, que banalidade, e eu preciso dele para me desbanalizar. A exceção tem de ser a regra.

É urgente olhar para o elementar. Passamos os dias à procura de contrariar o óbvio, o que em si nada tem de mau, mas esquecemo-nos de o valorizar, e até de o ver.

Gosto, às vezes, de trazer distúrbio ao básico. No outro dia, por exemplo, afirmei que as rodas são quadradas, e todos em redor saltaram imediatamente em defesa da circularidade da roda. Quis ir mais longe, argumentei já nem sei bem como, mas com veemência, com seriedade, em defesa da minha tese acabada de construir. Em poucos minutos já todos me explicavam tudo e mais alguma coisa sobre a roda, como nasceu, para que serve, que percurso teve. Cedi, enfim, à evidência, e todos se sentiram vencedores, sobretudo eu, que fiz com que a banalidade fosse, para aquelas pessoas, valorizada como o excepcional que também é. Assim tem de ser: o banal de hoje é, pelo uso, o excepcional de ontem, que coisa estranha. Aproveita-a enquanto podes.

Esforçamo-nos tanto para lembrar e tudo o que somos é esquecimento, e é assim que tem de ser. Os acontecimentos são feitos do que passa, e não do que fica. É por isso a capacidade de esquecer um dos grandes motivos para a sobrevivência. A memória serve para matar como serve para amar, diria até que as memórias são a melhor forma de sofrer, uma delas, pelo menos. Somos, enquanto raça, enquanto planeta, a soma de tudo aquilo que soubemos, por mais que o tempo tenha passado, recordar; mas somos ainda mais a soma de tudo aquilo que, por mais que a dor e a

mágoa apertassem, soubemos esquecer. Nunca te esqueças disso.

A felicidade profunda provavelmente é a paz: deitar, acordar e andar com a sensação do mundo completo dentro de nós. Existe, depois, a felicidade imediata, a que nos destempera as veias e nos transporta para o fim do mundo, um precipício momentâneo, um segura-me que vou-me a ele. Precisamos efectivamente de quem por vezes nos segure, os grandes saltos exigem, acima de tudo, um exímio trabalho de preparação, uma boa colocação de pés no chão para que o momento do impulso, e o próprio impulso, aconteça na dose certa, decisivo. Há dias, todavia, que nos atropelam, impossibilidades que nos esvaziam, perdas que nos desimpulsam, perdoe-se-me o neologismo. A felicidade, repita-se até ser lei, é provavelmente a paz, que é como quem diz o amor, que é como quem diz tu, ou pensavas que te safavas ilesa disto tudo?

Biônica: s.f. Ciência que faz à vida aquilo que a ausência de amor faz às pessoas; a diferença entre o homem e a máquina não é a razão — mas sim a falta dela.

A racionalidade é, claro, o que nos distingue dos animais, e muitas vezes o que nos coloca abaixo deles. A bondade não tem o exclusivo da razão. É tão racional o que inventa a cura perfeita para a morte como o que inventa o modo perfeito de matar. Não é, então, a razão o que nos distingue dos animais, antes o uso que fazemos dela: nenhum juiz condena a faca ou a bala, somente quem as usa. O problema não está em quem cria máquinas de morte, instrumentos de maldade; o problema está apenas em quem os usa para matar. É tudo, no limite, uma ocupação da criatividade, uma apropriação da coragem: alguns ocupam-na para o bem, outros apropriam-na para o mal. Será corajoso, sem dúvida, aquele que declara o seu amor a alguém, desde que esse alguém não seja quem eu amo também, evidentemente.

A felicidade é uma aproximação à perfeição, à conta certa — e jamais a própria perfeição. O amor é o que podia ser, muito mais do que aquilo que é, uma forma de consumação de uma impossibilidade. Todas as teorias são infalíveis até que chega um abraço. Pensa-se, amiúde, para escapar momentaneamente à sensação, ao sentimento. A razão é um sofisma, e a sua falta também. Quem nunca perdeu a razão perdeu a vida, ou está a perdê-la, passo a passo, como cicuta no sangue. Há pessoas que abdicam de tentar a eternidade, o maravilhoso, o épico, o que fica na História. Há pessoas que não tentam o acto heróico, nem o Everest, nem os holofotes. Há pessoas que subsistem com orgulho no lugar de dentro da falha, no centro da impossibilidade. Chamo a essa gente «pessoas felizes», e sou feliz com elas.

Desvaloriza-se a rotina como se fosse o antiprazer, o contrário da felicidade. Nada mais errado, por mais que o tédio nos procure amestrar. A rotina é a sobrevivência do que nos sustém, uma forma de colocação no interior do mundo, no lugar entre o dia e o que somos nele. A rotina é, para os mais capazes, o sossego terapêutico, o clímax pacífico. Não se lhe dá o crédito que merece, porque nunca se perde tempo a olhar para as vitórias fáceis, mesmo que valham, e valem, o mesmo que as difíceis. Somos previsivelmente viciados no que não temos, entregamo-nos com paixão ao que perseguimos pelo caminho, e raramente vemos o que, quilómetro a quilómetro, vamos tocando. Nenhuma vida vale pelo sucesso que alcançou, sempre pelo sucesso que sentiu — e é tão diferente uma coisa da outra. É muitas vezes nos lugares mais baixos do pódio, ou até fora dele, que está o

verdadeiro campeão, o que mais eternizará o que está a sentir — não por ter feito mais, mas apenas por ter menos rotina por ali. Quem se habituou à vitória não é um vencedor crónico; é um futuro sofredor crónico. Coitado.

Fixa: a felicidade é uma questão de timing — como tudo, na verdade, é uma questão de timing. Espero ter chegado a tempo de te avisar disso. Vai. Pira-te.

A mulher:

às seis em ponto o despertador. O teu ronco ao lado, acordar as crianças, depois a casa de banho, a minha cara tão dobrada ao espelho, o pequeno-almoço, cereais de chocolate para o mais novo, um pão de ontem para o mais velho, um copo de água a correr para mim, a loiça por lavar na banca, a roupa por estender na máquina. A noite continua, a vizinha de baixo fuma o cigarro de sempre com a lágrima de sempre por dentro da pele, talvez hoje o seu marido volte, talvez hoje a espera dela valha a pena, coitada.

Escuta:

retorna, sempre que necessário, ao ponto de partida: aquele em que tudo se parte. A qualidade de uma construção depende da qualidade da destruição que a precede. Tu sabes: viver bem é, muitas vezes, destruir bem. Nenhum lugar em obras é belo. A devastação é necessária. O processo exige paciência, denodo, capacidade de resistência, heroísmo. E sobretudo uma cegueira apaixonada. Tu sabes: só o que não se vê apaixona. Ama-se o interior do desconhecimento: o mistério do incontrollável. Ama-se, no limite, o insuportável: o que não se suporta parado no meio de nós. Ama-se para sobreviver, ou então não se ama nada.

O homem:

há muito tempo que não sou eu. Casámo-nos para completar e só se deve casar quando já tudo está completo. Gostava de te amar, a ti e a esse teu jeito de continuar como se valesse a pena. Não sei se te escolhi se te permiti. Foste a mulher que ficou e quis fazer de ti a que me faz ficar. Daqui a pouco vens aqui, dizes acorda e eu acordo, dás-me um beijo, eu dou-te outro, os lábios como se quisessem aquilo, nada de língua, nada de vontade, depois vêm os putos despedir-se, querem a felicidade toda de uma vez como nós já quisemos, que loucura, finalmente despedes-te com um amo-te apagado, eu apago ainda mais o teu quando digo o meu, eu e tu a fazermos de conta que a vida continua, e continua, Deus nos ajude.

Percebe:

as tentativas cansam: existe uma fórmula única para cada vida. O resto é incompetência. Faz-se de somas impossíveis opções viáveis, como se fosse possível mentir matematicamente. Até que chega o final da operação,

uma espécie de explosão numérica. Viver é sabotar a ciência. Não se sabe quem inventou o amor, mas sabe-se que o fez por amor. Amar é uma inversão da física: o mundo sobrevaloriza a inteligência porque não a entende. Peça-se a um génio para decompor um abraço e perceba-se, enfim, a sua inutilidade. Sabe-se que existia amor antes da inteligência mas não se sabe se continuará a haver depois dela, e ainda conseguem chamar-lhe inteligência, que burrice.

Os filhos:

ser feliz todos os dias chateia mas sabe tão bem. Os pais existem para nos fazerem recusá-los, para nos mostrarem o que temos de rechaçar. Os meus são eficazes: respeitam-se e obviamente anulam-se. Não me parece bem mas também não me faz saltar. Ainda não entendo o que não me faz saltar e ainda menos porque é que os adultos saltam tão pouco. Saltar é um voo que passa, e é precisamente por passar que deve ser repetido sempre que possível. A eficácia devia usar-se em tudo menos no amor, li ontem no Facebook, e enviei logo à Marlene, vamos ver se será eficaz.

Aprende:

julga-se para ver melhor: para acondicionar o impensável na rede de previsibilidade que nos sustém. Recebemos também o que nos repulsa. Exige-se, então, a faculdade de modelar a dor, prevenir a lágrima, cobrir de perfume o nojo. Aos poucos, acontece a adaptação: o que nos separa dos brutos. A mudança distingue-nos. Ou te adaptas ou morres: palavra da salvação. O herói não é o que sofre melhor; o herói é o que sofre para a frente. A vida, essa, continua sempre. Vê se tu também.

O dominó:

Tudo começou quando a mãe, pela primeira vez, se atrasou mais de meia hora. Depois os filhos fartaram-se de esperar e foram sozinhos da escola para casa. Depois a mãe chegou à escola e não os viu e ficou desesperada e ligou-lhes e eles não atenderam porque estavam demasiado entretidos a jogar ao esconde. Depois a mãe acelerou a todo o gás para casa para poder ter a certeza de que os seus meninos tinham chegado. Depois, já na rua de casa, um dos filhos escondeu-se atrás de um carro. Depois a mãe chegou à rua da sua casa a alta velocidade e o telefone tocou. Depois o filho que estava escondido atrás do carro viu qualquer coisa e resolveu correr de repente. Depois a mãe não conseguiu encontrar o telemóvel na bolsa. Depois o filho continuava a correr e não ouviu o grito estridente do irmão que o chamava. Depois a mãe desviou o olhar da estrada por dois segundos, não mais. Depois o filho arregalou muito os olhos e fez um esgar de surpresa com o que estava a ver. Depois a mãe atendeu o telefone e era o marido a dizer amo-te, anda rápido que estou a

morrer de saudades. Depois o filho saltou para o braço direito do pai, que o esquerdo já estava ocupado pelo irmão que tanto o chamara. Depois a mãe chegou e ocupou a parte que faltava, a dos lábios e a do colo. Depois ficaram felizes, digamos assim, para sempre. E dizemos bem, bem vistas as coisas, acrescentaria a vizinha de baixo, enrolada debaixo dos lençóis com o seu mais-que-tudo.

A felicidade:
sabe-se lá o que é.

Calar: v. Uma das línguas que a cobardia fala fluentemente. Qualquer antagonista calado passa por admirador fiel.

- Estou feliz, avô.
- Deixa, isso passa.

A idade traz aquilo a que, cientificamente falando, podemos chamar estupidez natural. Por vezes, tendemos a acreditar que isso, essa estupidez natural, é uma forma de realismo pesado, como se ser optimista fosse oco e só os pessimistas vissem o mundo. A intelectualidade, essa forma ligeira de encontrar o que nos acontece, define a existência à luz do conhecimento, que imbecilidade. Não é o que sabemos que nos faz entender o que somos; é o que sentimos.

- O que é o futuro, avô?
- Aquilo que nos mata.

Este avô gastou a vida e gastou-se com ela. Ficou apeado dos sonhos, acredita, porque os dias passaram — e nem imagina que só não consegue ter sonhos porque não consegue sonhar, que coisa básica, e não são os mais velhos que não conseguem sonhar, são só os mais limitados. Nenhum homem vivo morre sem sonhos.

- O que queres ser quando fores grande, meu neto?
- Poeta.

Os miúdos são todos poemas, e os adultos também, mas a idade consegue, por vezes, tornar-nos analfabetos emocionais. Andamos, nesses casos, perdidos em assuntos pueris, como as contas que temos de pagar ou o trabalho que temos de fazer. Nenhum Homem nasceu para trabalhar, só para amar. Ninguém vive sem poesia.

- Quando morreres vais para o céu.
- Quando viver vou para o céu, avô.

O pragmatismo não tem mal nenhum desde que tenha emoção dentro. Alguém emocionalmente pragmático é alguém que dedica a sua vida a, objectivamente, alimentar o que sente. As crianças serão, então, génios infinitos, criaturas que buscam exclusivamente o saciar do que as entusiasma. Todos seríamos, não fosse a queda no abismo da cobardia, criaturas que buscam exclusivamente o saciar do que nos entusiasma. Vive-

se alguém quando não se vai para além. Encontra-se o intangível para que a hipocrisia instituída não nos toque. Somos incapazes de nós mesmos.

- Quero ser a pessoa mais rica de sempre, avô.
- Queres ser milionário, é isso?
- Não, quero um abraço.

A idade não traz ambição; traz submissão. Cremos que precisamos de mais, sempre mais, e cada vez nos vamos tornando em menos. Perdemos para poder ganhar mais. Este avô abraçou este neto, dois ou três segundos de uma simplicidade absurda. De seguida, acomodou-o no interior do colo, beijou-o na testa, disse-lhe um «amo-te» baixinho e viu-o aos poucos cair no sono que já há horas, como todos os garotos, tentava evitar.

- Como é que ele adormeceu?
- Feliz.

— Amas-me?

— Claro, mas depois do jantar.

É uma mulher meticulosamente organizada: tudo o que acontece está planeado, tudo o que vai acontecer tem de estar calendarizado. Se não estiver não acontece.

— Amanhã podemos ir ao cinema, mamã?

— Não, amanhã vamos ser felizes.

Tem uma dificuldade inultrapassável em separar o ambíguo do exacto, o concreto do abstracto. Para si, um sentimento é tão palpável como um quilo de arroz, e ambos são, em partes iguais, constituintes da sua vida. Não estranha, por isso, que muitas vezes não a entendam, como daquela vez em que se esqueceu do dinheiro em casa e quis pagar uma encomenda nos correios com um abraço.

— Quanto quer pela casa?

— O sorriso de todos.

Foi assim que fez aquele que nos dias de hoje descreve como «o negócio mais rentável de sempre», quando entregou a casa dos seus pais, que trabalharam durante décadas para a conseguirem pagar, a uma família de mendigos que, todos os dias, se cruzavam consigo junto à entrada do banco. «Conseguí precisamente o que pretendia, nem houve negociação. Propus o que queria e eles aceitaram logo, foram uns queridos, nem quiseram regatear», explica, vezes sem conta, ao mesmo tempo em que mostra uma fotografia daquela família, de sorrisos bem abertos, na sala faustosa da casa que ela lhes vendeu.

— O que fazes profissionalmente?

— Vivo.

Vive. Planeia cada passo com o rigor de um engenheiro — e é isso mesmo o que ela é, o que estudou, o que a fez ser, em pouco tempo, uma das maiores especialistas em engenharia dos sentimentos do mundo. Quando lhe perguntam para que serve uma engenharia sobre o que se

sente, responde somente que serve apenas para tudo e para mais alguma coisa, e é esta a resposta mais abstracta que algum dia conseguirá dar a qualquer questão.

— Qual é o teu sonho?

— Sonhar.

É isso o que, diariamente, faz. Ontem ficou o dia todo a distribuir as roupas todas que tinha no guarda-roupa pela cidade onde mora. Anteontem cozinhou todos os alimentos que tinha em casa e entregou as refeições num bairro social. Antes de anteontem percorreu porta a porta o seu bairro a contar anedotas, e fez rir centenas de pessoas. Amanhã passará a manhã a abraçar quem lhe aparecer na rua, a tarde a beijar na face todas as pessoas que ama. Depois de amanhã estará pelos hospitais a confortar, da forma que puder, aqueles que esperam notícias sobre cirurgias graves. E por aí adiante. Poderíamos ficar aqui muito mais linhas a descrever como serão ocupadas as suas horas nos próximos mil dias, uma vez que ela já os esquematizou meticulosamente e não permitirá qualquer tipo de desvios. Felizmente não o faremos: o dia de hoje dela é dedicado, todos os segundos, a amar o homem da sua vida. Sou eu, obrigado.

Encontrou o amor. Mas ia acompanhado.

Somos vítimas do acaso, de uma qualquer viagem por caminhos errados que nos levam a destinos errados, ou então somos apenas incompetentes, quando algo assim acontece. Certo é que naquele momento tudo o que interessava era a certeza de que era aquela, só aquela, a mulher que queria ter na sua vida para sempre e era mesmo aquela que já estava para sempre na vida de outro homem.

Conclusão: há sistemas de GPS a menos no mundo.

— Queres casar comigo?

— Sim, agora deixa-me dormir.

Existe, por vezes, aquilo a que podemos chamar romantismo negro — foi assim que ela me explicou e eu estou apenas a transcrever, juro — nas melhores, e mais duradouras, relações. É como se — e essa possibilidade não é despicienda — a sombra fosse a base para a luz, e não o seu contrário: uma relação de anulação clássica, mas invertida, passe a complexidade, só espero que alguém me entenda. No fundo: é importante que se esteja pronto a colocar tudo em causa para se perceber quanto vale esse tudo que se coloca em causa, e não há nada mais capaz de questionar do que a sátira, o lado lunar do que provavelmente sempre foi diurno.

Conclusão: todos os apaixonados têm amor e comicidade, passe a redundância.

Amava a felicidade. Nunca foi correspondido.

Nenhuma criatura é mais sarcástica do que a vida, convenhamos. O que não falta neste planeta de deuses e de diabos são pessoas que acreditam firmemente na felicidade e nunca a encontram. Uma pena, claro, e é dessas pessoas que tenho pena, nunca das outras, das que se mantêm quietas, pessimistas, à espera de que a desgraça aconteça. Às vezes a desgraça, claro — a lei das probabilidades é infalível —, acontece mesmo. E elas queixam-se, coitadinhas e parvas.

Conclusão: o pessimismo é uma profecia que, mesmo errada, acerta em cheio.

— Sabe, doutor: tenho queda para sobreviver.

É, por certo, a maior vocação que todos teremos de ter. Continuar, todos os dias, custe o que custar, doa o que doer, é o maior dos desportos radicais. Todos os velhos são heróis, o que não quer dizer que todos os jovens não o sejam também: o atleta que vence a maratona foi tão brilhante no começo do percurso como foi no meio ou no fim.

As maratonas ganham-se em todos os metros, com uma gestão criteriosa, exaustivamente pensada, com criatividade aqui e ali para apimentar o percurso, como as vidas se ganham em todos os dias, com a mesma gestão criteriosa, exaustivamente pensada, com criatividade aqui e ali para apimentar o percurso.

Conclusão: estar vivo é uma questão de talento.

— Questiono tudo. Um dia vou saber porquê.

Não existe ciência alguma nas respostas, por mais que insistam em afirmar o contrário. O que desencadeia a descoberta é a pergunta, o instante de magia em que alguém se dá ao trabalho de perguntar: e se? Um humano que não se dá ao trabalho de perguntar é um humano que não se dá ao trabalho de se incomodar — que é o mesmo que dizer que é um humano que não se dá ao trabalho de viver. Andar por aqui é muito isso: dar-mo-nos ao trabalho, incomodarmo-nos com aquilo que, de facto, nos pode mudar a vida. E incomodarmo-nos a sério, sem medo de interrogar, sem medo de indagar, sem medo de contrapor, sem medo de melindrar. Só os mortos não melindram ninguém.

Conclusão: há gravidade a mais no mundo.

O problema não é a falta de justiça. É o excesso de juízes.

E daqui não sou mesmo capaz de concluir nada, conclua lá quem está desse lado.

Caminho: s.m. Aquilo que, ao contrário do que os desapaixonados apregoam, não se faz caminhando; faz-se amando.

«Quem amar receberá subsídio.»

Decreto-lei 12/016

No parlamento, ninguém queria acreditar; mas confirmava-se: o Governo, empossado há menos de uma semana, acabava de anunciar, com pompa, circunstância e nenhuma sombra de vergonha, aquele que era o seu plano de acção, no qual uma directiva era absolutamente incontornável — «urgente» foi a palavra usada pelo primeiro-ministro quando o expôs: combater as elevadas taxas de desamor que, segundo estudos e estatísticas recentes, estavam a tomar conta do país.

«Não se se vive sem pão nem sem amor.»

A frase, proferida com a entoação que os políticos sempre dão (ou tentam dar) às suas palavras, ecoou forte em todos os grupos parlamentares, um burburinho tomou conta das pessoas, poucas, que assistiam ao decorrer dos trabalhos. Estava oficialmente aberto o debate.

«É uma vergonha o que este Governo está a tentar fazer.»

O líder da oposição, visivelmente desapaixonado pela vida desde a derrota nas eleições, parecia querer defender apaixonadamente a sua posição, que consistia em algo muito simples: não se ama por decreto.

«O amor a quem o pratica.»

Um dos deputados tentava, dentro do possível, ter uma palavra a dizer no debate — mas a missão tornava-se complicada: não sabia, ninguém sabia, na verdade, que aquele tema poderia vir à baila. Onde é que já se viu a Assembleia da República tratar de assuntos menores como o amor quando poderia perfeitamente estar a debater o aumento do salário mínimo ou a importância de revogar imediatamente o novo acordo ortográfico? Uma vergonha, é o que é.

«Vamos exportar amor, é?»

A pergunta, colocada com o tom sarcástico de quem pensa ser brilhante e é apenas estúpido, é de outro dos deputados da oposição, e recebe, desde logo, uma reacção unânime: os membros da sua própria bancada aplaudem, os membros da bancada do Governo também aplaudem e ainda sorriem, o que provoca a incredulidade de todos os outros: se quando são atacados se mantêm doces, o que raios os tirará do sério?

«A política ou é amor ou é fraude.»

É novamente o primeiro-ministro quem contrapõe, ao mesmo tempo em que abraça, sem motivo aparente, os seus ministros, um a um, e promete fazer o mesmo a cada um dos deputados que estão na Câmara.

«O amor é uma coisa fantástica. Toda a gente deveria ter um.»

É assim que o próprio presidente da Assembleia da República, que claramente tem Facebook e vê aquelas citações avulso que por lá pululam, dá por encerrada a sessão, no meio de abraços e carinhos que todos, sem excepção («se não podes odiá-los, ama-os», terá sido a frase-chave de uma circular interna que os grandes partidos da oposição receberam das suas chefias), vão trocando por todo o lado.

«Sou egoísta: penso pela minha cabeça.»

E pensava. Foi aluno extraordinário e profissional extraordinário desde sempre. Jamais se entregou aos poderes — ele chamava-lhes «podres» e alegava sofrer de dislexia social — que o queriam amarrar. Hoje continua exactamente assim, sem vergar no que quer que seja. Continua a não ceder, continua a pensar absolutamente o que pensa e a não se vender a quem o tenta comprar. Gosta de se auto-intitular um «sem-medo», por mais que todos os outros que todos os dias se cruzam com ele junto ao viaduto digam que ele é, isso sim, um «sem-abrigo».

«Sou intelectual genial: uso óculos grossos.»

E usava. Daqueles de massa, bem inteligentes. E camisolas densas, profundas, altamente eruditas. Por vezes é necessário que seja o que usamos a trazer intelecto a um conjunto. Para este pensador, assim era. Passava os dias a ponderar, a congeminar sobre o mundo, sobre a vida, sobre tudo o que compõe a existência humana. Era principescamente pago para isso, através de um subsídio que o tio, secretário de estado de um ministério qualquer, havia criado para o efeito. No fim de cada dia, o sumo do seu trabalho era, sem tirar nem pôr, entregue, via e-mail, à entidade pública que o sustentava — e era, sem tirar nem pôr, sempre o mesmo: três ou quatro selfies com novos ângulos dos seus óculos, que pareciam, a cada fotografia, mais talentosos.

«Sou crítico profissional: nunca criei nada.»

E nunca. Queixava-se da falta de tempo, do próprio tempo, do país, da neblina matinal, do barulho do mar, do cheiro da comida, dos erros ortográficos, da maneira de falar dos adolescentes, dos novos cantores, das cuecas que apertavam, das calças que estavam largas, das tecnologias modernas, do penteado dos jogadores de futebol, da mediocridade dos políticos, da fast-food e de toda a food, na verdade. Jamais foi visto a produzir um pensamento próprio, jamais foi ouvido a dizer uma frase surpreendente. Nunca errou na vida. Gabava-se de ter uma cabeça brilhante. E tinha, sobretudo ao sol.

«Sou genial. Mas os burros desconhecem.»

E desconheciam. Talvez fosse por isso que eram burros. Calhaus autênticos. Para ele, o iluminado, era simples avaliar o QI do planeta: quem não lhe reconhecesse o esplendor inaudito era burro. Escreveu romances que ninguém leu, peças de teatro que ninguém viu. Asnos, pensava, quando percebia que ninguém o lia. E continuava, com sofreguidão, a ver-se reflectido no espelho.

«Agora sou rico. Posso roubar descansado.»

E pode.

Cansaço: s.m. Momento em que medes enfim a profundidade da tua coragem; qualquer um é capaz de correr; mas só alguns conseguem correr no sentido do que temem.

Ela teve pena dele. Esbofeteou-o suavemente.

«No limite, é isso o que devemos a quem amamos: suavidade no momento da agressão», lembra-se de, depois, já recuperada da perda do amor da sua vida que afinal foi apenas o amor de meia dúzia de anos (quanto tempo dura, na verdade, o amor de uma vida inteira: eis a pergunta a que ninguém, pelo menos que eu conheça, consegue responder), ter pensado, enquanto tragava, com violência, uma vodca que encontrara no minifrigorífico do quarto de hotel.

Conheceu muitos amigos. Nenhum era seu.

A vida de uma pessoa amputada de um amor que, embora morto, teima em perpetuar-se consiste em transformar o possível em sobrevivência; isto é: pega-se em alguém que nos faz esquecer quem amamos durante alguns, poucos, minutos, e tenta-se transformá-lo na pessoa que amamos. É uma espécie de hipocrisia emocional, a única das formas de hipocrisia, bem vistas as coisas. O problema é o tempo. Sempre o tempo. Sempre o imbecil do tempo. O tempo consome-nos. O tempo soterra o que é mau e faz subsistir o que é bom: é do inesquecível que reza a História, não dos fracos nem dos fortes. Ama-se o que não se esquece; o resto, está tudo dito, já nem sei o que foi.

Viu-a ali por sorte. «Que azar!»

Não pode dizer-se que ainda a amava; pode somente dizer-se que ainda se amava — e ela era um dos membros daquilo que era, daquilo que, tanto tempo (e tantas mulheres) depois, ainda era. Não conseguia deixar de ser o que era com ela — o amor é também o que somos. Reformulando: o amor é tudo o que somos, pelo menos entre aquilo que vale a pena ser.

— Estou confuso.

— Com o quê?

— Não sei.

Desde que tinham voltado a estar juntos que a vida se resumia a este caos perfeito: nada do que faziam se fazia sem o anuir, mesmo que tácito,

do outro. Não eram dependentes, somente precisavam, para se sentirem no caminho correcto, de sentir que o outro se sentiria, ali, naquele caminho, confortável, ou desconfortável na medida certa. Viviam na fronteira entre o caos e o sonho, naquilo a que comumente se chama amor.

Estavam finalmente no rumo certo: perder-se.

— Pessoas sempre felizes? Que tristeza, não?

E segue pela rua, com aquele seu ar desprendido, gingão, de quem nada tem a perder — e muito menos a ganhar: «Deus me livre», diria ela, se nos lesse agora.

— Era quase viúva.

— Quase rica — corrigiu ela. — Fugi a tempo de ter coisas a perder.

Ninguém sabe muito mais do que isso sobre esta mulher que, todos os dias, se deita para dormir naquele local da cidade. Sabe-se ainda que é linda de morrer e que já muitos a quiseram levar para casa. Ela recusou sempre e soube defender-se a preceito: o chefe da esquadra local está sempre com um ou dois polícias de olho, não vá o diabo fazer das suas.

— Balearam-no no coração. Felizmente não tinha.

Ri-se sempre que conta esta história, de amor e de guerra, «perdoem-me a redundância, sim?». Terá sido, em tempos — são alguns os que asseveram conhecer-lhe a cara das revistas da alta sociedade. Ela não comenta e segue em frente, com o seu vestido de marca roçado e sujo e os seus sapatos de salto alto partidos em meio salto ou mais.

— O amor matou-me e depois salvou-me.

Sai-se com esta perante um grupo de turistas que andam por ali, e di-lo em inglês perfeito, para não deixar dúvidas, para que todos saibam que os mendigos deste país são mendigos de categoria, que sabem falar em várias línguas — e sabem pedir em várias línguas.

— Mostrei-lhes simpatia. E o dedo do meio.

Ela é assim mesmo: não teme mostrar o que sente quando sente o que tem de sentir. Por vezes, chateia-se com a falta de chá dos mais jovens, outras vezes chateia-se com a preguiça para viver dos mais velhos. E já foram muitos os que ela salvou com essa sua postura — há até quem diga que o presidente da câmara, ele mesmo, a procura sempre que tem uma

grande decisão para tomar, será?

— Todos querem ser ricos. Pobres coitados.

Abominava o dinheiro: era, para si, um ser repelente, abominável. Provavelmente terá tido, na sua vida, experiências que a faziam pensar assim. Certo é que jamais alguém a terá visto mexer em moedas ou notas desde que mora ali, no meio dos que não têm onde morar. Vive da comida e da bebida que lhe dão: «basta-nos comer e beber para sermos felizes, não é»?

— Depois da riqueza só sobram pobres.

E enfia mais um pedaço de pão na boca, enquanto à volta os turistas a olham como se ela fosse uma criatura rara, daquelas que não voltarão a ter a oportunidade de ver. E é.

— Sou genial. Mas os burros desconhecem.

E tu: conheces?

Não celebrava aniversários.

— A idade envelhece — dizia, com um sorriso nos lábios, a quem lhe perguntava porquê.

A verdade é que não fazia a menor ideia da idade que tinha, nem sequer uma estimativa conseguia fazer.

Media tudo em momentos.

— Até hoje tive duzentos e vinte e quatro momentos inesquecíveis, pelos quais valeu a pena estar vivo. Estou ainda longe do objectivo dos mil que coloquei a mim mesmo quando vi a minha mãezinha, Deus a tenha, tão nova e tão acabada diante de mim. O tempo mede-se através do que não se esquece, só isso.

Não usava números.

— A matemática envelhece — explicava, ele que já tinha sido um dos mais brilhantes matemáticos do país, talvez do mundo, estava agora desistido de tudo o que não fosse letras ou gestos ou toques.

— Nascemos para amar, o resto são manobras de diversão que, confesso, já não me divertem nada. Tenho muitos momentos inesquecíveis para viver e não posso perder tempo com nada mais do que isso — concluía, sem saber que acabava por ser um viciado em números como outro qualquer, pois se o mil era o seu número perseguido por que raios não haveria de ser como todos os desgraçados que tanto criticava?

Somos todos, no limite, reféns de um milhão — pode ser de dinheiro ou de beijos, mas somos todos reféns de um milhão, contas por baixo.

— Disseste que nunca te enganavas.

— Enganei-me, respondeu ele, segundos antes de, diante da mulher que amava há não mais de três meses, dizer que sim, que casava com ela, e acrescentar ainda vários números, números que não teve qualquer problema em dizer, qualquer problema em pensar: vinte e quatro de outubro, às doze horas. Sim: seria essa a data e seria essa a hora do enlace, para o qual estavam convidadas exactamente quarenta e sete pessoas.

— O problema não está nos números, apenas no uso que fazem deles. Como a vida, por exemplo — explicava, a quem o quisesse ouvir mas sobretudo a si mesmo, para se desculpar por ter faltado ao que lhe parecia incontornável.

— Mil e cem, acabadinhos de fazer, e ainda a contar — respondeu, quando o questionaram sobre o número de momentos inesquecíveis que vivera naquele dia.

Colo: s.m. O mesmo que salvação. não há heróis sem medo — e muito menos sem amor.

(duas histórias e algo mais)

Uma história:

«Quero os sapatos que melhor se agarrem ao chão», pediu ele na loja.

«Não quero cair em tentação», explicou.

Outra história:

«A vida decide sempre por nós», disse o medricas.

«Eu é que decido a minha vida», disse o intrépido.

«[...]», disse o feliz.

E algo mais:

Andamos nos dias para encontrar um motivo, sem perceber que são os dias o único motivo.

Como se precisássemos de uma justificação maior do que a de necessitarmos de viver, prosseguimos numa competição sem explicação, uma espécie de tabuleiro de ódios, carregados de cobiças, ratoeiras, mágoas estranhas. Não é necessário ganhar para ser feliz, porque não é na competição que a vitória está. Somos criaturas necessitadas de espaços de inexplicação, é isso que nos explica.

Há quem escolha a tristeza só para ter algo para sentir.

O pobre não é o que tem pouco, apenas o que sente pouco — sinto muito. Cobrir vazios com vazios alheios não os divide — só os multiplica. Vivo bem com a felicidade do outro, dirá somente o infeliz.

Perde-se tempo quando se esquece de que não há tempo a perder.

Pessoas passam por nós e tratamo-las como recursos inesgotáveis, até que o prazo se esgota. Como se suporta o que, ao acabar-se, acaba com o que julgávamos ser?

Somos sobretudo — mais do que aquilo que vivemos — aquilo que recordamos; lembra-te sempre disso.

Lembro-me, por exemplo, de acreditar que o amor era a junção de duas metades iguais, quando o máximo que o amor pode ser é a junção de dois cacos iguais, que quando se juntam se tornam num objecto admirável. As barbies são absolutamente perfeitas mas a beleza maior é a de uma boneca de trapos, uma metamorfose espessa, uma lição: somos a junção improvável de pedaços de todos diferentes, que resulta num todo que incrivelmente consegue funcionar.

E aquelas pessoas que estão sempre certas de tudo? Coitadas, só quando perceberem que desperdiçaram nisso a sua vida é que vão estar mesmo certas.

Certa é só a dúvida, a mudança, a transfiguração. Chama-se a isso incoerência, quando não é mais do que liberdade. Ninguém vive em total liberdade, mas, mais ainda, ninguém vive sem liberdade.

Não somos apenas o que fazemos, mas o que fazemos deve ser aquilo que somos.

Eu sou humildemente arrogante. Pretendo todos os dias ser o melhor do mundo em tudo o que faço. Sobretudo quando caio, e caio tantas vezes: cada vez melhor. A felicidade é encontrar diariamente a queda que nos assente melhor, e não a melhor maneira de não cair.

A ironia da felicidade é, muitas vezes, nascer daquilo que não alcançamos — muito mais do que daquilo que realmente alcançamos. Quando te conheci procurava a mulher perfeita; ainda bem que não a encontrei.

1.

«Nunca se sofre por amor, apenas por falta dele.»

A frase, escrita junto ao muro da Faculdade, ficara presa na memória: de que falamos quando falamos do que nos falta?

— Queres ser precisa para sempre?

Foi a pergunta dele quando a viu. Não sabia que ia fazer aquela pergunta, nunca algo assim lhe passara pela cabeça, e no entanto quando ela passou, com aquele ar de menina ingénua que nem assim deixa de saber tudo, foi aquilo que lhe saiu, como se fosse possível falar sem pensar, e é.

Nada do que vale a pena nesta vida foi planeado antes.

— Quando quiseres ser a mulher da vida de alguém lembra-te da minha, sim?

Depois, sem mais uma palavra, virou costas, ela em silêncio, boca aberta, e seguiu em direcção à ourivesaria da rua central, aquela onde iria encomendar a aliança que iria usar nela ou que, então, ficaria para sempre ali, naquela loja onde está, agora mesmo, a dar ordem clara:

— Se vier aqui buscar a aliança sem estar acompanhado por esta mulher não ma dêem.

Mostrou a fotografia dela, assinou uma declaração onde assume a ordem que acabou de dar, pagou o que tinha a pagar, seguiu caminho por entre a multidão.

2.

«O amor não é um edifício estático: move-se quando algo se move no interior de nós.»

Foi esta uma das frases que o advogado dele usou na sua declaração final diante do juiz, no já célebre processo, espalhado nos últimos dias por toda a imprensa, da aliança sem dono: o caso em que um homem, ele, tentava reaver, junto da ourivesaria onde a encomendara, a aliança que queria dar à mulher da sua vida.

«Contra factos não há argumentos.»

O juiz fechou a sua decisão com a frase feita de sempre. A aliança só poderia ser dada à mulher que estava na fotografia, isso era incontornável, como muitas coisas que há sempre forma de contornar o são.

3.

«Nunca se ama uma aparência, somente o que se aparenta em nós.»

Estas palavras ele não disse, nem o advogado dele disse, nem ninguém disse. Foi só o que ele pensou quando, na ourivesaria, com uma mulher ao lado que é igual à mulher da fotografia e do contrato que assinara muitos anos antes, levantou finalmente a aliança e a colocou no dedo dela.

— Vendido.

Respondeu, dias depois, quando recebeu uma proposta pela venda da casa dos pais e do carro, dinheiro suficiente para pagar pelo menos parte das operações plásticas que a mulher da sua vida tivera de fazer para o ser mesmo.

«Há quem ame uma miragem, e depois a ame tanto que a faça existir.»
Podia ler-se, agora, junto ao tal muro da Faculdade.

4.

«Contra factos não há argumentos, mas há amor.»

Resolveu o casal colocar no convite de casamento, enviado com toda a ternura para a família, para os amigos e para um juiz.

«Somos a ordem que criamos. Há quem nunca tenha sido feliz apenas por falta de disponibilidade.»

O medo. O lobo sanguinário: quantos sonhos lhe morreram nos dentes?

— Quero subir.

— E se caíres?

— É precisamente para isso que quero subir: para pelo menos correr o risco de cair. Só a queda ensina a ver o mundo de perto.

Não há que temer o fim. Não há, até, que o levar a sério. No final vamos acabar — é por isso que se chama o final. Há que temer o caminho: é no caminho que acontece o que dói. O insuportável não é morrer: quando a morte chegar vai apanhar-me vivo, chega-me isso para me sossegar.

«Sou a diferença entre aquilo que nasci e aquilo que vou morrer. No meio está a virtude, e eu.»

— Hoje magoei-me.

— Ótimo.

— ...

— Coitado de quem não pode dizer o mesmo.

A vida magoa. O que não magoa não é vida nenhuma. Um vencedor é um teimoso mais resistente à dor, pouco mais. Quem fugiu da dor a vida toda nasceu morto.

«Sou a diferença entre a paz e o desassossego. No meio está a virtude, e eu.»

— Hoje estou ansioso.

— Aproveita.

— ...

— Coitado de quem não pode dizer o mesmo.

Querer é viver. Estamos vivos quando queremos, quando queremos muito, quando queremos desesperadamente, quando o coração e as pernas

e o corpo todo param de tanto querer. Só quem ainda quer algo pode morrer.

«Sou a diferença entre a ansiedade e a satisfação. No meio está a virtude, e eu.»

— O amor.

— O que tem?

— Basta isso. Basta tê-lo.

— O amor.

— Esse sacana. Essa besta.

— ...

— Asfixia-nos, controla-nos, domina-nos.

— Sortudo.

— O amor?

— Tu.

— ...

— São tão poucos os que o conseguem descrever assim.

— Falta de palavras?

— Falta de amor.

— Coitados.

— Coitados.

— Viva o amor.

— Viva.

Tudo para te dizer que quero, que anseio, que preciso. Não para sobreviver — ambos sabemos que a sobrevivência está sobrevalorizada. A sobrevivência é uma bosta, tão poucozinha, tão pequenina, tão mediocrezinha. Para aproveitar. Isso. Para aproveitar. Quero aproveitar-te em mim, deixar-me ser aproveitado por ti. Pode não ser romântico, pode não ser poesia. Mas é a vida. A vida aproveita-se, e é tudo. Queres aproveitá-la comigo?

«Sou a diferença entre a tua pele e o meu segredo. No meio está a virtude, e tu.»

Colo: s.m. Parte do corpo que, apesar de anatomicamente não existir, sustenta todos os movimentos corporais. O que nos faz viver raramente aparece em radiografias.

Só são submissos ao destino aqueles que passam a vida a querer fugir dele.

— Eu não fujo de ninguém, ficas desde já a saber, Batman.

O bêbedo dizia aquilo ao olhar para a freira à sua frente, naquele fim de tarde de chuva, e toda a gente à volta se riu, como se por segundos a vida não tivesse consequências.

A vida tem como única consequência acabar; tenta não acabar antes dela.

— Tens a obrigação de não viver como se viver fosse uma obrigação. Noventa por cento do mundo vive como se estivesse a lavar a loiça. E os outros dez por cento são malucos. Agora escolhe.

Desta feita quem passou por ele já não se riu tanto. Um homem de pasta na mão e uma corda no pescoço (chamam-lhe gravata, não é?) esboçou, durante dois ou três segundos, um sorriso, mas não aguentou. Metros à frente, protegido pelos óculos de sol, chorou que nem um bebé mimado durante dois minutos e meio. Foram os dois minutos e meio mais felizes do seu dia.

Por mais que não queiras, só és feliz quando deixas de ter medo de sentir. Até lá és uma espécie de animal de zoológico, só isso.

— Eu também já fui um gajo ponderado, mas depressa percebi que era só um gajo acabado. A ponderação que se vá encher de moscas: antes ela do que eu.

Deu mais um gole na garrafa que carrega como se fosse um troféu, sentou-se junto à entrada do banco, empunhando um pequeno cartaz onde se pode ler: «MORGUE».

— Só se morre por medo. Morrem mais pessoas vítimas de empréstimos bancários do que de tiros.

Ninguém lhe ligou muito até que começou a distribuir as dezenas, ou centenas, de notas que trazia na sua mochila suja.

Um dos males maiores do mundo é só prestar atenção ao que dá dinheiro.

— Ainda bem que vieram, senhores guardas. Os ladrões estão lá dentro. Apanhem-nos enquanto é tempo.

Não eram, como ele queria, os banqueiros quem a polícia vinha deter; era ele mesmo.

Antigamente a polícia prendia os ladrões; agora obedece-lhes.

— Podem pensar que vou preso, mas na verdade vou livre. Podem pensar que têm pena de mim, mas na verdade têm inveja.

Ao entrar no carro, com as mãos algemadas e com muita gente (até aqueles que, sem pestanejar, guardaram sem volta as notas que ele distribuiu há pouco) a olhá-lo, parecia o homem mais feliz do mundo, sorriso descoberto, um olhar aberto, como se a realidade não estivesse a acontecer assim.

O que vivemos é o que sentimos, o resto é engano.

— Culpado — respondeu, quando o juiz lhe perguntou como se declarava perante a acusação de perturbar a ordem pública.

A ordem é o caos razoável, a ditadura aceite e por isso aceitável. A História só lembra quem um dia desrespeitou, lembra-te disso.

— Está livre.

— Eu sei. O senhor é que não, meritíssimo. Lamento imenso.

E chegou-se ao pé do juiz, puxou-lhe a cabeça para o ombro e quis acarinhá-lo antes que os agentes de segurança chegassem. Não conseguiu.

Pouca gente consegue dar carinho antes de chegar a segurança. A esmagadora maioria das felicidades perde-se por uma questão de segurança. Arriscar devia ser uma questão de segurança: homem prevenido sente por meio, ou nem isso.

— Vamos proceder à leitura do testamento.

Falecera há três dias numa esquina qualquer, anónimo como sempre, e só então se percebeu que era o único herdeiro de uma das famílias mais abastadas do país. «Deixo, por uma questão da mais elementar justiça, toda a minha fortuna aos mais pobres», leu o advogado. «Tudo, então, será doado aos banqueiros.»

1.

A maturidade não é encontrar respostas; é encontrar as melhores perguntas.

— Não é, não é, não é?

As crianças perguntam até saberem, são insistentes até conseguirem, brincam até se cansarem, vivem até caírem para o lado de tanto viver — e ainda lhes chamam infantis. Infantil é não amar, escreva-se nos muros e nas paredes da cidade, nos muros e nas paredes de todas as cidades — de todos os mundos, diriam os mais pequenos, fartos de saber que muitas vezes é necessário viver noutros mundos para suportar o que este nos dá.

— Não é, não é?

E ainda lhes chamam infantis.

2.

Quando o tempo passa tenta não passar com ele: é com isso que as pessoas tendem a passar-se.

— Passo o tempo a dizer-te isto. Não sei como é que nunca mais aprendes.

Os adultos enchem-se de regras, de aprendizagens forçadas, daquilo que tem de ser porque fica mal ser de outra maneira. O que fica mal é não amar, passar pelo tempo a vê-lo passar, esconder um prazer por detrás de um medo. Que se dane o que fica mal: é isso o que nos faz ficar mal, escreva-se nos muros e nas paredes da cidade, nos muros e nas paredes de todas as cidades — de todos os mundos, diriam os mais pequenos, fartos de saber que muitas vezes é necessário viver noutros mundos para suportar o que este nos dá.

— Não é, não é, não é?

E ainda lhes chamam infantis.

3.

Antes de crescer acreditava no amor eterno; agora vivo-o.

— Amo-te para me impedir de crescer.

Os apaixonados são boas pessoas, as únicas boas pessoas do planeta inteiro. Um apaixonado é, em tudo, um apaixonado. É por isso que resiste ao que dói, ao que atrasa, ao que falha, ao que perde. Um apaixonado resiste à vida: não vejo, aliás, outro modo de resistir à vida. Há quem acredite que se sobrevive sem amor; e está certo: sem amor é apenas isso que se consegue fazer — sobreviver, habitar num espaço de antieuforia, de antiemoção, e por isso também de antidepressão ou de antidesilusão, valha

isso a merda que valer. Há-de haver algum motivo maior do que amar para estar vivo, mas eu não o conheço, escreva-se nos muros e nas paredes da cidade, nos muros e nas paredes de todas as cidades — de todos os mundos, diriam os mais pequenos, fartos de saber que muitas vezes é necessário viver noutros mundos para suportar o que este nos dá.

— Não é, não é, não é?

E ainda lhes chamam infantis.

4.

O problema do mundo é o excesso de adultos.

— Sou viciado em notas, sobretudo nas de chocolate.

Há quem dê ao dinheiro o papel principal, mas o papel do dinheiro é verde, mais nenhum. E cheira mal, e é uma porcalhice sem igual. É de chocolate e de orgasmos que se fazem as recordações. Olha imediatamente para trás, para o que viveste, e pensa: algum dos teus momentos inesquecíveis não teve chocolate ou orgasmos? Se sim, esquece: os teus momentos inesquecíveis são uma trampa. Toca a criar novos, daqueles a sério. Vá, vá, não percas tempo. Somos subpessoas antes de amarmos uma pessoa, ou de abrimos uma embalagem de chocolate, escreva-se nos muros e nas paredes da cidade, nos muros e nas paredes de todas as cidades — de todos os mundos, diriam os mais pequenos, fartos de saber que muitas vezes é necessário viver noutros mundos para suportar o que este nos dá.

— Não é, não é?

E ainda lhes chamam infantis.

5.

— Quando for grande quero exactamente aquilo que quiser.

E tu: o que queres?

Combatente: s.m. Aquele que dá tudo pelo seu caminho — mesmo que seja um mau caminho.

— Calma, tenho a situação perfeitamente descontrolada.

Respondeu ele quando lhe perguntaram o que raios estava a fazer abraçado a uma desconhecida no meio da rua.

— Sem stress. Eu não sei o que estou a fazer.

Respondeu ela quando lhe perguntaram o que raios estava a fazer abraçada a um desconhecido no meio da rua.

— Vi-a e amei-a, não vejo qual é a dificuldade em entender isto.

Nenhuma; pelo menos não devia ser nenhuma. Ama-se e pronto: que dificuldade terá entender isto? Procura-se, indaga-se, tenta encontrar-se um motivo para o que só existe quando não tem motivo aparente — ou sem ser aparente. Ama-se sem motivo, não vejo qual é a dificuldade em entender isto.

— Acabei de o conhecer e agora conheço-me melhor.

Ela sabe do que está a falar: o amor serve para nos desencontrarmos do que julgávamos ser nós; o amor é, digamos, uma contração, e é por isso que é uma perdição. Ninguém sabe como lidar com aquilo com que nunca teve de lidar. O amor ensina, coloca-nos perante novos estádios de nós. Até ao amor, tudo é controlável, tudo é previsível. E agora, quando ele acabou de acontecer, não se sabe o que pode acontecer. Que maravilha, não é?

— Vivemos juntos há três minutos e desde sempre.

O tempo é um constructo racional, e desde logo arcaico. Não se conta o tempo que se ama, apenas se ama o tempo que se ama. Não faltam histórias de pessoas que viveram juntas durante décadas e nunca viveram juntas. Viver junto é amar junto, sentir junto, passar pela vida — pelo tempo, lá está — junto. Em um ou dois minutos pode haver mais amor do que numa vida inteira. Quando fores feliz e conseguires olhar para o relógio para saber durante quanto tempo foste feliz podes ter a certeza de que não estás feliz coisa nenhuma.

— És a dependência mais bonita do mundo.

Tem razão, ela, ao afirmar isto: as dependências tendem a ser coisas horríveis — como seringas ou garrafas de vidro. Esta dependência é interessante: mais de um metro e oitenta de interessante. O amor é a dependência bonita, por mais que os catedráticos da independência digam o contrário. Ou és dependente do amor que amas ou és dependente da independência. Mal por mal prefiro a primeira possibilidade, quanto mais não seja porque tem a faculdade de me oferecer orgasmos — o que, parecendo que não, tem a sua importância. Somos criaturas precisadas

umas das outras, é isso o que faz de nós o eu que somos nós, e felizmente somos nós. Ter medo de precisar é ter medo de ser. Preciso de ti, de todos os tis que habitam a minha vida, para me entender melhor: para me precisar melhor. Quem não vê isto não vê nada, ou no mínimo não sente nada.

— Conhecemos o manual do amor saudável, sim. Rasgámo-lo há pouco.

Desta vez foram mesmo os dois que o disseram em uníssono, como se tivessem ensaiado antes — talvez tenham mesmo ensaiado, nunca se sabe. O que se sabe sempre é que é sempre assim: alguns ensinam o amor saudável, outros vivem-no. Saudável nunca é o que nos faz querer estar vivos. Estamos vivos para sentir o que ninguém recomenda: é a nossa forma de egoísmo e todos somos egoístas do que nos faz bem — é precisamente por isso que o partilhamos com os outros, para que possamos sentir ainda mais fundo, ainda mais longe, num altruísmo egoísta, ou egoísmo altruísta, ou outra coisa qualquer desde que nos contagie, desde que nos asfixie, desde que dê um sentido qualquer ao que, sem isso, sem o que não faz sentido, não tem qualquer sentido. Um beijo de língua no meio da rua, um chocolate carregado de açúcar no meio do dia. Somos dependentes do que faz mal, e é quem não tem coragem de provar o que faz mal que efectivamente faz mal: faz o mal. Porque fica amargo, frustrado, irrealizado. Precisamos, aqui e ali, de pisar o risco para estarmos no caminho certo: para sentirmos, até, que existe um caminho certo. Há, amiúde, uma dose elevada de errado em cada momento certo que vives.

— Quando viver vou para o céu.

E foram, e estão.

— Nada banaliza mais um humano do que a necessidade de ser diferente. É no que fazes da banalidade que reside o extraordinário.

Era uma vez um homem que sabia melhor quem era à medida que ia sabendo melhor quem eram aqueles de quem gostava. É no fundo assim que vemos quem somos: quando vemos aqueles de quem gostamos. Amamos o que somos, talvez assim se entenda melhor a lógica disto tudo, por mais que isto tudo não tenha lógica nenhuma.

— Vejo-te para me ver melhor.

Acreditava que ver era um processo emocional, e comprovava-o facilmente: «passo todos os dias na mesma rua e nunca está ninguém naquela rua, mas um dia aquilo faz-me pensar, no outro dia faz-me rir, no outro faz-me chorar, no outro faz-me dançar». O que vemos é o que somos: é o que estamos. Mais ainda: o que estamos a ser. Não existe a vida a acontecer-nos; existe nós a acontecer-nos no meio da vida que nos acontece. Somos prisioneiros de uma espécie de liberdade, de uma espécie de espécie. Isso: somos uma espécie de espécie, pessoas de outras pessoas quaisquer. Amamos para nos suportarmos, e só a ausência de amor nos insuporta. Somos peças instáveis de uma construção ficcional. O que nos faz felizes não existe, e ainda bem. A felicidade é abstracta e concretamente um monte de tretas. Um ser dentro da realidade nunca está fora de si, que tristeza de vida.

— Ser realista é ingénuo, e utópico. Um realista é um sonhador ao contrário: alguém que pensa que só por ser pequeno cabe em si.

Este homem de quem falamos nunca acreditou no que era factual: não domina, sequer, o conceito do que é o existente, o que é o mesmo que dizer que é poeta, o que é o mesmo que dizer que está apaixonado pelo mundo. Estar apaixonado pelo mundo é estar sempre junto ao abismo, no limiar da desilusão. Tem uma profissão das nove às cinco, em que tenta colocar poesia na maneira como lava os pratos do restaurante em que trabalha. Há nele uma esperança sombria, como se conseguisse retirar um verso de onde os outros tiram rotina. Amar é isso: retirar um verso de onde os outros tiram rotina. Amar todos os dias pode cansar quem não ama.

— Magoa-me a necessidade de emoção, e é ela que me suporta.

A vida não lhe foi fácil: perdeu amores, perdeu sonhos, perdeu o que poderia ter sido. É por isso que é o que é. Não tem como ambição sair do restaurante, nem mesmo deixar de lavar pratos: ali consegue pensar, enquanto as mãos, maquinalmente, fazem o trabalho para que é pago. Já pensou em mil e uma maneiras de ser feliz — só hoje, claro. Vai tentar, nas

horas que lhe restam, colocar algumas delas em prática, por mais complicado que possa parecer. Para já, sem perder tempo, vai dizer à mulher que ama que a ama, fizéssomos todos isso e esta bodega seria bastante mais habitável.

— Amo-te apesar de seres perfeita.

E ela ri-se quando vê a mensagem entrar-lhe pelo telefone, o paciente com quem está sorri com ela, percebe que foi o amor a entrar por ali, e só se pode sorrir sempre que o amor, nem que por interposta pessoa, nos entra na vida. Esta médica sente-se privilegiada por estar apaixonada, por que raios não estamos todos? Conhecer alguém que ama devia ser motivo para felicidade — e para ele era: um dos passatempos favoritos era sair à rua para ver amor. Andava horas a apreciar quem se amava e não parava de chorar, feliz, ao ver cada casal em beijos, cada mãe a abraçar o filho, cada pai orgulhoso do seu menino, cada avô a celebrar a vida toda nos passos do seu neto. E ele ali, realizado com a realização dos outros. Ficássemos felizes com a felicidade dos outros e nenhum dia haveria sem que a felicidade nos tocasse.

— És a melhor maneira de ser finito.

Escreveu-lhe agora, ela sorriu, o paciente sorriu: amar é um sorriso sem motivo, só isso, e é tudo.

Combatente: s.m. Diz-se do indivíduo que abdica de tudo em nome de uma verdade; a questão é: que nome se dá a quem abdica de tudo em nome de uma mentira?

E a sua mãezinha, como está?,
a senhora da pastelaria pergunta,
como foste morrer e deixar-me amputado de respostas, mãe?,
as mães servem para nos responder, pouco mais, e para serem
amadas, obviamente,
amei-te como devia, mãe, amei, amei, amei?,
saio a correr dali para fora, o mundo prossegue sem a minha mãe
dentro,
que sentido tem isto, alguém me explica?,
a senhora da pastelaria sente-te a falta,
ias para lá e rias à entrada, os vizinhos a passarem e a
cumprimentarem-te,
junto a mim não quero tristezas,
e rias,
há sempre um motivo para rir, por mais que esteja escondido,
seria possível não gostar de ti, mãe?,
chegar a casa e tu não estás,
nunca se chega a casa quando se chega lá e o amor não está,
as casas são feitas de amor, não de paredes,
o teu quarto intocado,
o pai não lhe consegue mexer, nem eu lhe consigo mexer,
há-de ficar assim até haver uma coragem que nenhum de nós
conheceu ainda,
quando nos morre uma mãe talvez nos morra mais de metade da
coragem, pelo menos,
as tuas roupas,
eras tão vaidosa, saías para a rua sempre bem vestida,
Deus me livre de sair de casa mal preparada, meu filho, quando saímos
temos de sair mesmo, sair sem medo, Deus me livre de não sair para a rua
no meu melhor,
eu saio, mãe, agora saio, mãe, todos os dias saio para a rua sem ti,
levo-te no interior da saudade, no interior da precisão,
na pastelaria, no café, no supermercado,
e a sua mãezinha, como está?,
não está, não estás, foste-te e em mim ficou a tua presença,
a dor é estarmos com alguém que já não está, não é?,
sentamo-nos à mesa, o pai chora, eu choro,
a tua mãe era a melhor cozinheira da História da Humanidade,

no mínimo da História da Humanidade, porque acredito mesmo que de todas as Histórias da História também, velhote,
tenho de cuidar de ti agora, vou fazer-te o viúvo mais feliz de sempre, ou menos infeliz de sempre,
não existe felicidade depois de o amor de uma vida nos sair da vida enquanto ainda estamos vivos,
vivos é uma maneira de dizer, dificilmente se vive depois de a mulher da nossa vida nos deixar antes da nossa vida,
era, pai, a mãe era a melhor cozinheira que o mundo conheceu, que todos os mundos conheceram, fechava-se na cozinha e em meia hora tinha um banquete pronto,
deixa que eu ajudo-te,
e não deixava,
pensas que estou velha ou quê?,
queria poupar-te, mãe, queria reservar-te para as coisas boas da vida, o cinema,
adoravas filmes de acção,
odeio estar parada a olhar para um ecrã parado, tenho de me mexer nem que seja por dentro,
os passeios com os meus filhos,
os meus netos têm de ser gente antes de serem espertos, há tantas pessoas inteligentes que valem tão pouco,
e passavas horas a ensinar-lhes o conteúdo da humanidade,
uma vez ficaste uma tarde a ensiná-los a respeitar, foste a um bairro pobre, puseste-os a falar com os amigos que tinhas por lá, deste-lhes amizades com crianças que não tinham nada e eram tão felizes,
viram como transformaram o que não têm em tudo o que os faz ir mais longe?,
eles chegaram a casa e puseram a mesa, contaram-nos tudo, riram-se, choraram quando se lembraram do momento em que saíram de lá e deixaram os novos amigos ali, numa espécie de barraca,
quando for grande quero ser gente,
disse um,
quando for grande quero amar,
disse outro,
foi isso que me ensinaste, por isso aqui estou, agora, junto a ti, junto ao pai, junto aos que amo, a celebrar a tua existência mesmo que não esteja cá o teu corpo,
e a sua mãezinha, como está?,
e eu respondo que está bem, obrigado,
está no nosso coração,
e é feliz, como não?

(manual de psicologia para loucos)

1. Só aquilo em que reparamos nos pode reparar.

A vida é aquilo em que se toca, pouco mais. O que se toca não é, nunca é, apenas aquilo em que a pele toca; o que se toca é aquilo que nos toca, que nos revolve por dentro, que nos ensina a sentir. A experiência serve para isso: para sentir melhor — e para ficar imune ao que não deve ser sentido. Concretizando: ao que não tem sentido. Ser pessoa é reparar: ter a coragem de reparar. O resto é bosta. Passar pela vida sem reparar nela é um mal sem reparo possível. Sobrevive-se a tudo menos à ausência de algo para ser salvo. Salva-nos aquilo que podemos salvar, como se nascêssemos ao contrário: temos um mundo todo destruído para consertar e é para isso que aqui estamos: para, dia a dia, consertarmos isto e depois aquilo, e depois aqueloutro, até fazer com que o nosso planeta — o espaço recôndito que habitamos — se torne menos insuportável. O que nos suporta é o que não conseguimos suportar — e que por isso reparamos. Sem medo. Melhor: cagados de medo mas cheios de coragem — até porque não existe um sem o outro. Somos o medo que sentimos, sim; mas somos, mais ainda, o medo que superamos. Nada é pior do que não ter um medo para superar. Procura, incansavelmente, algo que te faça tremer. Quem nunca tremeu nunca existiu. Existir é duvidar, disso não tenho dúvidas.

2. Servem de pouco ou nada as palavras quando o outro lado está surdo.

Antes de pensares sobre o que dizer, pensa bem em quem o vai ouvir. É esse o percurso — e não o inverso: entender quem te vai ouvir e só depois arrancar para o que queres que ele ouça. Comunicar é de lá para cá: de quem ouve para quem diz. É quem ouve, e não quem diz, que decide o que é dito. Sensibilidade, cumplicidade, ligação é isso, sobretudo isso: entender quem nos ouve e usar a linguagem que quem ouve consegue decodificar. Há que decifrar para amar bem. O amor feliz é o amor que sabe olhar, pensar, hesitar, às vezes até desistir, antes de falar. Há quem mate um amor por palavras a mais, há quem mate um amor por palavras a menos — e no fundo é tudo a mesma coisa: os amores morrem, muitas vezes, por incapacidade de ambos os lados de ouvir o outro. E, por mais que pareça o contrário, a culpa não é de quem não ouve; é de quem não se soube fazer ouvir. Há uma surdez dupla quando um amor termina. Uma vez é por falta de amor, é facto; mas outras vezes é apenas por falta de inteligência. Não sejas burro.

3. É na maneira como se dedica ao mais fácil que se vê a grandeza de um humano.

Os actos mais heróicos não aparecem nos livros de história. Nos livros de História não estão, sequer, os actos que mudaram. Estão, na melhor das hipóteses, os actos mais vaidosos do mundo. O que realmente altera a face da terra é o mundo miudinho, o mundo que só se vê com microscópio — ou com emoção (e são em absoluto o mesmo: a emoção é ver com microscópio). O que altera o mundo é a pessoa que és quando encontras a pessoa que o outro é. Somos a soma inexacta (até abstracta) dos gestos mais pequenos que somos capazes de fazer — e mais ainda dos que somos capazes de evitar. Qualquer um consegue fazer o que tem de ser feito; mas são raros — e mudam o mundo — os que são capazes de não fazer o que não tem de ser feito. Divulgar os teus feitos não é iluminar o mundo — e até nem é, vê lá tu, tapar o sol com uma peneira. É, fixa bem isto, tapar o sol com peneiras. Nenhum vaidoso sabe amar — só sabe amar-se (e acontece precisar de outros para se poder amar melhor).

Conforto: s.m. Uma das maiores impossibilidades humanas: ou estás desconfortável ou estás morto.

Quanto continuariam a ser honestos se não existissem prisões?

A honestidade é, por mais que tenhamos a mania de que assim não é, uma questão de aparência. É o lado bom — o lado belo, se quisermos continuar no meio da estética da vida — das aparências: quanto não fizeram o mal porque isso lhes ficava mal? Agimos em nome do que parecemos, também — e não há mal nenhum nisso. O belo comprime-nos, mas igualmente nos conduz. Tememos o fim da vida porque raramente vemos beleza no velho. Amamos o início porque é prenúncio de tanta coisa bonita: o beijo, o abraço, as descobertas. Somos dependentes de começos, sejamos honestos. E o que vêem em nós faz-nos ser, muitas vezes, o que não somos, ainda que, se o sintoma persistir, acabemos por o ser mesmo. Somos todos, na realidade, personagens fictícias, marionetas de desejos — próprios ou alheios. Somos actores vendidos, autores frustrados, autómatos incuráveis da vontade.

Livre é aquele que, amiúde, consegue fugir às suas vontades.

É claro que é bom saciar: oh, se é. É claro que há orgasmos que nos salvam a vida, ou que pelo menos nos adiam enquanto finais. Mas é necessário, com regularidade, ser livre para recusar a liberdade que mata: uma liberdade assistida. Qualquer um justifica o erro com a liberdade, pensando estar a salvar-se de uma prisão anunciada; mas é quem não resiste à liberdade escura o menos livre. O que prende é o vício — por mais que, nele, nos sintamos livres. Um pássaro que voa antes de aprender a voar não é um pássaro livre; é um pássaro morto.

Somos aquilo de que gostamos; mas somos, ainda mais, aquilo que tememos.

És o que te faz tremer. É isso o que te distingue do outro, do que está ao teu lado. Olha-o com atenção. Isso: olha-o bem. Agora pensa: o que teme ele? É quando o descobrires que o saberás verdadeiramente. O segredo é o que nos separa do rebanho, o que fica no subtexto da aparência. Mostra-se quase sempre o que é suportável, mas excepcionalmente o que nos suporta. Há quem tenha vivido uma vida inteira com um desconhecido do qual tanto se sabia. Sabemos muito do que são os gostos de quem amamos, muito pouco sobre o que são os seus desgostos, e quase nada sobre o que são os seus medos. É essa uma das nossas fragilidades: ficamos a meio do que nos pode assustar. Podíamos, sem dúvida, saber muito mais, conhecer muito mais; mas, é claro, temos medo. Somos acima de tudo aquilo que temos medo de saber que somos. Somos acima de tudo aquilo que temos medo de ser.

O idiota, quando lhe pedem para mostrar quem é, abre a carteira; o sábio abre a cabeça.

A sabedoria é o entendimento dos estratos que nos dividem; o sábio percebe, o idiota deforma — talvez seja esse o motivo para ser, na maioria dos casos, mais capaz de encontrar uma felicidade sustentável. A felicidade é, então, provavelmente, uma deformação inconsciente da realidade: uma espécie de inteligência cega, ou até burra. A lucidez dá trabalho e tem pouco de alegre. Só o oco encontra espaço para receber a merda toda com que temos de conviver, a merda que temos de assimilar. É essa a diferença entre um génio e um sábio: aquilo que faz com aquilo que sabe. O sábio vê a realidade e é pisado por ela; o génio vê a realidade e transforma-a. É daí que nasce a arte — e, claro, o amor. Sim: só o amor é genial. Até um idiota sabe isso.

(os dez decretos dos apaixonados)

1. Só está à altura das tuas lágrimas aquele que faz tudo para que nunca chores.

Chorar, quando se ama, é sempre a dois. Tal como rir, quando se ama, é sempre a dois. O que um sente o outro sente — ou, se não sente, quer sentir e, de tanto querer, acaba por sentir também. Quando olhares para alguém apaixonado estás a ver duas pessoas. Ou então não é amor nenhum.

2. A vida é um acto de coragem. Tudo o resto vem por acréscimo.

Amar é um acto de coragem. Nenhum amor sobrevive ao medo, mas também nenhum amor sobrevive à falta dele. Ama-se sempre com medo e com coragem. Amar é tremer e ir em frente em passos trémulos e ainda assim seguros. Ou então não é amor nenhum.

3. O destino não é como acabas; é por onde passas.

Sente-se o que se percorre, não onde se termina. És muito mais a estrada do que o lugar onde a estrada acaba. Ama-se o que se percorre juntos. Ou então não é amor nenhum.

4. Só quem aproveita o tempo lhe pode sentir a falta.

O amor eterniza e torna breve ao mesmo tempo. Ou então não é amor nenhum.

5. O maior erro é fazeres apenas o que pensas conseguir fazer. Nada do que mudou o mundo estava planeado.

O que interessa não vem na agenda. O amor é o que ultrapassa o interior do que estava previsto. Ou então não é amor nenhum.

6. O grande segredo para uma vida melhor é uma memória de erros à prova de bala. A infelicidade nasce, em grande parte, de erros que já cometeste mas dos quais periodicamente te esqueces.

A memória serve para amar: para amar várias vezes o que merece ser amado várias vezes. E serve, mais ainda, para seleccionar; é certo que te vais lembrar, quando amas, de momentos dolorosos; mas também é certo que, quando amas, te vais esquecer conscientemente deles. Ou então não é amor nenhum.

7. O erro não é fazer errado; é sobretudo não fazer.

Os apaixonados fazem. É essa uma das suas principais características: fazer, tentar, arriscar, ousar. Pode doer, claro; mas não fazer dói mais. Ou então não é amor nenhum.

8. Promete para ti, cumpre para os outros.

Compromisso: eis aquilo que está na base da fiabilidade do que te une a quem amas. Compromisso absoluto: ou estás com tudo ou não vales nada. Ou então não é amor nenhum.

9. Miserável de quem nunca está satisfeito: jamais será livre.

Estar satisfeito não é estar parado, não confundas. Mexe-te, reinventa-te no meio do que amas. Mas não asfixies o tanto que tens com o tanto que julgas precisar de ter. Relaxa. Encontra motivos para que uma liberdade singular te deixe respirar. Ama-se apesar de tudo, e sobre tudo ainda mais. Ou então não é amor nenhum.

10. Sabedoria é, ao ver alguém marchar no passo errado, não dizer que está incorreto, mas antes perceber que está a ouvir outra marcha.

Todos caminhamos o nosso passo. Caminhar a dois é perceber que nem sempre andaremos ao mesmo ritmo, nem sequer optaremos sempre pelas mesmas decisões em todos os momentos — não porque não nos amemos, mas precisamente por nos amarmos. Ama-se o que nos faz diferentes sem nos mudar. Ou então não é amor nenhum.

Conforto: s.m. O mesmo que bocejo: nunca ninguém leu em nenhum livro de História: «aqui está o Indivíduo X, famoso por ter passado uma vida extremamente confortável». Agora pensa: que indivíduo queres tu ser?

(a vida são tópicos)

- Nasceu algumas semanas antes do tempo, algo que, naquela altura, era quase sempre sinónimo de morte.
- Lutou para resistir — e resistiu, claro.
- O pai abandonou-a, e à mãe, por não ser um rapaz.
- Perdeu uma irmã mais velha um ano para uma doença contagiosa de então, depois de meses de luta e de tentativa de sobrevivência em vão.
- Começou a trabalhar aos dez anos para ajudar a mãe, numa empresa de calçado, das seis da manhã às oito da noite.
- Conheceu o homem da sua vida, mais velho duas décadas e com quase um metro e noventa de altura e de elegância, quando tinha dezasseis anos — e ficou fascinada, envolvida, irreversivelmente presa a ele.
- Casaram-se sem qualquer pompa e sem nenhuma circunstância — mas com tudo o que interessava para seguirem juntos.
- Tiveram quatro filhas perfeitamente saudáveis e pelo menos dois abortos não provocados — algo também ainda natural por aqueles dias.
- Ele foi, sem nunca se perceber muito bem porquê, acusado de um crime de atropelamento.
- Esteve preso alguns dias, mas saiu livre e inocente, respeitado por toda a gente.
- Teve um acidente mortal de moto e deixou-a viúva e com quatro filhas crianças aos vinte e um anos.
- Trabalhou num café de bairro de sol a sol.
- Conheceu o segundo homem da sua vida, este menos alto mas também envolvente, aos vinte e cinco anos.
- Casaram-se pouco tempo depois, numa cerimónia à qual as quatro meninas do outro casamento assistiram.
- Tiveram, depois, sete filhos juntos.
- Nunca deixou de trabalhar e teve mil e um empregos.
- Um dos filhos morreu de acidente de automóvel quando tinha vinte anos — e quando ela tinha pouco mais de sessenta anos.
- Tirou a carta de condução apenas para mostrar a si mesma que era capaz — mas nunca conduziu.
- Foi operada sete vezes aos mais diversos problemas e doenças, e delas saiu sempre capaz de prosseguir com aquilo que queria fazer.
- Além do seu emprego normal vendia os mais variados produtos de porta em porta, em busca de um rendimento extra.
- A última vez que foi operada já tinha mais de setenta anos.
- Pouco tempo depois perdeu o segundo homem da sua vida, depois de ter

padecido mais de dois anos com a doença e a incapacidade dele.

- Já com mais de oitenta anos, caiu de uma cadeira alta enquanto tentava colocar uma lâmpada de tecto.
- Recuperou mais uma vez e manteve-se lúcida e autónoma, senhora do seu nariz.
- Penteava-se todos os dias com a sua escova preferida e adorava ver-se ao espelho, sempre vistosa — e foi assim, de cabelo penteado e vistosa que morreu, em casa, sozinha e independente como sempre.
- Foi uma das pessoas mais felizes que conheci.

«Que merda de vida a minha»,
pensa o homem parado à chuva à espera do autocarro,
«esta porcaria nunca chega a horas»,
o guarda-chuva, velho e frágil, treme com o vento, a chuva chega de frente e molha-o cada vez mais,
«estava a ver que não, foda-se»,
fica de pé porque já não há lugares sentados, agarra-se como pode e onde pode para não cair ao chão em cada curva, ao lado está um adolescente perdido no seu mundo,
«já não há respeito, é o que é, este mundo está perdido»,
olha de canto para o adolescente com os headphones nos ouvidos e a música no máximo, pouca gente naquele autocarro não ouve o que ele está a ouvir, uma gritaria tão desengonçada que nem Mozart conseguiria afinar,
«era só o que me faltava»,
a avaria do autocarro parece ser grave, o motorista já avisou que terão de esperar pelo menos uma hora até que possam vir buscar os passageiros,
«é suposto levar toda a gente nessas carripanas minúsculas»,
duas ou três pequenas carrinhas, não mais, para levar toda a gente daquele autocarro,
«que calor do caralho, nem consigo respirar»,
as pessoas vão coladas umas nas outras, a carrinha onde ele vai está apinhada até não poder mais,
«as putas das obras nunca mais acabam»,
o trânsito está caótico, são mais de quarenta minutos até chegar ao destino final,
«até nunca»,
e é o primeiro a sair sem olhar para trás e a mergulhar no amontoado dos passeios da cidade em hora de ponta.

«Que sorte de vida a minha»,
pensa a mulher parada à chuva à espera do autocarro,
«espero bem que se atrase mais do que nunca»,
olha sempre que pode, sem dar muito nas vistas, para o homem que ama, que gostava de amar, ou pelo menos conhecer, e quando finalmente ganha coragem para o ajudar a abrigar-se no seu guarda-chuva porque o dele está a dar as últimas acontece o que ela não queria que acontecesse,
«tinhas de chegar tão cedo, desgraçado, valha-me Deus»,

fica de pé porque ele ficou de pé, tenta estar próxima o suficiente para lhe sentir o cheiro e o poder ver bem, mas distante o suficiente para que ele não possa perceber que está a ser olhado, ou até amado, sabe-se lá,

«é a minha música favorita, isto só pode ser um sinal»,

olha feliz para o adolescente com os headphones nos ouvidos e a música no máximo, depois olha para o homem que quer que seja o da sua vida e junta o som da música ao som do que sente, que momento maravilhoso, este, só quer que não passe, que nunca passe,

«por vezes tem de avariar algo para nascer um algo ainda melhor»,

a avaria do autocarro parece ser grave, será pelo menos uma hora, segundo o motorista, para ela poder olhá-lo melhor, senti-lo melhor, passar mais um tempo com ele, nem que seja assim, quando se ama todos os motivos são válidos para amar,

«assim vamos juntinhos, ainda mais juntinhos»,

duas ou três pequenas carrinhas, não mais, para levar toda a gente daquele autocarro, ela entra logo a seguir a ele, não quer deixar nada nas mãos no destino, felizmente o destino é aquilo que a acção faz, nada mais do que isso,

«sinto o coração dele a bater, que loucura»,

as pessoas vão coladas umas nas outras, a carrinha onde ele vai está apinhada até não poder mais, ela vai apaixonada até não poder mais,

«o progresso de uma cidade pode ser também o progresso de um amor»,

o trânsito está caótico, são mais de quarenta minutos até chegar ao destino final, quarenta minutos de cumplicidade, há mais química ali do que aquela que Lavoisier conseguiria um dia explicar,

«até sempre»,

e é a segunda a sair, logo a sair a ele, sem lhe tirar os olhos de cima, a mergulhar no amontoado dos passeios da cidade em hora de ponta.

*só deve ler o que está entre parêntesis quem acredita no amor; os outros ficam por aqui.

(«Que vida a minha»,

pensa o homem parado à chuva à espera do autocarro,

«assim não vou a tempo de abrir a loja»,

está inquieto debaixo do guarda-chuva, à espera de que o tempo passe e boas notícias surjam no horizonte,

«talvez ainda dê, talvez ainda dê»,

fica de pé porque quer estar perto da porta, assim quem sabe ainda chegue a tempo de não perder nenhum cliente, por mais que os clientes sejam dorminhocos há sempre quem chegue cedo quando ele chega tarde, isso é matemática, uma matemática tão profunda que nem Newton a

conseguiria explicar,

«a letra fala em perder oportunidades porque chegamos tarde a elas, isto só pode ser ironia, só pode ser»,

olha com um sorriso sarcástico para o adolescente com os headphones nos ouvidos e a música no máximo, depois olha para o relógio e pensa em quantas oportunidades poderá vir a perder,

«agora é que não há volta a dar, já foste, Manel, já foste, só espero que o senhor Guedes não apareça por lá hoje»,

a avaria do autocarro parece ser grave, será pelo menos uma hora, segundo o motorista, até voltar a estar a caminho daquele que, pelo menos até hoje, era o seu emprego, e que pode muito bem vir a tornar-se o seu desemprego,

«assim posso esconder-me melhor»,

duas ou três pequenas carrinhas, não mais, para levar toda a gente daquele autocarro, ele entra depois de metade das pessoas entrarem numa delas, quer passar invisível para ninguém perceber que está atrasado, irreversivelmente atrasado,

«ao menos dá para pensar na vida»,

as pessoas vão coladas umas nas outras, a carrinha onde ele vai está apinhada até não poder mais, ele tenta brincar com o que pode não ser brincadeira nenhuma,

«amanhã talvez tenha de ir para ali pedir trabalho, raios me partam se fico sem emprego»,

olha para os trabalhadores das obras, o trânsito está caótico, são mais de quarenta minutos até chegar ao destino final, e provavelmente ao seu dia final naquele ofício,

«até já»,

e é o terceiro a sair, logo a sair ao casal que amanhã, ele ainda não sabe, vai atender lá na loja,

«vínhamos à procura de anéis de noivado, por favor»,

e será o derradeiro pedido que ele vai atender na Joalheria do Guedes, não porque foi despedido mas porque se vai despedir, está farto de ver a felicidade dos outros sem lutar pela sua, que todos os santos o ajudem.)

Dever: s.m. Aquilo que, apesar de ser obrigatório, não deve ser feito por obrigação. Tens, muitas vezes, o dever de fazer o que não se deve.

(a vida é uma intenção)

São tão curtas todas as horas sempre que nos lembramos que não voltam a passar.

Só uma velha como eu te dirá algo assim: é quando o prazo de validade chega que algo assim pode ser válido. Até lá, somos donos do tempo, das horas, há uma espécie de imortalidade e todos os danos são ultrapassáveis. Não acredito que estejamos aqui para nada mais do que isso: só para conhecermos, pouco a pouco, o valor do que vamos perdendo. É essa a ironia suprema: compreender o que vamos ganhando à medida que o vamos perdendo. O entendimento dá-nos espessura mas tira-nos desprendimento, e há uma alegria que sem desprendimento não é alegria nenhuma. Quando era jovem acreditava que era o amor o melhor da vida, hoje tenho a certeza. Amamos para sermos imortais, para que algo de nós reste depois do corpo. Quem não ama morre cedo, por mais que nunca tenha, na verdade, vivido. Só quem ama pode amar a vida.

Aprende: só deves fazer aquilo que darás tudo para que seja bem feito.

Por vezes parece que não vale a pena, que é só mais um dia, que é só mais um beijo, que é só mais um amigo. Mas nada é só mais uma: és a soma de tudo aquilo que pode não valer a pena, e é isso, o produto final de tudo isso, que acaba por fazer valer a pena. Alguns dos melhores momentos que vivi não prestavam para nada, ninguém dava nada por eles. Conheci o teu avô em mais uma visita ao supermercado, por exemplo. Deixei cair um pacote de arroz, ele apanhou-me, com aquele sorriso que pensei que não existia (há sorrisos que não existem, não é?, sorrisos que chegam de partes do mundo que ninguém conhece), e dois dias depois começámos a morar juntos. Não há acontecimentos de segunda nem acontecimentos de primeira na tua vida. Tudo o que fazes és tu, inteiramente tu. Desprezares algum momento do que vives é desprezares-te. Apaixona-te: eis a súplica de tudo o que te posso ensinar. Apaixona-te antes de fazeres. E se não estiveres apaixonado não faças. Só se ama o que nos apaixona. O amor exige dedicação apaixonada, não dedicação sacrificada. Ninguém se sacrifica pelo amor, porque se é amor não é sacrifício nenhum.

O moderado será, no máximo, moderadamente feliz, o que é moderadamente uma merda.

Perdoa-me usar estas palavras, meu querido, o teu pai que me perdoe (ainda me lembro da primeira vez em que ele disse um palavrão, estávamos a ver o Sporting e aquilo saiu-lhe, danado, sempre foi louco por aquilo; eu e o teu avô olhámos um para o outro, quisemos dar-lhe um sermão, dizer-lhe que não podia dizer aquelas coisas, mas não aguentámos e tivemos de fugir a correr para a cozinha para rirmos que nem uns malucos; o amor faz-nos rir que nem malucos; amar é rir que nem malucos, e amar rir que nem malucos), mas a verdade é que é mesmo assim: somos viciados no moderado, no razoável; acreditamos que é de lá que sai algo que nos sustenha, que nos equilibre no meio deste desporto radical que é viver. Que estupidez. O moderado nunca fez ninguém infeliz, e muito menos fez alguém feliz. Os moderados vivem muito mas nunca vivem, não sei se me entendes, espero que sim, que és um espertalhão, a tua professora de português ainda ontem mo disse à saída da escola. Não me recordo de nenhum momento em que tenha sido moderada, não porque nunca o tenha sido, infelizmente fui-o muitas vezes, mas apenas porque nenhum momento moderado se torna inesquecível. O moderado perde-se em pouco tempo, é no máximo uma válvula para escapar ao que é loucamente desnecessário. É o desnecessário o que nos alimenta: um poema, uma dança à chuva, uma festa. Nada disso tem qualquer servência a não ser fazer-nos viver. Vivemos do que não é essencial, também, por mais que vás ouvir muitos a dizerem-te o contrário. Não acredites no que te dizem quando o que te dizem não te faz sentir. Nascemos para sentir, o que é o mesmo que dizer que nascemos para amar. Procura o que amas. Quer. Quer muito, quer sempre. Querer é o motivo certo para fazer. No início está a intenção. Não a desprezes.

De boas intenções está o inferno cheio, mas o céu também.

(dez pensamentos soltos aos quais deves ligar)

1. Ninguém é mais idiota do que aquele que só por não estar parado já pensa estar a fazer qualquer coisa.

Fazer é mudar. Só um pateta faz sem que fazer mude o que quer que seja. Quando quiseres fazer qualquer coisa começa por ficar parado. Muito do movimento do mundo aconteceu porque alguém teve a coragem de não se mexer sem saber para onde. Se querem que executes sem saber para quê: põe-te a mexer daí.

2. O herói faz; o palerma critica.

Fazer é, também, efectivamente fazer. E fazer é um acto de coragem. Não critiques quem faz só porque tu não foste capaz de o fazer. Prefere fazer tu também. Não há memória de alguém que tenha feito algo sem ser criticado. Se nunca foste criticado: nunca foste amado.

3. Só se tornaram imortais aqueles que agiram como se o fossem mesmo.

Ser capaz de algo é, antes de mais nada, ser capaz de acreditar ser capaz de algo. É desses que se faz o que interessa: dos que, mesmo temendo não ser capazes, temeram mais ainda ser capazes e não tentarem ser capazes. A imortalidade é uma seca, mas, até ver, é a única maneira de não morrermos. Quando morreres garante que estiveste vivo.

4. Não te preciso em nada, mas desejo-te em tudo.

É quando se ama assim que tens a certeza de que amas: quando não precisas mas desejas. O desejo é a mais densa das formas de precisão. Não te amo por fome, mas sou esfomeado de ti: alguma vez o disseste, e sentiste, mesmo?

5. Uma das receitas para uma boa vida é uma dose regular de quedas.

Não desprezes o valor de uma boa queda: há poucos momentos mais felizes do que aquele em que te levantas de uma. Só aprende a voar quem aprende a cair.

6. Melhor do que ter é querer: ter é passado, querer é futuro.

Tem-se o que já foi, quer-se o que vai ser. Apostar no futuro é nunca abdicar de ansiar.

7. Não temas perder-me quando me vires gritar; mas tem cuidado quando me

vires bocejar.

O aviso é a inexistência de avisos. Quando não estás bem tendes a preferir a comodidade do nada fazer, do deixar andar. Desligas-te e manténs-te desligado, num standby corrupto, absurdo. O silêncio às vezes mata. Tenta estar atento a ele, vigilante, percebê-lo. O pior do amor não é o seu ruído; é a sua ausência.

8. Tenho pena de quem tem tudo; que tédio de vida deve levar.

O que dói mais é não doer nada. É nunca doer nada. A vida exige feridas para que as curas nos façam crescer. Nunca se tem tudo, e ainda bem. Metade da piada de estar vivo é procurar o que nos falta; e a outra metade é encontrá-lo.

9. Não é pelos seus feitos que se conhece uma pessoa; é pelos seus erros.

Somos o que não somos capazes de ser. É nos espaços que não preenches que está o que és. Errar define-te: a qualidade dos teus erros define-te. Há uma pessoa nova a cada erro que comete. Sempre que vires alguém errar dá-lhe os parabéns, mas não deixes de o corrigir. Amo-te pela maneira como erras, e ainda mais pela maneira como me fazes errar: aqui fica outra declaração de amor. És o meu erro favorito, o erro que quero passar a vida a corrigir: aqui está mais uma. Há pessoas insuportáveis por causa das suas faculdades e outras fascinantes por causa dos seus defeitos.

10. A força é aquilo que só aparece de verdade em momentos de fraqueza.

Quem nunca fraquejou é fraquito. O herói não é o indestrutível; é o resistente. Somos criaturas peculiares, capazes de se adaptar ao que parecia insuportável. Insuportável é o que não abala, a cobardia aceite. O mundo está cheio de pessoas fortes que não têm força nenhuma. É o amor a fraqueza irreversível, e a força também.

Dimensão: s.f. Aquilo que te acontece quando algo te acontece. O tamanho do que vives é o intervalo entre o acontecimento e o que o acontecimento faz em ti.

(três leis universais que só um burro não respeita)

1. A única maneira de multiplicar o tempo que temos é, ironicamente, partilhá-lo com os outros.

Há uma oposição clara entre a visão numérica da vida e a visão poética da vida, mesmo que ambas tenham muito em comum. Na vida o mais importante é a partilha, talvez a menos valorizada das formas de amor. Escrevem-se livros sobre aventuras, filmes sobre heróis, peças de teatro sobre batalhas e guerras, e tão pouco é criado em redor da necessidade de dividir para multiplicar, uma antítese científica que só a experiência — o mais antigo e irrefutável instrumento científico — comprova inexoravelmente. Somos o que partilhamos. Alguém que conquista o mundo só o saberá saborear se tiver alguém para saborear consigo. Um vencedor necessita de vencer, sim; mas necessita, mais ainda, de quem o felicite por ter vencido. Ganhar um prémio e não ter com quem festejar é ganhar um castigo — o mais cruel dos castigos, aquele que o indivíduo percebe que, por mais que ganhe, estará sempre a perder. Só quem não tem quem o conforte quando acabou de perder é um derrotado; os outros são apenas pessoas, aquelas criaturas que ganham e perdem, que acertam e falham, mas que no meio disso tudo nunca deixam de ser pessoas. Somos pessoas quando olhamos à volta e nos encontramos. Existe o amor para nos salvar de só nós: de apenas nós. Ninguém é feliz sozinho, o que não quer dizer que não haja pessoas sozinhas felizes — mas essas, por mais que não haja corpos à volta, sentem com outras, têm outras em si. Estar acompanhado é sentir quem somos no meio dos outros. O amor é o que evita a solidão — nem que seja o amor-próprio.

2. Os mais recordados não são os que deixam herança; são os que deixam saudade.

Temos de ser fazedores incansáveis de saudade, fábricas de momentos irrepetíveis. Fazer fortuna é fazer amigos, fazer amores (e amor) ou celebrações — ou ainda, na mais perfeita das possibilidades, celebrações com amigos e amores. Andamos aqui para ver o que podemos ver, o que podemos tocar. Nasce-se para experimentar, para avistar e perceber — e para amar. Um milionário é uma pessoa que amou em doses excêntricas. Nunca ninguém sofreu por amor a mais, só por escassez. Quando sentires escassez de amor muda de vida: é esse, na verdade, o único motivo para mudar de vida. Nunca entendi porque existe uma casa da moeda, onde se imprime dinheiro, e não existe uma casa do amor, onde se imprima amor. Quando for grande quero ser criador de amor, criar uma casta especial de

pessoas apaixonadas, que se dediquem a eliminar a força do capital sobre a humanidade. Mas, é claro, vou precisar de muito dinheiro para isso.

3. Os que mais amam são os que mais sentem a exiguidade do tempo, mesmo que sejam eles, também, a aproveitá-lo melhor.

O tempo é o peso do que sentimos contra o peso do que vivemos. Envelhecemos quando há vida a mais para tempo a menos, ou quando há tempo a mais para vida a menos. É o desequilíbrio que nos faz viver, por mais que seja ainda ele a matar-nos mais um pouco. Uma pessoa sempre equilibrada pode viver mais tempo mas vive menos vida. A finitude é de um sarcasmo insuperável: é quando mais felizes somos que mais o tempo passa. A infelicidade é a lentidão, o dia arrastado no meio da dor. Nunca nenhum homem feliz disse que a vida era longa.

(Manual de amor para totós)

«— Queres um conselho?

— Não, já tenho muitos e não os uso.»

1. O grande poder é recusar.

É esse o poder que nunca deves perder na vida — que é apenas, felizmente todos o sabemos, outra maneira de dizer amor. Quando não é o que queres, quando não sentes o que queres sentir, quando não ouves o que queres ouvir, quando não te dá o que queres receber (o que te julgas absolutamente merecedor de receber), então não temas dizer que não. Há vidas que se perderam porque um não ficou por dizer, há também amores que se estenderam mesmo quando não eram amores nenhuns — e que assim impediram os amores de verdade de aparecerem e de florescerem. Se não sabes dizer que não então não sabes amar, não. Nascemos com a faculdade de recusar o que não nos encanta, o que não nos envolve, o que não nos arrebatava. Nascestes com a faculdade de escolher. Não a desperdices só porque é mais fácil, só porque é mais seguro, só porque está garantido. Se há algo que o amor não é, nunca é, é seguro; se há algo que o amor não oferece, nunca oferece, é garantias. E é também por isso, por te tirar de ti e te fazer estar vivo, alerta, sempre atento, que o amor é o amor e nada se lhe compara. Quando te quiserem impingir um subamor recusa. Não existe amor pela metade. Se não é inteiro — e se não te faz sentir inteiro — não é amor. Se não vale por tudo é tudo menos amor.

«— E sobre o pescoço: cachecol ou lenço?

— Cérebro.»

2. Alguns amores — e algumas pessoas — são como algum pão: falta-lhes miolo.

O amor de qualidade é como o pão de qualidade: tem de ter miolo. É claro que sabe bem — sabe tão bem — o exterior, aquela camada de pele que nos excita, que nos dá adrenalina, que nos dá tesão. Mas essa é a parte de fora porque efectivamente é a parte de fora: é aquela que mais depressa fica de fora. Quando chega a queda não é a beleza que nos agarra — é o que sobra dela. O amor é o que sobra da beleza — e é assim a própria beleza toda. Amamos o belo mas o belo vai amadurecendo em nós. Amamos o que nos faz sentir belos, o que sabemos que nos vai acompanhar. Amamos o que nos apaixona, e raramente o que nos apaixona depende dos olhos. Os olhos servem para amar, mas o resto

serve para solidificar. Para enraizar, para edificar. Não há amor sem substância. Existe, no limite, uma cumplicidade com prazer incluído. Mas o prazer só físico é só finito, como tudo o que só físico é só finito. Só o que nos completa não acaba. Ama-se o que nos faz ficar mais belos — e isto, parecendo que não, nada tem que ver com corpo ou pele. Ama o que te faz olhar com outros olhos, o que te faz amar com outros olhos. Ama o que se transforma em ti. Ama o que te transforma em ti.

«— Acabou tudo entre nós.

— Quando?

— Antes de começar.»

3. Só deixa de ser teu o que nunca foi teu.

Se acabou nunca começou. O amor é eterno e não é apenas enquanto dura: é belo também porque dura. Amar é ceder, amar é conceder, amar é dobrar. Se amo a cor preta e a pessoa que eu amo ama a cor branca eu amarei até a cor branca se for necessário, e a pessoa que eu amo vai amar a cor preta se for necessário, e no fim das contas estamos os dois a amar o que o outro ama mesmo que no começo amássemos o contrário do que o outro ama. É assim — e também com o corpo, mas dessa forma todos já sabem como é — que se faz amor. Fazer amor é conceder amor, é dar amor. É saber que nem sempre vai ser como queríamos, saber que ambos vamos falhar, que ambos vamos dizer o que não devíamos, fazer o que não devíamos, decidir o que não devíamos — e que mesmo assim, no final do dia, tudo o que dissemos, fizemos ou decidimos se pode diluir no interior do que somos. O amor dissolve as diferenças, queima-as se for necessário. E todas as diferenças vão bem ao lume quando se ama. Se acabou porque não dava, porque havia incompatibilidade (que palavra tão chata, tão técnica, tão fria, para se falar de amor), então nunca na verdade começou. Nunca se perde um amor que nunca se ganhou. No amor tudo o que se faz é ganhar, e quando não é não é amor.

Duelo: s.m. Momento em que tens a coragem de te contestar. É a solo que as grandes batalhas se vencem.

«Amo, finalmente, estar sozinho. É tempo, então, de encontrar companhia.»

Foi à procura e nunca encontrou, é sempre assim quando se procura muito o que só pode ser encontrado. É isso o amor: aquilo que nasceu para ser encontrado, sobretudo quando não foi procurado.

«Sou capaz de tudo por amor, menos deixar de amar.»

Foram estas, há muitos anos, as palavras que usou perante a mulher que o deixou porque, disse ela, o amava demais para suportar fazê-lo infeliz naquela sua infelicidade. No fundo: ela não estava feliz e abandonou-o para não o encher da sua infelicidade, o que acabou por, claro, o deixar ainda mais infeliz. É isso o amor: aquilo que por vezes nos deixa infeliz quando existe mas que nos deixa sempre infeliz quando não existe.

«Sou uma pessoa saciada e insaciável em igual quantidade.»

Foi o que aquela mulher que acabou de dizer quando ele lhe perguntou como se chamava. Assim, sem mais nem menos, sem ele esperar, algo se mexeu dentro de si. Poderia muito bem não ser nada, mas tudo indicava que era tudo. É isso o amor: aquilo que pode muito bem não ser nada mas que tudo indica que é tudo.

«Gosto de arriscar em tudo menos no que não posso arriscar perder.»

Terá sido com esta frase que ele lhe disse que queria casar com ela. Nada romântica, por sinal, mas o suficiente para a convencer de que era querida tal como ela o queria. Casaram numa cerimónia em que estava toda a gente: o padre, ele e ela. É isso o amor: a certeza de que estando presente quem se ama toda a gente está presente.

«Quando envelhecemos vemos mais longe.»

Estavam os dois a ficar mais velhos, humanos como eram — e talvez sejam os mais humanos os que mais envelhecem, pela simples e clara razão de que como têm mais humanidade vivem mais, e é quem vive mais o

mais velho, apesar de por vezes não ser o que tem mais idade. Nem ele nem ela sabiam o que fariam quando porventura um dos dois envelhecesse ou vivesse tanto que deixasse de se ver (a morte é só isso: viver tanto que se deixa de ser visto), mas ambos sabiam que até que a morte chegasse fariam tudo para estar vivos, algo que de tão elementar e de estar tão à frente dos olhos acaba por não ser visto por grande parte dos humanos. É isso o amor: algo tão elementar e tão à frente dos olhos que acaba por não ser visto por grande parte dos humanos.

«O grande defeito do amor é só existir quando está em excesso.»

Não se percebeu muito bem se foram palavras dele ou palavras dela, estavam os dois deitados na mesma cama, tinham os dois várias dezenas de anos de vida desde que nasceram e ainda mais dezenas de anos de vida desde que se conheceram: tivessem morrido antes de se conhecerem e teriam morrido bem mais velhos. Os filhos, dois, cuidavam deles como haviam sido cuidados por eles. É isso o amor: aquilo que cuida de nós exactamente como nós cuidamos dele.

«Quando morreres ama-me para sempre, e quando viveres também.»

Terá sido uma das frases dos votos que leram um ao outro no dia em que se amaram pela primeira vez. E pela última vez também.

«Não se ganha um amor; apenas não se deve perdê-lo.»

Não acreditava na existência da ciência: «isso é banha da cobra, para enganar e entreter aqueles que não sabem amar e a quem só resta estudar. Algo que estuda o que já existe é uma treta; algo que se baseia no possível é uma treta. Só o impossível existe; o possível é apenas uma réplica do que já existiu. Somos viciados no impossível, no que nunca existiu antes porque ninguém o julgou capaz de acontecer: todos os amores são impossíveis até prova em contrário, mas também todos os amores são possíveis até prova em contrário; mas quem é que quer saber de provas? Todos queremos, e ainda bem, é provar». Perdia — ganhava — assim o seu tempo a tratar de amar. Não precisava de o ganhar — «está ganho à partida; nascemos com a capacidade de amar, isso é o maior dom com que se nasce; depois só temos de não o perder, o que já não é pouco, como é bom de ver» —, apenas precisava de saber onde é que o podia ganhar.

«Quantos se atrasaram uns segundos e não chegaram a tempo de uma vida inteira?»

Aprendeu a ler para aprender a amar — e para aprender a escrever sobre amar. Construiu dezenas, talvez centenas, de teses sobre o sentimento maior: «sei em absoluto o que é, de onde vem, para onde vai. Sou um cientista sem ciência, aliás, para mim, o único cientista que existe. Estudar para ser cientista é como estudar para abraçar: uma boçalidade, uma perda de tempo. Ou se estuda com a alma ou não se estuda nada. Não é a experiência a base da ciência; é o prazer. Nenhum cientista sabe definir orgasmo se não for capaz de o sentir». Vive de esmolas, embora diga que vive de amor: «só aceito quem me dá dinheiro por amor; recuso muitos euros por dia, só por sentir que quem me dá a moeda ou a nota apenas o faz por obrigação; dar por obrigação é receber: dás para receberes a gratificação de não teres a consciência pesada; dás-te, no fundo, uma esmola. E eu não quero gente dessa na minha vida. Na nossa vida só deve ter lugar quem ganhar o lugar, e mais ainda quem queira o lugar». O seu lugar é onde calha, nos becos que calha. Na rua todos o tratam por maluco, e ele insiste que não percebe de onde vem — «agradeço a deferência mas não creio ser merecedor de tamanho enaltecimento» — a admiração que nutrem por si. Há sempre um maluco para nos fazer sentir sãos, e ainda dizemos que o maluco é ele.

«Sou médico porque foi a opção mais fácil.»

Licenciou-se em medicina por acaso, pelo mais feliz dos acasos: «amo-a e ela é médica; não vejo motivo mais importante do que esse para tirar um curso. A minha vocação é amá-la, mas amo a medicina porque foi ela quem ma trouxe». Como o conseguiu também se conta em poucas palavras: arranjou um emprego num café, o café onde ela ia; juntou dinheiro durante mais de vinte anos, fez os exames com resultados brilhantes e depois foi o aluno mais velho da turma de uma universidade prestigiada. Só quando se licenciou e iniciou o estágio é que quis conhecê-la: «devemos querer sempre mostrar o nosso melhor a quem amamos. É claro que quem ama também tem de lidar com o pior, mas já basta quando tem de ser. Respeitar o outro é dar-lhe o melhor de nós». O azar foi que ela, então, já era casada, o que fez com que a sua ideia se esfumasse. Mas foi só durante três décadas.

«Andei a vida toda a aprender a amar-te, por favor diz-me se vires que aprendi mal.»

Ela nunca disse nada.

Educação: s.f. Capacidade para construir um mundo novo sem impormos o nosso. Educar não é povoar o outro; é respeitá-lo.

Amo-te pelo que me fazes mudar.

Quando te conheci era uma mulher como todas as outras, e por isso diferente de todas as outras, mas o que eu não era era uma mulher capaz de entender que somos todos apenas aquilo que nos faz continuar, aquilo que nos faz acreditar: somos apenas e só aquilo que bem nos entender, e foi preciso tu chegares para mo fazeres entender.

Amo-te porque me fazes amar-me.

Sou a pessoa que quis ser, e afortunadamente a pessoa que desejas ter. Não me pediste nada, chegaste, e eu cheguei, enfim, até ao interior dos meus fantasmas. Contigo aprendi que nada temos de ensinar uns aos outros, e é exactamente assim que estamos sempre a aprender uns com os outros. Sou tua porque te amo, sim, mas sou tua mais ainda porque me amo, porque me fazes querer ser a pessoa que sou, a pessoa que em ti sou.

Somos todos habitantes do mesmo planeta, e no entanto habitamos todos mundos diferentes.

A sinceridade é o único atributo que encontras mais facilmente num inimigo do que num amigo. Contigo foi diferente, contigo é sempre diferente. Dizemo-nos o que sentimos, sem temer, com a alma toda, inteira, sem recear ferir-se. Às vezes a sinceridade magoa, às vezes a honestidade fere — mas o que fere mais é a falta de sinceridade, o que fere mais é a desonestidade. Haveremos de ser capazes até ao fim de jogar com as nossas regras. A única limitação é ter medo das limitações.

Não há problema algum em ser como os outros, desde que não deixes de ser como és.

Há quem tema a fotocópia, a réplica; há quem fuja do cliché para tentar fugir do estrato mais fundo da sua banalidade. Entre nós não há a necessidade de amar diferente, pois se amar igual é tão bom. Amamo-nos como vem nos livros se for como vem nos livros que amar é bom. Somos lamechas se for a lamechice a nossa felicidade. Não olhamos para o sentimento do lado para sabermos o que queremos sentir. Pecamos se

tivermos de pecar, seguimos as mais conservadoras das regras se tivermos de seguir. E o que temos de fazer é apenas o que temos de sentir. Sentimos profundamente o que sentimos: eis tudo o que há para dizer sobre o que sentimos.

Inventou-se a morte para nos limitar; inventámos o amor para nos libertar.

É isso o que trazes à minha vida, um género de liberdade permitida: vamos até onde o outro deixa ir, escravos de um prazer absoluto, de um pináculo das sensações. O amor é a sensação suprema, provavelmente não mais do que isso, e chega bem.

Sou sobretudo o que nunca contei a ninguém.

Só a ti.

Não somos o que nascemos; somos o que nos fazemos.

Era uma vez dois irmãos que seriam absolutamente iguais a todos os irmãos, não fosse dar-se o caso de um deles não conseguir ouvir e o outro deles não conseguir ver.

Não somos o que vemos nem o que ouvimos; somos o que sentimos.

Como seria natural, os dois irmãos tornaram-se grandes amigos à medida que foram crescendo, verdadeiramente inseparáveis, o que fez com que, por pena ou apenas porque gostavam mesmo deles, ganhassem muitos amigos na escola e por onde quer que passassem.

Não somos o que não somos capazes de fazer; somos o que somos capazes de gerar.

Além de muito inteligentes, os dois meninos, agora já jovens adolescentes, tinham um sentido de humor muito apurado — o que, aliado ao facto de terem ambos uma insuficiência marcada e marcante, fazia com que tivessem diálogos muito interessantes:

- Só vês o que te interessa.
- E tu só ouves o que queres.
- Estava-se mesmo a ver que ias por aí.
- Se me ouvisses não teria de ir.
- É sempre a mesma coisa, vê?
- Vou fazer orelhas moucas a isso.
- Está tudo visto.

Não temos de ser o drama que podemos ser; temos de ser a comédia que devíamos viver.

Com tamanho talento humorístico, não tardaram a ser descobertos e começaram, de forma precoce, a ser grandes estrelas do panorama artístico do seu país, onde granjearam elogios e ganharam muitos amigos, sempre presentes e prontos para tudo.

Não somos amigos dos que admiramos; somos amigos dos que amamos.

Casaram-se e separaram-se várias vezes. Acabaram por perceber que não conseguiam viver um sem o outro, por mais que tentassem. Sentiam-se incompletos, incapazes, infelizes, amputados, até.

— É como se nos faltasse um sentido. Literalmente.

Não somos inteiros quando temos tudo; somos inteiros quando sentimos tudo.

Especializaram-se, com o decorrer dos anos, em fazer o outro sentir o sentido que lhe faltava sentir. Em todos os momentos, a todas as horas, um era os ouvidos do outro e o outro era os olhos do um: eram os narradores perfeitos para ambas as vidas.

— Juntos não fazemos um inteiro; juntos somos os dois inteiros.

Não somos amados quando nos dão o que nos falta; somos amados quando nem damos por qualquer falta.

Um dia, um deles distraiu-se e esqueceu-se de narrar o carro que via à frente, o outro distraiu-se e esqueceu-se de narrar a buzina dela que ouvira de frente, e quando acordaram estavam estendidos na cama de um hospital, com os pais, sempre os pais, a olhá-los com restos de lágrimas nos olhos.

— Nem o amor mais cúmplice resiste à distração.

Não somos obrigados a sacrificar-nos por amor; somos capazes de sacrifícios que não custam nada por amor.

Ficaram paráliticos e pobres ao longo de dois anos, menos do que isso, em que foram penando, lentamente, junto dos pais e um do outro.

— O amor às vezes magoa mas também distrai do que dói.

Não somos pobres quando não temos dinheiro; somos pobres quando só temos dinheiro.

No funeral, os pais fizeram uma grande cerimónia, perfeita para acolher os choros sofridos que esperavam ouvir de todos os amigos dos dois defuntos. Mas ninguém os viu.

Efémero: adj. Aquilo que não é amado. Só se esqueceu o que nunca se sentiu.

— Sou viciado em borboletas na barriga.

— Então porquê?

— Preciso de sentir que é tão bom que vai acabar, que é tão bom que tem de acabar. O eterno dura para sempre mas parece-me uma seca.

— Uma felicidade que vai acabar é a única felicidade possível. Uma felicidade que se estende já não é felicidade nenhuma. É apenas uma espécie mais fraca de felicidade, uma felicidade em saldos, uma felicidade dos pequeninos.

— É para isso que existe a morte: para nos fazer sentir mais longe, sentir mais forte.

— Como se fosse acabar.

— E depois acaba mesmo.

— Temos de viver como se viver fosse acabar, só isso. Às vezes vivemos como se fôssemos imortais, deixamos para depois o que se for depois já vai saber a depois. Cada felicidade tem o seu momento. Adiar uma felicidade é perder uma felicidade. Só os infelizes não vêem isso.

— Sou viciado em gambozinos na barriga.

— Os gambozinos não existem, são uma invenção que nasceu para fazer rir.

— É nisso que sou viciado: no que não existe e que inventamos, todos os dias, para nos fazer rir. No limite é isso o amor: algo que não existe e que foi inventado para nos fazer rir.

— Mas às vezes faz chorar.

— Isso só acontece quando é mal usado. Quando alguém mata alguém com uma faca a culpa não é da faca; é de quem a usou mal. Tendemos a culpar o mensageiro e não quem escreve a mensagem. O amor existe para fazer rir, por mais que na verdade não exista. Sou viciado em gambozinos na barriga, em criaturas que me habitam e que na realidade não existem. São elas que me fazem real. A realidade é o que sentimos, o que nos toca. Precisamos de inventar o que nos faz bem. Se não encontras a felicidade tens de a inventar.

— Inventar a felicidade não será viver uma ilusão?

— A ilusão é a única forma de degustação. Saboreamos aquilo que imaginamos estar a provar. É o que imaginas aquilo que vives, não mais. Alguém que só vive a realidade é internado em dois ou três dias. Ninguém resiste à realidade por inteiro. Ninguém resiste, até, a meia realidade. Precisamos de nevoeiros, de neblinas, para que não possamos ver tudo o que nos rodeia. E quanto mais damos mais temos.

O amor multiplica-se quando se dá.

— Somos mágicos do dia-a-dia.

— Temos de ser ilusionistas do tédio, transformar o que magoa no que faz sonhar. Os mais felizes são os mais criativos, os que desenham, os que escrevem, os que pintam, os que fazem música. E, mais ainda, os que amam.

— Amar é a criação suprema.

— Amar é a criação. O resto são derivações. Todas as obras nasceram por amor. Não existe nenhum génio que não esteja apaixonado. A paixão é, aliás, o principal motivo para a genialidade. Só alguém ridiculamente apaixonado cria obras ridiculamente apaixonantes. O que nos apaixona tem de estar apaixonado.

— Estás apaixonado por mim.

— Como se existisses, e depois existes mesmo.

— Criei-te para me salvar.

— Fizeste bem. O amor é o que nos salva. Antes de me criares já cá estava mas não existia. É isso o que amar nos faz: existir.

— Por mais que não exista.

— Sobretudo por não existir.

— Os gambozinos.

— Sim: sou viciado em gambozinos na barriga.

(manual sobre o tempo para totós)

1. Claro que se volta a onde se foi feliz; só não se volta a onde se foi infeliz.
Tinha-o amado ali, justamente ali, junto à entrada da escola, no murinho mesmo em frente, há mais de quarenta anos. Lembrou-se do sabor a mar rebelde do primeiro beijo, lembrou-se de pensar que nas férias grandes ia ser a pessoa mais feliz do mundo porque naquele momento estavam em si os lábios mais felizes do mundo. Recordar é uma das formas de viver, mas não é a melhor; a melhor é fazer o que vai ser recordado. Hoje, sem perceber porquê, foi ali parar, por uma qualquer distração ou simplesmente porque tinha de ser. Amar é certamente isso: uma distração ou simplesmente aquilo que tem de ser.
2. A melhor parte do passado é estar a ser construído agora mesmo.
Até que ele chegou. Não era ele, o ele que há quatro décadas a beijara ali, mas era um ele que existia agora, no mesmo murinho, já cheio de grafites (e até o grafite de uma caveira é romântico quando se está apaixonado assim), e que sorria para ela, um sorriso que fazia lembrar a adolescência, a inconsequência, o mundo todo à frente. Amar é certamente isso: a sensação do mundo todo à frente.
3. São os que não sabem aproveitar o seu tempo que mais te levam a perdes o teu.
Claro que houve críticas, claro que houve más-línguas (e são mesmo isso, línguas com mau uso; toda a gente sabe que as línguas, as faladas e as tocadas por outras línguas, existem para dar prazer, que mais?): onde é que já se viu uma velha estar apaixonada? Ela não ligou, ele não ligou, talvez ironicamente porque já fossem velhos e soubessem que o que importa é que importamos para nós, e o que importava era a certeza de que estavam onde deviam estar, por muito que não soubessem, ao certo, onde estavam. Amar é certamente isso: a certeza de que estamos onde devemos estar, por muito que não saibamos, ao certo, onde estamos.
4. Corajoso é o que não tem medo de se dar em pleno ao que pode ser destruído.
Juntaram as vidas num domingo como outro qualquer, fartos de saber que eram temporários, extraordinariamente temporários. É com regularidade o que é extraordinariamente temporário o mais extraordinário na nossa vida, quem nunca teve um orgasmo que venha cá negá-lo. A igreja estava cheia — e não era o facto de estarem apenas eles os dois e o padre que o

mudava. Amar é certamente isso: uma anulação das verdades intocáveis: intocável é só o amor.

5. É, muitas vezes, a efemeridade de um amor que o torna eterno.
Ele morreu nos braços dela, como morreria mesmo que não morresse. O médico disse que foi o tempo, o já muito grande tempo de vida, que o matou; mas ela sabia que foi a falta dele. Amar é certamente isso: aquilo que só morre quando falta, nunca quando existe em excesso.
6. Trata bem dos retratos que tens nas estantes lá de casa; é isso, e só isso, que um dia vais ser.
O dele, numa fotografia tirada no murinho mesmo frente à escola, ainda lá continua, por cima da televisão dela, mais amado do que muitas pessoas.

Fim: s.m. Aquilo que só acontece aos corajosos — os outros simplesmente nem começam.

«Pediram-me um milagre e eu mostrei uma imagem nossa.»

Não, não pode ser assim: demasiado lamechas, demasiado previsível. Ela não quer saber se somos um milagre, quer é que eu diga o que eu quero, quer é que eu diga que sou capaz de o fazer. Não posso ir nas cantigas dos filmes e dos livros românticos. Tenho de fazer a minha própria cantiga, o meu próprio filme, o meu próprio livro.

«No dia em que te despir pela primeira vez vou finalmente ver-me inteiro.»

Chíça, que pirosize. Tens de conseguir melhor, pá. Raios, que amar é tão grande que nenhuma palavra lhe serve: todas as palavras são tão pequenas, apertam tanto, constringem tanto. Como é que só existe uma palavra para amor? Como? Quem inventou o alfabeto nunca esteve apaixonado, tenho a certeza.

«Quero o interior dos teus braços como a flor quer a primavera.»

Que horror, como se houvesse alguma estação, alguma construção meteorológica, que estivesse à tua altura, que pobre coitado sou, aqui há horas a querer escrever-te e tudo o que consigo são esboços do que és, esquiços defeituosos do que representas. Quando entrares por esta porta quero dar-te as melhores palavras de sempre, a carta de amor que Pessoa queria ter escrito, a junção de palavras mais feliz que o mundo algum dia conheceu, como eu e tu somos a junção de pessoas mais feliz que o mundo conheceu.

«Quem nunca leu os teus olhos é um analfabeto emocional.»

Merda, que não me sai nada melhor do que isto, esta sucessão de frases pequeninas, banais, imóveis — quando o que tu és é grande, único, capaz de mexer tudo o que acontece no meio de mim. És a minha liturgia, uma oração na qual não peço e só recebo. Deus não está no meio de nós, Deus é nós.

«Ontem pediram-me que escrevesse os teus defeitos e hoje, ao fim de um dia a escrever, entreguei uma folha em branco.»

E é mesmo isso tudo o que tenho para te dar. Estás quase a entrar e nada do que crio te recria, és irrecriável, irrepetível, nenhuma descrição produz algo que sequer se assemelhe a ti. Só peço por tudo a quem manda nisto tudo que nunca desapareças porque ninguém seria capaz de um retrato-robot de ti: és tão humana que não tens características, tens singularidades, irreproduzibilidades, geografias que não vêm nos mapas. Amo-te pelo que não consigo entender, pelo que não consigo ver, até. És um outono mais do que um verão, um mistério, uma parte de demónio no

interior da alegria. No verão tudo é visível, que tristeza, no inverno tudo está escondido, que tristeza ainda maior. E a primavera é luz e tu és uma sombra ativa, uma harpa sem tocador e ainda assim com música, uma forma de poema que não necessita de poeta.

«Quando entrares por essa porta vou ficar sem palavras para te dizer tudo.»

E ela entrou,
e ouviu.

Há quem tenha perdido a batalha apenas por não saber que estava numa.

Era isso o que nós éramos, nada mais, contendores de uma só batalha, jogadores de uma guerra em que, como todas as guerras, não há vencedores — só vencidos (não há agressores — só agredidos). Casámos para sermos felizes, há lá outro motivo para casar?, e aos poucos fomos esquecendo esse motivo; outros motivos foram chegando, as contas, as ambições, o que se meteu entre o que somos e o que não conseguíamos ser. Casámos para sermos felizes e talvez nenhum de nós, hoje, se lembre disso, tão embrenhados estamos num embate que fere os dois e não serve a nenhum.

O pior de um casal é o momento em que se ferem os dois sem servirem a nenhum.

E apesar de tudo isso se me perguntassem hoje com quem queria ser feliz eu diria que contigo, ainda contigo, porque sei que és a mulher da minha vida por mais que tenhamos desperdiçado a vida, essa em que eras a minha mulher, em nome de algo que não sabemos denominar, que ninguém sabe denominar. Há algo que ninguém sabe denominar que afasta muitas vezes quem se ama, um espectro incontrollável, um antiamor que chega não se sabe de onde. Pode ser a rotina, quem sabe?, ou então o simples passar dos dias em nós. Casamos uns e vamos ficando outros. Por mais que seja a mesma pessoa, a pessoa com quem casámos há vinte anos já não é a mesma pessoa — porque nós já não somos a mesma pessoa. À nossa volta são todos o que nós somos, nada mais.

Assume: somos todos animais a fingir ser outra coisa qualquer.

Somos instintos, por mais que os queiramos diluir, condenar, apertar, domar. Mas não se doma o que nos domina. Amo-te mais do que quando acreditava que podias ser a minha mulher: amo-te além da nossa possibilidade, e talvez seja esta uma das mais puras formas de amor, o desinteressado. Preciso de te saber bem para estar bem, para me saber, em mim, bem. Procuro-te sempre que tenho uma novidade para contar — e tu não estás. É aí, sobretudo aí, que percebo a solidão que é tu não estares.

O amor é aquilo que nos traz solidão quando não o temos.

Somos junkies de alegria, tristes viciados em satisfação. Ninguém faz o mal com o propósito de fazer o mal, apenas com o propósito de encontrar a felicidade. E nós fizemo-nos mal. Queríamos uma corda que nos salvasse do abismo e acabámos por a enrolar ao pescoço. Fomos más pessoas para querermos ser boas pessoas; quisemos mostrar que éramos capazes quando o amor não tem de ser uma prova de esforço — só uma prova de amor. Amar é entender quando o amor, mesmo continuando, está acabado. E dói tanto o fim — mas dói ainda mais o meio acabado, um meio hipócrita, podre. Nada é mais triste do que algo que já acabou e que ainda assim continua. Há dois lados de amar: o prático, que exige que duas pessoas se encontrem; e o teórico, que exige apenas que duas pessoas se amem. Somos teoricamente um do outro, e praticamente estranhos. Não nos vemos, não nos olhamos, não nos partilhamos, mas quando sofro e preciso de um ombro é no teu que pouso, garanto-te. Somos daqueles que queremos connosco quando choramos, e não daqueles que estão connosco quando festejamos. És o lugar onde quero deixar as minhas lágrimas: eis a mais profunda das declarações de amor.

Não conseguimos manter uma relação à distância, mesmo morando na mesma casa.

Só um burro não chama burro a si mesmo com alguma regularidade.

Eu chamo. Aqui vai: burro. Burro, burro, burro, burro. BURRO. Pronto: já estou mais limpinho, mais humano. O humano carece, cada vez mais, de comprometimento com o descomprometimento: precisa de se levar menos a sério, de pensar menos que é o fim do mundo sempre que algo que não termina o mundo acontece.

Qualquer idiota se leva a sério — mas só uma criatura inteligente desvaloriza o que não a valoriza.

E é só isso: há momentos em que falhas, momentos em que estás aquém, momentos em que tudo parece ruir no interior de ti; é nesses momentos que o gajo que és aparece: se és um palerma com a puta da mania vai mesmo ruir tudo no interior de ti e jamais serás capaz de sair dos escombros com capacidade para andar; se és uma pessoa com a certeza de que não passas de mais uma pessoa vais sair do meio dos escombros a voar, se necessário, porque só quem não tem asas sabe o que custa voar — os pássaros voam como nós aspiramos a casa, simples rotina.

O pior dos defeitos é a imortalidade — até porque, bem vistas as coisas, não existe.

Mas mata. Mata mesmo. Não faltam relações, empresas — até vidas inteiras —, destruídas pelo complexo de imortalidade: o imortalismo. Aprende de uma vez por todas: vais morrer e tens de estar mortinho por viver. Por agarrares na bosta toda que te vai aparecer, e vai aparecer tanta, garanto-te, e moldá-la de maneira a ser suportável: de maneira a tu mesmo te suportares. Tens de suportar em ti aquilo que te vai fazer suportar o que te acontece — e mais ainda o que acontece em ti (e são coisas tão diferentes, tão opostas, até: quantos não viveram experiências felizes por fora e tão tristes por dentro?).

Se não és capaz de ver a tua mortalidade não és capaz de ver a tua falibilidade.

E a tua fragilidade, e a tua finitude (sim, eu sei que não existe mas

agora já está e passa a ideia: a ideia de que és finito e tens de ter consciência disso para saboreares como tens de saborear, ou pelo menos como deves saborear, o que há para saborear, capisce?). Somos mais pessoas quando percebemos que faz parte de nós acabar — e faz parte de nós brincar, também, já agora. Nunca se brinca com o que magoa, quando é precisamente com o que magoa que se deve brincar. Quando morrer quero humoristas no meu funeral, bandas de música que façam dançar. Quando morrer quero que tudo viva, que tudo continue a viver em meu redor. Era para isso que todas as mortes deveriam servir: para fazer quem está vivo viver melhor. Que haja uma utilidade dessas em cada morte, decreto eu, enquanto estou vivo.

Não é de quem tem medo de morrer que tenho pena; é de quem tem medo de viver.

(o amor é o que é e o seu contrário)

Amar é anjo, é tesouro, é fogo.

Amar é saudade, chicote, doença.

Amar é medo, sacrifício, proximidade.

E crescimento, e esperança, e fé.

Amar é luz e tormento, sagrado e trégua, êxtase e primavera.

Amar é loucura, sonho, violência, refúgio.

Amar é prazer.

Amar é diabo, é banal, é gelo.

Amar é presença, afago, saúde.

Amar é coragem, satisfação, distância.

E perda, e descrença, e decepção.

Amar é sombra e consolo, profano e guerra, desencanto e outono.

Amar é lucidez, realidade, paz, perigo.

Amar é aflição.

Amamos o que amor nos dá, por mais que o que amor nos dá seja também o oposto do que o amor nos dá.

Amamos o que amamos, e não fazemos ideia da razão por que amamos.

Amamos porque sim, e também amamos porque não, na verdade (e também muitas vezes na mentira, convenhamos).

Amamos com uma lógica especial, uma lógica inventada mas completamente coerente e absolutamente incoerente (e será assim que o que interessa nesta vida de deus e do diabo se pode viver, com tanto de coerência como de incoerência: e a soma de ambas tem de dar algo com sentido, ou sem sentido mas sentido, profundamente sentido).

Amamos o que podemos, e mais ainda, tantas vezes, o que não podemos.

Amamos com o único motivo de amar, apesar de amar não ser motivo algum, apenas todos os motivos num.

Brinco com as palavras há mais de uma página para evitar entrar no que dói, entrar no que me faz escrever-te esta carta de amor que de ridícula tem o que todas as outras têm, e que de mim tem o que só esta terá.

Brinco com as palavras para que não as veja como incapazes, como

pequeninas, como subpalavras para uma supervontade.

Não sei como te ganhei, mas sou feliz. Não sei o que vêes em mim mas amo mais ainda os teus olhos quando te vejo nos meus. Serei porventura o teu prazer culpado, a tua mania oculta, mas pouco me importa. Importa-me continuar no centro dos teus passos, ao lado do teu abismo, a proteger-te como se fosses a salvação do mundo, e farto de saber que és o fim do meu. Não te digo as frases certas, não te dou os poemas que um génio te daria, dou-te o verso incompleto, o poema impotente, a minha rendição provavelmente. Desisto de ti quando deixares de ser o que me impede de desistir, quando abdicar dos teus lábios para poder beijar, ou das tuas fantasias para poder sonhar. Desisto de ti no dia em que tiver de ser, e rigorosamente na véspera (ou no próprio dia) de me perder. Desiste-se de tudo menos do que não acaba por mais que se desista.

Amor é o que fica de nós depois de nós, e antes de nós.

Amor és tu, e se possível eu.

Amor, pode ser?

Fim: s.m. O mesmo que reinvenção; antes começar de novo do que parar.

Amanhã fazes anos.

Estou ansioso que chegues, disseste que estavas a passar a ponte, são no máximo mais dez minutos e estás nos meus braços, nem vais reparar, distraída como és, que tens junto à televisão o livro raro, aquele que era do teu pai, e que vai ser esse o primeiro presente que te vou dar, há muitos mais mas vamos com tempo, quero que sejas a mulher mais feliz do mundo todos os dias, mas quero que no teu aniversário sejas a mulher mais feliz de todas as mulheres mais felizes do mundo que tens em ti.

Amanhã fazes anos.

Já tenho tudo pronto para te fazer a francesinha que amas, todos os ingredientes comprados, o forno a aquecer, o pão que tu adoras, fresquinho e da padaria do senhor Isidro, quando faltarem poucos minutos para a meia-noite vou mandar-te para o quarto e vou começar a preparar o que tenho de preparar, quero que sejas amanhã e sempre a mulher com os melhores sabores do mundo, com a boca mais feliz do mundo, queira Deus que não demores que já não aguento muito mais.

Amanhã fazes anos.

Já entraste lá em baixo na garagem, mais dois minutos e és minha, hoje não tens mais reuniões, nem aulas, és minha e eu sou teu, a felicidade é muito isto, ou quase só isto, ou apenas mesmo isto, tu a seres minha e eu a ser teu, fiz a cama de lavado com os teus lençóis favoritos, quero que te deites nela e em mim, que acordes inteira e adormeças inteira, em paz, no espaço que os meus braços e o meu corpo guardam para ti desde a primeira vez em que te conheceu, ama-se um corpo pela maneira como encontramos espaço para o acondicionar, para o proteger, para o sentir como um prolongamento sem mácula do nosso, tenho no teu corpo a melhor parte do meu, ficas a saber, se bem que tenho a certeza de que já sabes.

Amanhã fazes anos.

Faltam dois minutos, menos do que isso, para a meia-noite, tenho

foguetes preparados, vê lá tu, espero que não julgues que é um exagero, mas que raios é o amor se não for exagerado? Estás pousada no meu ombro e o modo como me afagas o peito chega-me para ser a criatura mais abençoada de todo o planeta, olho-te, afasto-te o cabelo dos olhos para te ver melhor, faço tudo para te ver melhor, vivo para te ver melhor, na verdade, o amor é a capacidade de ver melhor quem se ama, e de sentir mais fundo quem se ama, chamam-me solitário mas não sou nada disso, somente gosto de estar bem na profundidade e lá há tão pouca gente, meu deus, o mundo vive à superfície e vai-se entretendo assim, nós não, nós vivemos no interior do segredo, no fundo do mistério, faltam três ou quatro segundos, não mais, estou pronto para te dizer que tudo o que interessa é o que me interessas, um segundo e já vai estar, aguenta que já vais ser mais feliz ainda, sempre mais feliz ainda.

Hoje fazes anos,

e o teu marido acabou de te ligar para ser o primeiro a dar-te os parabéns, sortudo.

Transformo-me em mim através de ti.

Sou a força que tenho quando te tenho. Os outros podem pensar que são palavras vãs, declarações pueris, mas que sabem os outros do que é nosso? Nunca gostei de seguir só por seguir, de fazer só por fazer. Se penso logo amo, e é assim que existo. Não preciso de validação, só de emoção, de uma casta de emoção que só se encontra quando se ama assim — quando te amo assim.

Antes de ti podia até amar mas não sabia o que era o amor.

Ensinaste-me a sentir melhor, a olhar para todos os lados do que a vida me dá e a escolher o mais interessante, o mais feliz. Por vezes custa, chega uma camada de depressão, uma fiada de tristeza, mas tu e eu sabemos, como todas as pessoas se não sabem deveriam saber, que só as boas pessoas ficam deprimidas, e que são as melhores pessoas que mais erram.

É quando chego ao final do dia e não identifico nenhum erro que tenha cometido que percebo que errei em alguma coisa.

Somos pessoas porque erramos, o resto vem por acréscimo. Contigo não temo errar, foi essa a primeira lição que este nós me deu. Antes de ti receava a falha como se receasse a violência, como se a falha magoasse fundo — mas a falha acontece porque houve a tentativa, porque houve a criatividade, porque houve a ousadia. Quem faz sempre mais do mesmo não erra mas também não é. Nunca será. Ser tem que ver com hesitar, tem que ver com tremer, tem que ver com chorar, tem que ver com euforia, com salto, com dança, com queda. Ser tem que ver com entregar: entregar tudo, all in, no momento da entrega. Antes de ti talvez me entregasse toda mas nunca me senti toda.

Somos do tamanho dos medos que somos capazes de curar em nós.

E amamos nesse tamanho também. Mede-se o amor pelos medos que é capaz de superar, em si, por si, lado a lado, sem cessar. O nosso começou com tudo para acabar e ainda persevera, herói como só ele. Nada nos unia, éramos de mundos diferentes, mas o que faz um mundo não é

quem vive nele — é quem ama nele. E é para isso, em primeira instância e em todas as instâncias, sejamos honestos, que o mundo existe: para que alguém, muitos alguéns, ame em si. É isso o que fazemos, todos os dias, com a sensação de que não custa nada por mais que tantas vezes custe tanto. Mas quando dói entender, quando dói ceder, quando dói acreditar, basta pensar no que seria não entender, não ceder, não acreditar para se perceber que quando se ama não existe segunda opção: ou amas ou amas, e escolhes sempre amar.

Se me pedissem para escolher entre perder-te ou morrer, responderia que a pergunta era obviamente redundante, e corria para te abraçar.

Apanhas-me, por favor?

Força: s.f. A prosperidade dos apaixonados.

(manual do absurdo para totós)

1. Ser é ser percebido — mas é o amor a mais absoluta das formas de percepção.

E a única, na verdade. Percebemos o que nos envolve, o que somos capazes de assimilar emocionalmente. O resto podemos até entender — mas não fazemos o mínimo esforço para perceber. Podes até achar que perceber e entender são a mesma coisa — mas são bem diferentes. Um dia vais perceber — ou pelo menos entender. Já não é mau.

2. A sociedade é um contrato — mas o que tu és é uma folha em branco.

Escreve-a, preenche-a, rabisca-a, rasga-a se te apetecer, mas por favor não te deixes regular por algo que manifestamente, e infelizmente, não existe. Está na tua mão tudo o que está na tua mão. Faz do que fazes o que realmente fazes de ti — ou estarás a fazer pouco de ti. Há muito que te escapa mas há muito que te pertence. Explora-o. Já não é mau.

3. A dúvida custa, a certeza não existe — mas entre as duas tenho a certeza de que prefiro a primeira.

Quem não tem dúvidas é certamente um idiota, e tenho dúvidas sobre se será sequer uma pessoa. Ser pessoa é hesitar, ficar a meio, não saber muito bem quem é, de onde vem e para onde vai. Se não sabes para onde vais mas sabes que vais: vai. Vai mesmo. O bom do incerto é a infalibilidade de uma surpresa. Já não é mau.

4. Todo o desejo é loucura — mas a maior loucura é mesmo a ausência de desejo.

O que nos define é, em grande parte, o que desejamos: o que faríamos tudo para conseguir. A falta de desejo é uma morte escondida, uma bosta bem-cheirosa. Alguém que deseja tudo e mais alguma coisa é alguém, no limite, vivo demais — mas não creio que exista mesmo algo de mau em estar vivo demais. Viver é algo reservado a uma elite de loucos — e não viver também. Escolhe o teu lado favorito da loucura. Já não é mau.

5. Confia nos outros e em mais nada precisarás de confiar — mas confia em ti e estarás pronto a confiar nos outros.

És, por mais básico que possa parecer há quem não o veja (ou pelo menos quem não haja mostrado que o sabe), o começo e o fim de ti. Tens de optar entre um e outro: ou começas-te ou acabas-te. Prefere a que tem mais futuro. Já não é mau.

6. Não é o rigor que faz avançar o mundo, é a imaginação — mas toda a imaginação necessita de uma dose bem medida de rigor.

Sonhos que não passam de sonhos nunca mudaram o mundo. O que muda o mundo são os sonhos que deixam de o ser: sonhos frustrados, que se transformam em realidades conseguidas. Para que essa metamorfose aconteça, é importante colocar exactidão na demência: criar uma demência com causa. Encontra a tua. Já não é mau.

7. Tudo o que temos em nós foi lá colocado por nós mesmos — mas tudo o que vemos nos outros também.

Somos emissores e receptores de tudo o que somos. Vemos no outro o que somos: olhamo-lo à luz do que nos olhamos. És responsável por tudo o que és — o que, por mais que te custe, significa que és da mesma forma responsável por tudo o que não és, por tudo o que não foste capaz de ser.

8. Somos todos invenções recentes — mas só alguns de nós têm a humildade de o perceber.

Temos bugs, temos problemas de hardware, de software, há sempre upgrades para fazer, novos programas para instalar. Somos todos versões betas do que podemos vir a ser. Somos sistemas altamente falíveis, terrivelmente capazes de crashar (creio que terei batido, aqui, o recorde nacional de palavras estrangeiras num texto em português, escusam de aplaudir), infinitamente a precisar de melhorias. O nosso trabalho é conseguir entender de onde vêm as melhorias que interessam — que vão melhorar o nosso desempenho — e de onde vêm as desmelhorias que não interessam — que só vêm colocar mais ruído no interior do nosso sistema. Na melhor das hipóteses somos sistemas caducos, finitos — prontinhos a ser substituídos por modelos novinhos em folha e que riem das nossas limitações — a médio prazo. Já não é mau.

9. Uma corrente de pensamento é uma corrente de pensamento — mas também é uma corrente de pensamento. Que parte da palavra «corrente» não entendes mesmo?

Seguir uma corrente é prenderes-te com uma corrente. Caga em quem quer impingir-te uma forma de pensar, tal qual eu acabei de tentar fazer contigo. Escolhe a tua corrente e mesmo assim prende-te a ela de forma leve, para poderes fugir quando sentires que tens de te pôr a andar. És a tua corrente de pensamento, e de ti dificilmente conseguirás escapar. Já não é mau.

«Culpo-me por todos os é tarde demais.»

Ela disse-lhe isto e ele percebeu que estava diante da mulher que procurara a vida toda — ele que nunca procurara qualquer mulher ao longo da sua vida toda. Estavam na entrada de um espectáculo de teatro e ambos haviam chegado atrasados. Olharam-se e sorriram quando viram a porta fechada. Era irreversivelmente tarde demais para o que o iria ser mas estavam perfeitamente a tempo para o que teria de ser. A vida raramente é o que iria ser, e mesmo assim somos sempre todos o que temos de ser. Amar é o que ninguém imaginava que iria ser e que depois já toda a gente sabia que teria de ser.

«Não quero saber se acreditas ou não em extraterrestres; quero é saber se acreditas ou não na humanidade.»

Ele respondeu que sim, mas acrescentou que se ela lhe tivesse perguntado uns minutos antes, antes de a conhecer, a resposta teria sido claramente negativa. Há momentos na vida que nos fazem mudar aquilo que somos — mas se calhar esses momentos são apenas os momentos em que finalmente descobrimos aquilo que somos.

«Morrer não é deixar de respirar; morrer é ser esquecido.»

Ela tirava-lhe mil fotos — mesmo isso: rigorosamente mil — por dia para nada se perder, para nunca se esquecer do que estavam a passar. Queria documentar cada instante, cada evolução. Um dia saberia que também as fotografias, que ela imprimia religiosamente todos os dias e em vários exemplares (tinha uma segunda casa, a que chamava casa da eternidade, onde guardava todas elas), iriam ser esquecidas. Mas demoraria muito mais tempo, até porque enviava também milhares de exemplares por correio para destinatários que escolhia aleatoriamente. O segredo para sermos lembrados é não termos medo de nos espalharmos — nem que seja ao comprido.

«Desperdicei toda a vida economizando-a.»

Ele só o entendeu agora, depois de a conhecer, depois de conhecer alguém que tudo o que não é economizar. Só economiza quem não tem;

quem tem partilha, propaga, leva mais longe. Só economiza quem não tem e pensa que tem — mas que, ao não partilhar, apenas quer esconder que nada tem para partilhar. Quem tem substância partilha-a mesmo que não queira. Não são os egoístas que não dão; são os ocos — que se chamam egoístas para não perceberem que são ocos. Amar é a partilha do que é só nosso, e que mesmo depois de partilhado continua a ser só nosso; mais ainda: amar é dar o que é nosso e perceber que depois de darmos tudo o que tínhamos ficamos com o dobro ou o triplo daquilo que tínhamos. Qualquer um dá tudo o que tem — mas só quem nunca teve nada fica sem nada depois de dar tudo o que tem.

«Sei muito sobre as pessoas pelo que elas escolhem ver em mim.»

Disse ela quando viu os olhares de espanto no momento em que o beijou de língua no meio da igreja do meio-dia na aldeia em que ambos viviam. E tu: o que viste nela?

— Ensinar a amar faz-se amando. Quando tiver um filho vou ensinar-lhe tudo sem nunca lhe ensinar nada. Vou fazer. Vou ser. Ele depois escolherá o que quer aprender. O grande professor não ensina nada: dá a escolher. Pensar é acima de tudo escolher, e viver também.

— O amor é a melhor lição, a lição suprema?

— O amor nada tem para ensinar. Alguém que amou durante cinquenta anos não sabe nada sobre o amor tal como alguém que nunca amou não sabe nada sobre o amor. O que sabemos é sobre a pessoa que amamos. Mas o amor não é a pessoa que amamos. Quando dizemos és o meu amor não sabemos o que estamos a dizer. Quando dizemos és o meu amor o que estamos, na verdade, a dizer é que aquela pessoa é a representação de algo que ocupa o espaço que destino em mim a amar. Mas não é ela o meu amor.

— Quem é?

— O meu amor sou eu. Não no sentido da auto-estima ou da auto-apreciação ou do amor-próprio. Não. O meu amor sou eu porque é em mim, em Eu, que se localiza o meu amor. E é esse espaço, essa residência, que é depois ocupado por aquela pessoa a quem chamo amor. Mas essa pessoa não é o meu amor: representa o meu amor. Está lá, onde o amor deve estar. Mas eu também estou lá, onde o amor deve estar.

— Somos sempre bígamos: alugamos o amor, o espaço do amor, a um residente. E vamos vivendo, nós e eles, nesse mesmo recanto. Somos ambos o meu amor. O amor é a residência para onde trago quem amo. Somos criaturas de dois amores só. É essa a maior fidelidade possível.

— Somos criaturas da nossa criatura só. Criamo-nos em absoluta solidão. O que crescemos é sempre solitário, e mesmo assim vem dos outros. Precisamos dos outros para alimentar a densidade da nossa solidão: para a nossa solidão saber melhor. Alguém incapaz de estar sozinho é alguém profundamente sozinho.

— Amar é um acto de egoísmo.

— Amar é um acto de amor, e o amor, por muito que isto custe a engolir, é o mais profundo estágio de egoísmo humano. Amamos para nos sentirmos plenos. Amamos em nome de nós. E depois, porventura, podemos até executar actos de um altruísmo heróico inigualável. Alguém que dá a sua vida para que outra pessoa possa viver é alguém profundamente apaixonado por si mesmo, tão apaixonado por si mesmo que acredita que a melhor maneira de alimentar em absoluto o amor que sente é abdicar da parte física do amor que sente.

— Amar o outro é sempre um acto de dádiva.

— E no entanto não deixa de ser sempre um acto de puro oportunismo. Dou-me para me receber melhor: para me amar melhor. Aproveito-te para me querer melhor. Amo-te para me amar melhor: para o meu amor, em mim, ser mais longe, ser mais amor.

— Amas-me para te amares melhor?

— Sim, lamento.

— Foi a declaração mais fria e mais linda que ouvi em toda a minha vida.

— Amas-me pelo mesmo motivo?

— Sem tirar nem pôr. Amo-te para me amar melhor.

— Somos o casal mais frio e mais lindo que conheço. Temos tanto de amorosos como de diabólicos.

— Eis o amor.

— Mas já chega da parte amorosa. Vamos à diabólica?

— Estava a ver que não.

O que custa é esperar. Os médicos passam, os enfermeiros passam. E eu aqui, perdido, sem saber se acredito que vais voltar, sem saber se acredito que daqui a pouco abres os olhos e dizes «amo-te» e ouves «amo-te» e amamo-nos mesmo. Abre os olhos para me ensinares a ver outra vez.

O pior do amor é depender da vida.

Só peço que quem manda nisto tudo te dê uma oportunidade de me dares uma oportunidade. Temos a vida toda pela frente se te mantiveres viva. Por favor fica só mais um pouco, só mais uma vida.

Troco a minha vida toda pelo regresso absoluto da tua.

Os tubos entram-te pelo nariz, há um cheiro estranho a perda por aqui. Todos os hospitais cheiram a perda, cheiram ao que já foi, ao que por aqui passou e não foi mais do que isso: passagem. Todos os hospitais são locais de passagem. Todas as vidas são locais de passagem. Todos nós somos locais de passagem.

Quero que saibas que tudo em mim passa menos tu.

Há uma vida inteira para passar contigo. E enquanto houver uma lágrima para chorar aqui estarei, a chorá-la, porque só os homens é que choram, à espera de que possa finalmente parar de chorar, porque voltaste, porque me olhaste, porque me pediste «leva-me contigo que se come mal aqui», e eu vou então limpar essa lágrima, será sempre uma por mais que sejam muitas (quando se ama só se chora uma lágrima, é sempre a mesma, que se estende e nos estende e nos entende), vou sorrir de todas as maneiras possíveis (quando se ama há milhões de maneiras de sorrir, tu sabes; quando se ama o sorriso não passa; amar é isso, simplesmente isso, para sempre isso: um sorriso que não passa), vou dar-te um beijo leve na testa, outro beijo leve na boca, e todo o meu peso sairá de mim assim, com beijos leves na tua pele que me purga do que dói.

És a sensação de que não há dor que me pare desde que tu nunca pares em mim.

Voltou a médica, traz aquele olhar com ferida dentro, como se estivesse calejada na morte, calejada na dor. Mas nunca ninguém ganha calo no insuportável. Diz-me que está tudo na mesma e eu fico na mesma: à espera de que venhas para me resgatar do interior da tua ausência. Sou o que não és, pouco mais. Quando não estás sou isso, apenas isso e não penses que não orgulhosamente isso: o que não estás. Só sei ser o que és em mim. Sou o que me deixares ser porque é apenas isso que quero ser.

Amar é ser sempre o que queremos ser e o que queremos ser ser exactamente o que amar é.

E agora que não sei se voltas, agora que a médica que tem uma poesia triste na voz me disse que não sabe se voltas, apetece-me fazer-te as promessas todas que nunca soube que iria cumprir, que nunca soube que seria capaz de cumprir. Até hoje. Até ti. Até tu e a esta impotência absurda. Até à possibilidade do teu fim. Prometo que jamais terei medo das palavras que sinto, por exemplo. Prometo que falarei, que chorarei, que tentarei, que lutarei. Prometo sobretudo que continuarei. Por mais que magoe, e vai magoar tantas vezes, por mais que pareça impossível, e vai parecer tantas vezes. Prometo que serei teu até ao derradeiro segundo, ou até que me digas que não me queres — Deus te livre e mais ainda a mim.

Prometo que celebrarei todos os dias o teu acordar: chega isto como declaração de amor?

Volta, vá lá. Volta desse lugar tenebroso que não sei qual é mas que só pode ser tenebroso e horrível porque eu não estou lá. Volta para me fazeres voltar. Deixa-me ser egoísta: volta para me fazeres voltar.

E o amor é acima de tudo isso: aquilo de que definitivamente não se volta.

Houve, dir-me-ão, pessoas que superaram a perda de um amor. Tenho pena delas por nunca terem amado.

Formação: s.f. Aquilo que só acontece aos inteligentes e aos apaixonados, passe o pleonasma; os burros querem entender o amor, os outros preferem amar.

O amor serve para nos pôr direitos, mas serve mais ainda para nos virar do avesso.

Foi isso que fizeste com o que eu era — tão diferente do que eu sou, meu desgraçado. Chegaste e espantaste-me, tão simples.

O amor serve para nos dar espanto.

Era uma mulher tão cómoda, tão imóvel, e pensava que a vida era isso, uma passividade feliz — há lá contradição («oximoro», dirias tu, com essa mania de que sabes tudo, mesmo sabendo) maior do que esta? Tinha um marido equilibrado, uma vida equilibrada, uma profissão equilibrada, e acreditava naquilo, acreditava que era aquilo o que me estava destinado. Mas nunca nada nos está destinado, é esse o nosso destino, graças a Deus.

O alarme não é quando o amor cria confronto — é quando não o cria.

Não se pode amar como se fosse cortar as unhas ou lavar as mãos. O hábito faz o monge mas desfaz o amor.

Um dos melhores momentos da vida é fazer amor — e um dos piores é desfazê-lo, com certeza.

Havia que acabar o que nunca, se calhar, havia começado. Nunca fomos mais do que gente séria demais, adultos graves demais, enclausurados demais. Felizmente vieste e brincaste, foste tão inconsequente quanto temerário, sem perigo há muita coisa nesta vida, excepto vida.

Levo agora o amor a sério — mas nunca deixo de brincar nele.

O amor é alegria, tão simples, o amor é alegria e o meu não era, doeu mas acabou, fui em frente contigo, insensata como nunca, feliz como sempre quando estou contigo, perder o que nos faz perder a razão é a maior das perdas, resiste-se a tudo menos ao irresistível, ao que nem a nós resiste, nem aos nossos medos, aos nossos preconceitos, resisto a tudo menos a saber que não me resistes.

O que nunca aconteceu nunca existiu — e por isso existe para sempre.

O arrependimento é isso, aquilo que nunca existiu a perpetuar-se numa memória de emoções perdidas, de emoções por ser. Somos o que somos capazes de dizer e incomparavelmente mais aquilo que não somos capazes de dizer. Disse-te quero e vou e fiquei inteiramente em diferendo comigo mesma, que maravilha. É da dissonância que nasce a criação — não existe amor sem desacordo. E aos poucos percebi que não eras só sonho, eras realidade — a minha. Amar é também saber que os contos de fadas não existem, e ainda assim vivê-los, queres ser o meu príncipe desencantado

todos os dias?

O príncipe encantado deixa encantamento mas também pode muito bem deixar uma pinga de urina na tampa da sanita.

E o amor é tão lindo, não é?

I

Só respirava em dias de sol.

Não era poesia: era doença.

Aquele homem só respirava ao sol: a enfermidade, diagnosticada precocemente e para a qual não havia denominação (muito menos cura), obrigava-o a viajar de cidade para cidade, de país para país, à procura do astro-rei. Aguentava, no máximo, dez horas sem ter o sol a bater directamente em si — e nenhuma máquina (tentou-se solário, tentou-se sprays bronzeadores, lâmpadas artificiais das mais diversas espécies e proveniências) o substituíra.

Não era dependência: era sobrevivência.

Quis o destino que, certo dia, numa das muitas viagens que fazia, se cruzasse no aeroporto com uma jovem mulher, por quem se apaixonou, que tinha uma doença peculiar: só respirava em dias cinzentos.

Não era ironia: era pedagogia.

A solução encontrada foi simples: namoravam entre viagens, em períodos (e locais) de transição: aeroportos, estações, centrais de camionagem. Assim casaram, assim foram vivendo juntos, aproveitando cada momento de transição como se fosse um momento de paixão.

Não era uma bênção: era uma decisão.

Quando ela engravidou, desde logo a questão se colocou: com quem irá viver a criança? Preferirá viver ao sol ou à chuva?

Sinceramente ainda não decidi.

II

Titan disse: saltar é o voo dos pobres.

Ritha disse: comprar é o amor dos ricos.

Ambos se assustaram quando ouviram o alarme da loja de roupa, de onde estavam a sair, a tocar.

«Até saltaram de medo», disse quem os viu.

III

Eram tecnofreaks. Chamaram iVone à filha.

IV

Titan aspirava o seu lixo com a boca: «o que é meu é meu, mesmo que seja lixo.»

Ritha não se incomodava com isso, ao contrário do médico que teve de o operar de urgência, com complicações intestinais, várias vezes.

V

iVone era uma criança viciada em dados. Estava sempre a atirá-los e levava-os para todo o lado. Era, no fundo, como toda a gente da família: não sabia viver sem dados móveis.

VI

Titan e Ritha tinham a mesma preferência sexual: ela de quatro, ele por trás. Era, efectivamente, a única posição em que ambos podiam ver-se, enquanto se possuíam, no espelho gigante que tinham na cabeceira da cama.

VII

Ao olhar pela primeira vez para a nova babysitter de iVone, Titan sentiu a respiração, subitamente, a faltar. «Tem calma. Já passou», descansou-o Ritha, já depois de tapar a pequena frincha de luz que queria entrar pelas frinchas da persiana.

Fosso: s.m. O mesmo que desequilíbrio estável. Só os que não temem o desequilíbrio conseguem equilibrar o mundo.

Morria para que morresses por mim,
de amor, pois claro,
ela com o sorriso distante,
és feio como um raio mas tens umas palavras tão bonitas, raios,
ele a passar os intervalos atrás do pavilhão, sozinho, só para a ver
encostada ao muro da entrada da escola, as amigas ao lado,
a forma como seguras no cigarro quase que aposto que impede todos
os seus malefícios,
mais um bilhete dele no cacifo dela, acompanhado como sempre de
uma fotografia,
quero que me ames apesar de mim, entendes?,
o sorriso dela,
és feio como um raio mas tens umas palavras tão bonitas, raios,
se quiseses ensino-te a matéria de matemática com poemas,
e a fotografia, e o cacifo, e o sorriso dela,
está bem,
até está bem é uma declaração de amor quando se quer assim, até
está bem é uma densa declaração de amor quando se quer assim,
se quiseses ensino-te a matéria de filosofia com abraços,
esta era mais previsível,
o amor às vezes é previsível,
sempre, na verdade, se não é previsível não é amor,
o abraço é filosofia corporal, filosofia circular, Kierkegaard com certeza
entenderia que o fito primordial de filosofar é apaixonar,
tive dezoito,
matemática é prova superada,
1
8,
dezoito,
matemática é poesia,
tive 19,
filosofia é prova superada,
dá-me um abraço,
pela primeira vez na história de todas as histórias académicas do
mundo festejou-se uma grande nota numa matéria com a própria matéria
em si,
uma espécie de metafestejo, será?,
dá-me um abraço,

ela entrou na universidade, ele entrou na universidade,
deu-se o acaso de ele planejar ao pormenor o acaso de terem ficado na
mesma turma, se possível na mesma sala, se possível bem colados lado a
lado,

tomei banho três vezes para me poderes tocar na pele do braço sem
querer três vezes,

a frase junto à mala dela na mesa da sala de aula, a fotografia,

és feio como um raio mas és lindo como um raio, raios,

as palavras que ela disse,

disseste mesmo isso?,

disse, ela disse,

ele calou-a com a boca, ela calou-o com a boca,

saíram imediatamente da sala,

só não conseguiram calar a boca da professora,

sim,

sim,

casaram ao fim de três anos e dois cursos,

um de cada um, como é óbvio,

sofreram muito, cresceram muito, brincaram muito, amaram muito,

e sobretudo mudaram muito,

tudo se vai mudando em nós menos o que nos faz sermos nós,

mudou tudo menos os bilhetes dele espalhados pela vida dela,

és lindo como um raio mas és lindo como um raio, raios,

amar é redundante,

e amar é redundante,

e é redundante amar,

porque amar é redundante,

morria para que morresses por mim,

e ela morreu,

e ele cumpriu,

e morreram felizes para sempre.

1.

Quando abriu a porta, tudo mudou. Ou, na verdade, terá ficado tudo na mesma mesmo que tudo se tenha alterado. O que aconteceu conta-se em poucas palavras:

Era uma vez uma mulher que acreditava que o fim do mundo era o final do amor — uma mulher, no fundo, como todas as mulheres; mais ainda: uma pessoa como todas as pessoas. Eis que um dia essa mulher encontrou um instante revelador (quem nunca teve um momento destes que atire a primeira pedra, ou que a fume, pelo menos): um pedaço de papel pousado num banco de jardim, rasgado de um dos lados. O que dava a ler era só isto:

Ao meio-dia.

Hotel 203.

Quarto 112.

É certo que esta mulher tinha emprego, é certo que teria de entrar ao trabalho em menos de dez minutos, mas também é verdade que a curiosidade é algo muito forte no interior de um humano — há até quem diga que a curiosidade vale mais do que a inteligência, vejam lá. E assim seria: a curiosidade ganhou a batalha e esta mulher resolveu (foi obrigada pela curiosidade) fazer gazeta ao que teria de fazer e dedicou o tempo que tinha pela frente à procura desenfreada pelo hotel e pelo quarto. Não se sabe para quê, nunca se soube para quê — nem ela própria, provavelmente, saberia porquê. Mas foi: percorreu os hotéis da cidade em todos os mapas, em todos os motores de busca. Mas nada: nenhum tinha aquele nome. O que seria, afinal, aquilo?

Desistiu, como todos desistem, quando o corpo mandou: quando as forças desistiram. Passamos a vida a falar de alma mas é quase sempre o corpo a decidir o que somos, que parvoíce. Regressou a casa, autocarro cheio, suores, cheiros, confusões, vidas perdidas no meio de vidas perdidas.

— O quê?

Ao abrir, por acaso, a página digital de um jornal qualquer, encontrou a notícia que lhe fez as pernas tremerem: e aqui está de novo o corpo a decidir tudo: tremem as pernas e tudo treme no meio de nós.

— Não pode ser, não pode ser! Não pode ser!

Disse-o três vezes por fora, muitas mais por dentro. Mas podia ser. Era mesmo: a sua empresa, o edifício da sua empresa, para sermos mais concretos, tinha acabado de explodir.

— Não, não! Não!

Que mania, esta, a dos humanos: precisamos de repetir alto o que nos custa a assimilar; precisamos de ouvir o que não queremos pensar, viva a incoerência.

— E agora?

Desta vez disse-o apenas uma vez, toda a gente, naquele autocarro, a olhá-la como se olhassem um fantasma; bem podia sê-lo — um fantasma — não fosse a curiosidade, não fosse aquele papel no banco de jardim. Há letras que nos salvam a vida, sempre ouvira dizer.

2.

Acordou, bem cedo, obrigada pelo som da campainha. Uma encomenda.

— O que será?

Bate, coração; bate, coração: sim, era outra vez o corpo a mandar no resto — se ainda havia dúvidas sobre quem dita leis aqui ficam elas dissipadas. Embrulha lá esta, ó céptico.

É hora de fechar a narrativa: temos mais que fazer e o leitor também, certamente. Cá vai aço, então: um livro. É isso o que se encontra ali. O título: *Hotel 203* — um thriller clássico, carregado de suspense. Algures lá pelo meio, uma dedicatória.

A curiosidade matou o gato
mas salvou a mulher.

Eram apenas estas as palavras do texto, escrito à mão, colocado no capítulo quarto, mais propriamente na página 112.

Um terrorista apaixonado é a coisa mais fofinha do mundo, não é?

Quando abriu a porta, tudo mudou.

1.

Somos a sensação de que somos, só isso.

A vida é o que sentimos dela, e não há por isso vidas tristes, apenas sentimentos tristes.

A felicidade objectivamente não existe, e é assim que existe em nós.

Somos o que sobra do que nos acontece, tirem daí o que quiserem — ou puderem.

Todos temos aquilo de que precisamos, mas nada há de mais humano do que precisar do que não se precisa, precisamente.

2.

Há dias que pesam, fugas urgentes para fazer.

Hoje apetece-me desistir de sobreviver, deixar que os braços — e a esperança — caiam. Os heróis não são os menos desistentes, somente os que desistem quando ninguém está a olhar. Agora vira-te para lá uns segundos, por favor.

3.

A excitação entedia-me: quão frustrado tem de ser aquele que não se contenta com a monotonia? A vida comum é a que fica na história, mesmo que não fique nos livros.

Pergunte-se a quem mudou o mundo o que mais amou na vida e ele não responderá mais do que uma trivialidade.

Não é da vitória que se sente falta, antes da taça de champanhe que ela traz. Tem mais influência no futuro do planeta uma camisa bem passada do que uma decisão de um Supremo Tribunal qualquer, por mais que eu odeie engomar.

4.

O rico pensa ser livre só porque vive numa jaula — ou duas ou três ou quatro — de luxo.

Somos criaturas feitas de ironia: amamos a liberdade que nos oferece termos as coisas que nos impedem de sermos livres.

O dinheiro não evita a felicidade, apenas a atrasa — ou, na melhor das hipóteses, a esconde na parte detrás de uma alegria de grife, uma felicidade enlatada, grande lata.

Garoto: s.m. Aquele que coloca infância no que vive; a infelicidade é consequência, amiúde, de uma exiguidade gritante de inconsequência.

1.

Há dias que nascem com poesia nas mãos, como quando olhamos para o que somos com filosofia dentro. O sapateiro velhote na barraca junto à esquina do bairro, a senhora cansada perto da paragem do autocarro, ou a maneira como todas as crianças sorrateiramente enganam a felicidade. Toda a inutilidade serve o propósito de nos situar perante a prosa infinita do absurdo. A profundidade é uma forma (a pior) de vaidade. E a felicidade é uma forma de vontade, tenho vontade de o dizer.

2.

Queria, pelo menos às vezes, ter a quietude na alma, ficar feliz com um passo após o outro, acomodar-me à descrença; mas em pouco tempo chego até mim e o que vejo quando estou parado enoja-me. Vivo para mudar: eis a única verdade que nunca consegui mudar. Podia, é claro, ter cuidado — mas prefiro ter amor. Tem-me bastado para ter tudo.

3.

O sórdido alimenta o anjo, numa guerra profícua que nauseia e fascina. Vive-se por oposição, ama-se para se ser do contra. A única morte é por isso o tédio, a medida final de todas as filosofias, de todas as religiões. O desespero é mais humano do que a indiferença, como talvez a mentira seja mais humana do que a verdade. Poder-se-á então dizer que o amor é a mentira que nos sustém, mas seria falso — mas quem é que quer saber disso? Exploremos, pois, a mentira, sem julgamentos estéreis, sem preconceito bloqueador. Só se estuda a doença para a poder curar.

Não sabia o que fazer. Nunca ninguém sabe, na verdade, o que fazer. Todos vamos esboçando respostas a perguntas que nem sabemos que existem. Esta mulher não sabia, então, o que fazer. Estava diante de um momento definitivo — há lá algum momento que não seja definitivo?

Nada é definitivo, acabou de dizer Luísa Maria, a sua amiga de sempre. Para que servem as amigas de sempre?

Cá fora, à entrada do escritório onde as duas amigas se perdiam em divagações filosóficas, um homem como outro qualquer olhava para o interior de uma loja de automóveis — daqueles de brincar, claro. Chamava-se Guilherme e acreditava no amor à primeira vista: era isso, na verdade, o que estava a sentir por aquele Ferrari de tamanho médio que tinha na sua mão direita, na sua imaginação. Resolveu entrar para tentar a sua sorte, ou o seu azar, nunca se sabe de que massa é feito o momento. Entrou, de sorriso nos lábios e desejo por todo o lado.

Luísa Maria e a amiga, de quem ainda não sabemos o nome, continuavam no seu escritório, nas suas divagações. Até que uma delas, não se sabe ao certo qual, disse um nome.

— Guilherme.

Saiu-lhe assim.

— Guilherme.

Simplesmente assim.

— Guilherme.

Não seria nada de especialmente interessante, não fora dar-se o caso de ela, esta mulher (nenhuma das duas mulheres, para sermos mais concretos), não conhecer nenhum Guilherme. Nenhum. Nada. E no entanto:

— Guilherme.

Guilherme, o tal, estava já no interior da loja de brinquedos, que ele levava mais a sério do que a vida inteira. Ser criança é levar a brincadeira mais a sério do que tudo o resto, e nem assim deixar que a brincadeira se torne numa coisa séria — como se fosse possível viver em cima de um trapézio (e é: efectivamente viver em cima de um trapézio é a única forma de vida, o resto são subvidas, ou quase-vidas, ou vidinhas, ou vidinhinhas).

— Lamento, mas não.

O homem que o atendeu, que era também o homem que já o atendera dezenas ou centenas de vezes anteriormente, não estava com meias

palavras.

— Lamento, mas não.

A vida começa sempre que alguém nos diz «Lamento, mas não». Foi isso mesmo o que aconteceu com Guilherme.

Basta ler o que se segue para saber porquê — e como.

[fim]

[diálogos que se não existiram deviam ter existido]

no tribunal

— Deram-lhe então a escolher entre ficar sem a sua casa ou ficar sem a sua mulher, é isso?

— Sim, excelentíssimo juiz.

— Muito bem. E o que escolheu o senhor?

— Ficar sem casa, meretíssimo.

— Porquê?

— Não queria ficar ao relento.

na escola

— O que estás a desenhar?

— A minha família, senhora professora.

— Mas eu pedi que desenhassem o mundo.

— E foi o que eu fiz.

no hospital

— Vai então ficar com a pulseira verde, senhor doutor, e com o número vinte e três.

— O que significa isso?

— Significa que é um médico aprovado pelos utentes.

— Ótimo, ótimo. E o número?

— Estamos no número vinte e um. Quer dizer que basta chegarem mais dois utentes e o doutor é chamado a consultar.

— Excelente, excelente.

— Espere só ali um pouco na sala de espera, por favor. Daqui a nada chamam pelo seu nome.

— Sim, claro. Obrigado.

na empresa

— Mandou-me chamar, chefe?

— Sim.

— O que se passa?

- Estamos bastante desiludidos consigo.
- Porquê? O que fiz eu?
- Confirma que hoje é o aniversário do seu filho?
- Sim, chefe.
- E confirma que é mesmo o senhor que está aqui, agora, neste momento?
- Sim, chefe.
- Não viu ainda a desilusão que nos causa a todos aqui na empresa?
- Acabei de perceber, chefe.
- Vamos ser forçados, como entenderá, a despedi-lo.
- Entendo, claro.
- Considere-se então despedido.
- Com certeza.
- Volte amanhã para ser readmitido.
- Assim farei.

A lógica é uma construção. Como a realidade, no limite, é uma construção. Ilógico é não questionar a lógica, não tentar perceber de onde ela vem, para onde é que ela vai, e sobretudo onde nos encaixamos nós no interior dela. O amor é a mais absoluta ilógica, e é só por ele que vivemos, ou queremos viver, pelo menos. Devia chegar isso para te fazer pensar — e amar, claro.

Garoto: s.m. Brincador profissional; quando alguém te disser que a vida tem de ser levada a sério, não lighes — é a brincar.

De entre todas as virtudes, olhar é a menos apreciada. Raramente se ouve alguém elogiar outro pelo que vê, e no fundo tudo o que faz a diferença é, em primeira instância, ver — o que, esclareça-se desde já, pouco ou nada tem que ver com os olhos. Ver é com a cabeça: é um processo mental. Mais ainda: um processo criativo. A criatividade é, no limite, a capacidade de ver diferente, de ver melhor: de ver a parte detrás (ou de dentro) do que está à frente dos olhos. E é só depois de alguém nos mostrar que viu o que viu que nós, os outros, começamos a vê-lo como se sempre tivesse lá estado. E estava — mas ninguém, a não ser o tal gajo de que agora já todos nos esquecemos, o conseguia ver. Estás a ver onde eu quero chegar?

Quando te abraçava talvez não visse,
amar também é ver,
que aquilo não morria, que algo assim não morre,
só morre o que não se sente, nunca te esqueças disso, eu não esqueci,
garanto,
a casa vazia, uma estranha em mim e eu nela,
amar é a ausência de estranheza, tu no outro como em ti, e os silêncios
não incomodam, como as palavras não incomodam,
a casa com espaços por preencher, a cozinha onde, a sala onde, o
corredor onde,
por onde passo é por onde estás, mesmo que não estejas, e o pior é
que não estás mesmo, olho à volta, procuro, pergunto à vizinha,
onde está a minha vida?,
não responde, nem eu, não sei, não posso saber,
onde está a minha vida quando tu não estás?

A geografia é a ciência possível. Inventou-se a localização espacial para justificar o lugar onde estamos, quando o lugar onde estamos nada tem que ver, habitualmente, com a localização espacial onde estamos. Somos pessoas porque conseguimos fugir do corpo, andar para além (e para aquém) dele. Raramente és onde estás. És, isso sim, aquilo que sentes onde estás. Por exemplo agora, em que estás a ler isto aqui e na verdade estás a ler isto aí. Sentes o que te digo?

A perda é uma puta, ficas a saber,
leva-nos o que nos faz sentir tudo, e ainda nos faz sentir mais o que

acabámos de perder,

antes este livro era só um livro e agora é o livro que me deste quando,
há tantos quandos em nós quando se perde assim,

lê para continuares, dizias,

e eu continuava, ainda continuo, velha, ainda leio as tuas anotações
nos cantos das páginas,

estes escritores deixam sempre palavras por dizer,

e era assim que medias o talento de quem escrevia, pelo número de
anotações que te obrigava a fazer,

este gajo é bom, esqueceu-se de escrever tanta coisa, este gajo é
bom,

a arte é isso, a vida é isso, vale mais quando diz menos, quando dá
mais espaço para que tu o ocupes,

a grande vida, a grande obra, é vazia nos espaços que só quem a visita
tem de ocupar,

digo isto tudo só para me convencer, eu sei, não voltas e eu tenho de
me convencer de que um dia poderei voltar, sabes que não,

nunca se volta do que nos mudou para sempre,

desta vez tens razão, felizmente é raro,

só tinhas razão sempre,

a cadela procura-te pelo jardim, abana o rabo quando algo teu aparece,
e depois as orelhas baixam e geme no fundo,

nunca se volta do que nos mudou para sempre,

a perda é uma puta, ficas a saber,

e agora deixa-me baixar as orelhas um pouco,

e gemer no fundo.

[ela]

Queria tanto ser tua, e no entanto nunca deixei de ser tua,
estendes-me esse sorriso e eu deito-me, nada me manipula mais do
que esse sorriso,
e as tuas mãos tão grandes nas minhas pequenas,
a dimensão do teu olhar,
fico inteira por dentro dele, protegida e só eu, à espera de que o mundo
acabe para sermos só nós para sempre,
sou feliz quando me amas, e isso aterroriza, entendes?,
ninguém merece gostar assim, muito menos eu, que sou apenas uma
pessoa como outra qualquer,
como pode o amor mais talentoso do mundo pertencer a alguém tão
normalzinha quanto eu?,
e não sei o que fazer, devia estar preocupada com o que nos pode
acontecer por fora, com aqueles que nos podem fazer mal,
porque há tanta gente que nos quer fazer mal?, porque é amar tão
criminoso assim?,
mas só me preocupo com o que nos pode acontecer por dentro, quero
que me ames seja onde for, contra quem for, doa o que tiver de doer,
quero que me ames mas não consigo ser heróica o suficiente para te
amar imediatamente,
preciso de um tempo de descanso, amar tão toda cansa, amar cansa,
mas não amar mata,
hei-de pensar em qualquer coisa para nos tirar daqui, qualquer coisa
que nos leve juntos para algum lado,
nem que seja um tiro, sei lá,
pode ser ou fazes questão de continuar vivo?
[ele]

Não fui. Nunca fui. Nunca fui capaz de estar sozinho, de aguentar estar
sozinho. Preciso de pessoas. Preciso de perdões. Preciso de ombros.
Preciso de quem esteja ali para me fazer aguentar estar aqui.

E tu foste quando eu mais sozinho estava. Foste quando eu mais
precisava que estivesse.

Foi isso. Foi só isso. Eu e a minha incapacidade. Eu e a minha
dependência. Preciso de pessoas à volta para poder estar sozinho como
deve ser.

E ela veio. Não a amo. Nunca a ameí. Não a amo. Regista isso. Por favor regista isso. Nunca a ameí. Nunca a senti a mexer-me nas veias. Mas estava lá. E tu não estavas. Não estavas porque eu não fui. Não estavas porque eu fiquei. Não estavas porque preferi o certo. E ela era certa. Ela era sempre certa. Sempre disponível. Sempre pronta a ser a minha solidão.

Demorei tanto a estar pronto a estar acompanhado.

Estou pronto. Não sei o que vai ser de nós mas temos de ser juntos. O que quer que seja tem de ser juntos. Eu e tu. Aqui ou noutro lado qualquer. Não quero saber de quem sou se não puder ser teu.

Demorei tanto a perceber a solidão que só me restou a possibilidade de estar sozinho.

Leva-me para onde quiseres. Faz-me o que bem entenderes. Mas contigo. Basta-me estar contigo. Leva-me. E devia ter tanto medo mas só tenho o teu corpo a preencher-me as sensações. Enches-me de ti e isso faz-me tão bem.

Leva-me para onde possamos ser só os dois. Mesmo que haja mais pessoas connosco. Leva-me para onde possamos ser só os dois. Leva-me para onde a minha solidão se possa instalar na tua.

E desculpa. Desculpa só ter chegado agora.

Anda comigo até ao fim do mundo. Ou simplesmente até ao fim de mim.

Gastar: v. O contrário de amar; quando há amor nada se desperdiça, tudo nos transforma.

há algo de estranho na voz do meu pai,
uma queda, talvez, como se doesse a parte detrás das palavras,
gostar de alguém é conhecer-lhe o interior das palavras, não é?,
entender o que não se diz,
li ontem num livro que estava pousado na mesa da sala,
a mãe sorri como se chorasse,
amar é também saber que é tão curta a distância entre o sorriso e a
lágrima,
a casa cheia parece vazia, tudo se mantém na mesma mas sabe a
mofo,
a mentira sabe a mofo, cheira a mofo,
amo-te haja o que houver,
os adultos não dizem com as palavras todas, usam quase-palavras,
semifrases, pedem que a dor doa menos quando as frases duram menos,
amo-te haja o que houver,
o meu pai abraça-me,
o meio dos teus braços é heróico, pai, nele nada me magoa, nada me
toca,
o meio do amor é o único lugar do mundo onde nada nos magoa, onde
nada nos toca,
só o amor, claro, mas quem nunca se magoou nunca foi gente,
não li num livro mas ouvi numa canção que passou no programa da
manhã da rádio, aquele que ouvimos todos juntos a caminho da escola, o
pai eufórico com mais um dia e a mãe ainda com o sono nos olhos, a
acordar devagar, a sentir devagar,
aqueles senhores todos dizem piadas enlatadas mas às vezes sai uma
frase que fica,
a vida é no meio das pessoas enlatadas às vezes encontrar uma
pessoa que fica,
está tudo bem, um dia vais entender,
já entendo, mãe, já entendo,
vi o pai a esvaziar o guarda-fatos há bocado,
chorou tanto quando guardou a camisa que tu lhe deste pelo
aniversário,
fui eu que a escolhi, ele não sabe mas fui eu que a escolhi,
o meu pai tem muita pinta,
digo todos os dias às pessoas do colégio,
o amor tem muita pinta, mãe, e pai,

amar é ter pinta, porque não?,
o silêncio agora dói, e nunca doeu,
o fim do amor acontece no instante em que o silêncio começa a doer,
ama-se o que nos pacifica e o que nos descontrola, nunca o que não
faz nada, muito menos o que nos dói pelo que já não é, pelo que já foi,
tudo o que nos magoa é a ausência,
ainda estás, pai,
amo-te,
ainda estás, mãe,
amo-te,
mas ainda não sei entender como vou amar-vos em separado,
somos filhos de um só amor, não é?, como havemos de aprender a
separar partes de nós?,
quando for grande quero ser amado,
e amar, como é óbvio,
não posso escolher com quem ficar,
não se escolhe um braço, não se escolhe o melhor ângulo para morrer,
não se escolhe um pai, uma mãe,
quero que sejam felizes, só isso,
eu vou continuar, crescer,
quando for velho quero ter os meus velhos comigo,
e amar, não sei se já o tinha dito,
é este o amor para sempre que vem nos livros,
qual mais haveria de ser?

de te amar quando comecei a ver-te.

Por vezes o amor precisa de uma cegueira temporária, e o amor é eterno quando a cegueira é eterna, verdade seja dita, ou mentira, não sei. Sei que te quis como um louco desde sempre, e pensei que para sempre, mas acabei por ver o que eras e não gostei do que era ao ver-te assim.

És capaz de ser a melhor pessoa do mundo, e a pior pessoa de mim.

Sou o que não quero ser quando estou contigo: o amor resiste a tudo menos a más pessoas no meio dele. Quando te tenho quero ter-te, e é só. E depois magoa tudo o que não sejas tu. Amo um amor doente, um amor sem meio-termo, e por isso terminado. Amo um amor perdido, e perco-me sem ti.

Agora quero a liberdade, a capacidade para deixar de te querer. Mas depois chegas tu e acabo eu. Que amor é este que me impede de amar?

A cegueira faz-nos ver, na verdade. Sou cego de ti e vejo-me completo. Magoa-me ver-me, e apenas tu me fazes ver-me. Quero a cegueira de um amor que tapa, não a transparência insuportável de um amor que faz ver.

Deixei de te amar quando comecei a ver-te.

Agora temo-te. Temo-te como se teme a felicidade. Nada assusta mais do que aquilo que nos faz felizes, porque apenas o que acaba nos faz começar.

Começo de novo quando te vejo de novo, vivo de novo quando te beijo de novo. O teu corpo é um santuário, um confessionário onde nada deixo por sentir, por mais que tanto deixe por dizer.

Digo-te que te temo quanto te amo, porque só se ama quando se teme. Prometo temer.

Prometo recear a perda, a dor, os passos em falso. Prometo ter medo de ir inteiro, porque isso me magoará inteiro.

Prometo temer.

Prometo temer as palavras impulsivas, as frases malditas, as lágrimas com facas. Prometo ainda temer a queda, a saudade que não passa, o momento em que tudo faz sofrer.

Prometo temer.

Prometo as pernas trémulas, a voz a fraquejar. Prometo que não serei capaz de ser herói sem medo, porque tu e eu sabemos que nunca existiui um herói sem medo, e muito menos sem amor. Prometo tremer quando a decisão chegar, tremer quando o abraço tardar, tremer quando me estiveres a faltar.

Prometo temer.

Prometo não ser menos humano de cada vez que me desequilibrar,

não ser menos pessoa de cada vez que a mágoa surgir, não desistir do que me faz balançar. Prometo que por mais que atemorize todos os momentos serão decisivos, que por mais que atemorize todos os prazeres serão explorados. Prometo ter medo do que amo, e ainda assim amar.

Prometo temer.

Porque o amor seguro pode ser seguro, sim, mas não é amor.

— Hoje, com a televisão avariada, vamos ter de fazer amor.

— Não sei se estou confortável com esse plano.

Conhecemo-nos quando a verdade se fazia do que queríamos ser, e não do que éramos,

a verdade no fundo pode ser sempre aquilo que queremos ser, eu acredito que sim, tu não?,

alguém é aquilo que crê ser,

nunca o é, quase nunca o é,

é tão difícil sermos o que cremos ser, um muro em redor do espelho, uma mentira feliz,

quem inventou a mentira procurava a felicidade, que mais?,

dizia-te que é possível sermos aquilo que cremos ser, não porque tendemos a aprender, somente porque tendemos a teimar, e de tanto teirmos que é assim acaba por ser mesmo,

o mundo adapta-se ao que não tem adaptação possível,

o que não tem remédio remediado está, a minha avó no fundo da memória, o meu avô ao fundo da sala, a faca numa mão, uma maçã na outra, um guardanapo à volta do pescoço,

existem as memórias para vivermos duas vezes, ou três, as que forem necessárias até que a vida, inteira, se passe no que não acontece.

a infelicidade não é ter memórias tristes, é não as ter,

temos a tarde toda para amar, haja uma cama e a vida acontece,

a cama foi a maior invenção do Homem, dirá qualquer pessoa apaixonada, ou então não está apaixonada coisa nenhuma,

temos a vida inteira pela frente quando estamos voltados para lá, para a frente, o segredo nunca é segredo algum, não existem segredos, só perspectivas insuficientes,

a perfeição é uma insuficiência feliz,

lá fora adolescentes descobrem-se na rua, junto à parede, segredam o que todo o corpo já mostrou,

coloque-se o corpo no banco dos réus e nenhum julgamento acabará sem sentença,

a música serve para enganar, a arte serve para enganar,

para que raios servirá a vida senão para enganar?,

passa-me pela cabeça a primeira vez que te vi chorar,

ninguém aprende a ver quem ama chorar, os teus dedos a limparem uma lágrima que te fiz cair,

que grande filho da puta é aquele que faz chorar quem ama, como se

explica isso?,

disse-te o que doeu e doeu sem convite,

a pior dor é a que vem sem convite, a que chega de repente, estamos confortáveis e depois ela,

e depois tu, a tua primeira lágrima, um restaurante apinhado e eu solitário no interior do filho da puta que fui,

desculpa-me mas não estava pronto para ser tão grande, era um minorca antes de ti, um anão insuflado, pensava que acontecia o que me acontecia, que ingénuo,

só acontece o que nos faz acontecer,

um trocadilho e um beijo, passaria a minha vida a fazer trocadilhos para o teu sorriso, esse mesmo, o que fizeste agora,

temos uma cama e uma televisão avariada, e planos para nada fazer para a arranjar, Deus nos livre de uma avaria não servir para amar melhor,

podia escrever-te mais uns milhares de páginas sobre a forma como a tua pele gasta a minha sem nunca a cansar,

não o farei,

tu sabes porquê, ou pelo menos vais saber agora mesmo,

anda cá, vens?

Gastar: v. Olhar sem sentir, querer sem tocar, ganhar sem lutar, amar sem chorar; nada do que nos apaixonou se desperdiçou.

Sou uma velha, meu filho, desculpa, as mãos tremem,
ontem virei a água quente da sopa em cima dos pés, não te disse
nada, quero lá eu que me vejas assim, mais velha do que nunca,
estamos sempre mais velhos do que nunca, a vida é uma corrida em
direcção à velhice,
o máximo que podemos ser é velhos, que pobreza de sonho
haveríamos de ter, já viste?,
o corpo treme todo, o tempo treme todo, na verdade, já não consigo
escrever a lista das compras,
o teu pai escrevia aquilo como se fosse poesia, talvez fosse mesmo,
há mais poesia numa lista de compras de quem ama do que num
poema de antologia que ninguém sentiu,
o teu pai era o poeta possível, o meu poeta, um dia disse-me que me
queria mais do que à terra em ano de sorte,
conheces poesia mais linda do que esta?,
o teu pai com o lápis na mão a escrever arroz, pão, leite,
a mão dele como se a de um pianista, todos os dias, todo o dia, a
trabalhar na terra e as mãos de um pianista,
somos as mãos que sentimos, nunca as que usamos,
a mão dele na minha e o fim, ficava tudo por ali, esquecia-me do que ia
dizer, do que ia fazer, do que ia ser,
amar é ser o que o amor é, e outras coisas que não interessam para
nada,
o silêncio, dói o silêncio sobretudo, olham-me como se estivesse morta,
e é isso que mata,
ouvir é meio sustento, fica com esta frase se nada mais lebares de
mim,
somos em grande parte o que ouvimos,
amo-te, chça, ajudas-me a podar hoje à tarde que eu quero-te ainda
mais?,
a voz do teu pai no interior do que me perdi, que merda de coisa é a
morte?,
és um mocetão tão lindo, tens a tua vida, a tua casa,
queria morrer com um neto nos braços, prometes?,
a juventude fica como um quadro, ali pendurada na parede, passamos
por ela, olho-la, e quando a temos faz-nos felizes e quando a perdemos
acaba-nos por KO,
não, não quero que fiques, vai, a tua mulher, o teu filho,

diz-lhe que quando crescer vai ser grande como o avô,
o mais grande da casa,
di-lo assim porque o teu pai dizia-o assim, conheci-o assim, a dizer o
que as crianças dizem, e sem dar por ela já estávamos os dois a fazer o
que as crianças fazem,
não penses que era perfeito, tu viste, não era,
discutíamos por excesso de amor, quase sempre, porque nos
queríamos tão bem que o quase-bem magoava, e íamos à procura de sarar
e por vezes feríamos,
humano não é não magoar, é magoar apenas quando se quer sarar,
um acidente, o que se torna eterno é o acidente,
e tu, que não foste um acidente mas estás aí, a salvar-me do acidente
final,
adoro-te, mãe,
adoro-te, filho,
fecha a porta devagar,
de cada vez que se fecha sinto um dia a menos,
deito-me, a cama gelada,
com o teu pai nunca tive uma única noite de frio,
com o teu pai nunca tive uma única noite de nada, só dele, sejamos
sinceros,
dormimos juntos uns vinte mil dias, fiz há dias as contas por alto, e isso
contando apenas as noites,
dormimos juntos uns quarenta ou cinquenta mil dias, porque sempre
que me lembrava dele me deitava com ele,
a porta fechada, o silêncio abstracto,
o silêncio é o que queremos ver nele,
quando se ama até o silêncio se ama,
a mão treme, o corpo treme,
quando voltares perdoa-me se não estiver, mesmo que esteja,
está bem?

[vícios]

Somos viciados no limite. Ou então apenas viciados em esperança, no limite. Precisamos, com regularidade, de uma corda que nos agarre, nem que depois nos enforque. Gosto de estudar a inveja, por exemplo. Sem condescendência, sem juízos. Apenas analisar para tentar perceber. Ainda não o consegui, lamento.

[desesperos]

Há quem procure, com desespero, a dor do outro. Será, com certeza, a única possibilidade de ter algo para sentir.

[futuros]

Procura-se, no futuro, tudo o que nos alimenta. É nele que se deposita a «possibilidade de». E é a «possibilidade de» que, mais coisa menos coisa, vale por tudo o que somos. Somos viciados no «pode ser que». Pode ser que amanhã doa menos, pode ser que amanhã ame mais, pode ser que amanhã passe, pode ser que amanhã seja feliz. Fatalmente, porque a vida acontece, o futuro acontece. Pode ser que valha a pena.

[chuvas]

A chuva é uma espécie de melancolia natural. Olhamo-la e pensamos. É organicamente impossível olhar para a chuva a escorrer no vidro e não pensar. A chuva funciona, então, como um detector de mentiras: uma radiografia de interiores. Quando vires alguém feliz ao ver a chuva inveja-o. E fica feliz também — para alguém, ao ver-te, te invejar também. A felicidade é muitas vezes aparência pura: uma hipocrisia neurológica. Mas continua a ser felicidade, não é?

[descobertas]

O bebé do vizinho chora como se lhe doesse o mundo. Talvez doa, talvez descobrir tudo pela primeira vez possa magoar. A mim magoa, ainda magoa. Ontem descobri pela primeira vez que sempre que a porta se fecha contigo atrás me dói a tua ausência pela primeira vez. E já dói assim desde a primeira vez. Provavelmente amar é sentir sempre tudo pela primeira vez, juro que é a primeira vez, e espero que a última, que penso nisto.

Três cães no meio do lixo à chegada a casa, noite fechada, a rua sem gente,
mesmo que lá estivesse quem os abandonou a rua sem gente,
que pessoas são estas que não são pessoas nenhuma?,
três cães procuram a sobrevivência no interior de caixotes do lixo, os olhos,
vem buscar-me, vem salvar-me,
quem abandona um cão mata um cão,
que se faz quando nos tiram o que somos?,
abandonar é a morte maior, uma humanidade que nenhum humano tem,
vem buscar-me, vem salvar-me,
apetece desistir de acreditar em gente quando se chega a três cães abandonados à volta do lixo,
quando for pai vou ensinar a ser pessoa, nada mais,
um abraço, um beijo, perceber que a vida é salvar vidas, pouco mais,
ou mesmo nada mais,
vem buscar-me, vem salvar-me,
as nossas lágrimas à chegada à casa com os três cães no lixo à frente,
o estômago moído, a incapacidade de seguir em frente, como se não fosse nada,
o que dói mais do que haver pessoas que passam pela dor como se não fosse nada?,
abraço-te, quero-te esconder em mim e esconder-me em ti,
amar é esconder e proteger no mesmo abraço,
mudar o mundo é abdicar de deixar tudo na mesma, tão simples,
vem buscar-me, vem salvar-me,
um dos cães a procurar o fim da fome num pacote de leite, os dentes como facas em mim,
um dia vou ser capaz de ser imune ao que magoa, hoje não,
e espero que nunca, na verdade,
ser imune ao que magoa é morrer,
os nossos gatos em casa, a saudade, três dias longe deles e a vontade de os apertar para nos salvarmos, o olhar,
vem buscar-me, vem salvar-me,
há tanto para salvar com um simples olhar,
nunca se descobriu a cura para o amor, ainda bem,
nem para a falta dele, na verdade,

o meu filho há-de ser insuficiente, incapaz, carregado de falhas, de
medos, de ansiedades,
mas nunca amputado de amor, prometo,
a vida é aquilo que apesar de nos tirar tanta coisa nos dá cada vez
mais possibilidades de amar,
cada pessoa pode pelo menos salvar um milhão ou mais de pessoas, e
de vidas variadas,
contas por baixo, claro, para não elevar expectativas,
vem buscar-me, vem salvar-me,
um dos gatos pousado no colo, o outro a caminho, a paz sem igual de
uma casa com pessoas dentro,
quem ama uma vida não lhe conta as patas,
vem buscar-me, vem salvar-me,
e eu vou, garanto,
anda comigo,
vens?,
e traz um pouco de fé nisto tudo, sim?

Gostar: v. Mistura equilibrada de equilíbrio e inconsequência; só se gosta do que nos faz cair, ou então do que nos faz levantar — mas nunca se gosta do que não nos faz nada.

Tanta gente afundada no trânsito e ele passa a pedalar com uma perna só,
é a que tem,
anda de bicicleta ao pé-coxinho,
e ri-se,
eu continuo armado em importante no carro, o ar condicionado, a música, e armado em triste quando nada me falta,
que imbecil é o que passa a vida a tentar descobrir-lhe as faltas,
o frio lá fora e ele na bicicleta,
vou chamar-lhe Pessoa só para lhe dar um nome,
é proibido andar ali de bicicleta, muito menos ao pé-coxinho, mas ele lá anda,
proibido é parar, quando perdi uma perna aprendi a saltar, e se perder a que tenho juro que aprendo a voar,
os heróis são pessoas iguais às outras,
só com mais medos, talvez também com menos talento,
mas com muito mais coragem,
Pessoa na sua bicicleta, uma pedalada atrás da outra com uma de intervalo,
um dia experimento andar de bicicleta só a pedalar de um lado para ver como é ser Pessoa assim,
passa por nós, um sorriso malandro, compaixão, até,
quão grande se tem de ser para sentir compaixão por quem não nos entende?,
passa pela polícia e acena,
nem uma multa recebe, só um aceno de volta,
há pessoas que todas as pessoas reconhecem, e basta isso para serem perdoadas,
nenhuma pessoa merece castigo por falhar com falhas de pessoa, distrações, pulsões, arrebatamentos, pedaços incompletos, palavras a mais ou a menos,
nenhuma pessoa merece castigo por falhar com falhas de pessoa,
o trânsito continua caótico, eu continuo atrasado, a vida continua como estava antes de aquele homem com apenas uma perna passar a perna a toda a gente,
e na verdade sou outra pessoa,
Pessoa como ele, tão-só,
um dia vou dar aulas de felicidade, mas para já não,

e explica porquê,
para já não me faria feliz,
faz sentido, e é sentido,
um dia vou dar aulas de felicidade mas agora não que estou feliz
assim,
e está,
no interior do carro vou para o meio do teu abraço, agradeço-te
estares, agradeço-me estar,
estou cada vez mais atrasado, e feliz,
quem quiser que espere, eu vou lá chegar,
nem que seja ao pé-coxinho,
rio-me sozinho, ris-te comigo,
amar é rirmo-nos sozinhos e ainda assim acompanhados,
ao longe a bicicleta, mais pessoas a olhá-lo, boca aberta, a
incapacidade de perceber que muitas vezes o desprezo é uma forma de
inveja,
o meu por ele é,
e de agradecimento também,
obrigado, Pessoa,
o trânsito passou e acabei de passar por ele,
apetece-me buzinar-lhe, pedir-lhe que encoste, dar-lhe um abraço,
que o que nos apeteça nunca deixe de ser tentado,
eu tentei,
o abraço dele é a dois braços, em cima da bicicleta, num equilíbrio
impossível,
como a vida,
obrigado, Pessoa,
e ele agradece, segue em frente,
como se não fosse nada,
e não é, apesar de ser tudo,
no final das contas a vida é aquilo que se vive como se não fosse nada,
apesar de ser tudo.

[uma espécie de conto infantil]

Naquela casa, no décimo segundo andar de um belo edifício, bem junto ao porto onde vários navios chegavam e partiam, moravam dois belos gatos: Betirica, o mais velho, era ruivo, de pêlo sedoso e vaidoso sem igual; Tinoni, o caçula, era um tigre dos pequenos e tinha uma barriga em que toda a gente reparava: era uma bela de uma pança!

Todos os dias, à hora marcada, os donos de ambos, a quem eles ternamente chamavam escravos, colocavam-lhes a deliciosa comida nos seus pratos cor de prata. Cada um tinha o seu, e os dois adoravam aquela hora do dia em que, lado a lado, saboreavam o irresistível repasto.

Era uma alegria: devoravam em poucos minutos o que havia para devorar, e faziam questão, até, de trocar de pratos. Ora um comia atum, ora outro comia gambas. Eram, sem dúvida, gatos felizes!

Certo dia, Betirica, estranhamente, não quis comer. Os donos, claro, estranharam muito. O que estaria a acontecer com o belo e elegante gato?

Tinoni, ao lado, também observou o que estava a acontecer. Olhava para o seu amigo e parecia dizer-lhe que comesse. Mas ele não reagia. Alguma coisa estava a acontecer...

Preocupados, os donos e bondosos escravos resolveram levar Betirica ao hospital. Lá, a simpática doutora fez alguns exames e conversou bastante com o algo entristecido gato, que, apesar disso, foi bem afável e sedutor. Era, de facto, uma criatura maravilhosa.

Quando os resultados dos exames chegaram, a doutora (sempre sorridente) revelou o que estava a acontecer:

— Meus senhores...

Betirica, vejam lá que coisa peculiar, tinha um problema nos dentes, que o impedia de trincar a comida de que ele tanto gostava.

O mistério estava resolvido. Agora, era tempo de cuidar rapidamente daqueles dentes malvados.

Algumas horas depois, Betirica, após alguns tratamentos, estava como novo e prontinho a voltar ao seu reino. Estava — mesmo — cheio de fome!

Quando abriram a porta de casa, ficaram espantados com o que viram. Tinoni, que nunca tinha deixado uma migalha para trás, nem sequer tocara na sua tão desejada comida. Estaria ele também com problemas?

Em poucos segundos a resposta seria dada. Depois de se terem abraçado como gente, os dois belos felinos desataram a correr até ao prato ainda cheio da comida de Tinoni e não perderam tempo: partilharam aquele

banquete com toda a felicidade do mundo. Afinal, a verdade (quem diria?) era que um não podia comer sem o outro. Ou, melhor dizendo, um não podia viver sem o outro. E assim, dali em diante, passaram a ter apenas um prato, que ambos, sempre felizes, faziam questão de dividir com o amigo.

Até os gatos são gente, não é?

Habitação: s.f. Espaço que tem a dimensão do que sentes; sem-abrigo é só aquele que não ama.

Dá-me um abraço, foda-se,
ela pede com as palavras que sente, ao lado um homem de fato e gravata reprova aquilo com a cabeça, do outro lado uma mulher esboça um sorriso de paternalismo,
o paternalismo é uma maldade educada, uma maldade hipócrita, e por isso muito pior do que a maldade em si mesma,
dá-me um abraço, foda-se,
ele dá, aperta-a com força,
o amor usa palavras, e é só,
um dia alguém dirá que para amar temos de usar palavras bonitas, amo-te, és tão lindo,
coisas assim,
és o meu sol, casas comigo,
e tal,
mas para amar só temos de usar amor,
mesmo que usemos foda-se, e caralho, e puta que pariu,
não se ama por palavras,
só por amor,
dá-me um abraço, foda-se,
à porta do hospital,
talvez ela tenha uma doença grave, talvez seja só uma constipação, sabe-se lá,
à porta do hospital ela pede-lhe como se lhe ordenasse um abraço, pode haver algo melhor do que a pessoa que amamos nos pedir como se nos ordenasse um abraço, mas eu não conheço,
ele olha-a nos olhos, sorri, aperta-a com força nos ombros, nem uma palavra, o silêncio é obsceno quando se ama assim, não é?, e o que se vê naquilo é apenas um homem que ama uma mulher, uma mulher que ama um homem, pessoas como as outras,
separar as pessoas pelas palavras que dizem é tão idiota, não achas?, alguém que diz foda-se é menos do que alguém que diz uma palavra cara,
que pobreza,
somos criaturas de uma língua só, mas de vários sotaques,
o sotaque pior é o do vazio,
um sotaque amargo, indigesto, ruidoso,
o sotaque daqueles que ocupam o espaço do que não conseguem ocupar em si com o espaço que querem desocupar nos outros,

chamam-lhe inveja, não é?,
e infelicidade também, certo?,
junto à entrada do hospital, este homem e esta mulher abraçados
podem muito bem dizer as piores palavras do mundo mas amam-se como
poetas,
dá-me um
abraço, foda-
se,
e podiam muito bem ser as duas pessoas que mais se amam no
mundo,
podiam, podiam,
não fosse dar-se o caso de eu te amar como te amo,
e mais ainda de teres saído agora mesmo da consulta de onde
esperava que viesses,
e está tudo bem contigo,
tão bom, foda-se,
nada a assinalar, os exames impecáveis, as radiografias impecáveis,
estás livre dele,
dá-me um abraço, foda-se,
estás livre do bicho, livre da sombra,
tão bom,
fo
da
-
se.

[o que é tudo o que interessa?]

O amor. Sentir. E agir em função disso.

O amor é, no limite, o valor maior: aquele que a tudo preside. Se o respeitarmos, tudo terá de ser respeitado. Se amo não magoo. Se amo não sou desonesto. Se amo não vou contra valores éticos ou morais. Tudo o que faço é por amor: eis tudo.

O amor guia os outros valores todos. Tudo nasce de lá: do amor. Entendes?

[como se reage ao que magoa?]

Falhar e perder doem muito. E exigem uma resposta que nem sempre consigo, no imediato, dar. Mas o caminho é, depois, dividido em dois:

1.º Tento não me levar muito a sério; penso que é apenas uma falha, uma derrota, e que tudo está ainda pela frente.

2.º Procuo, assim que possível, estruturar uma saída, uma solução, uma ultrapassagem dos problemas que a falha provocou.

No fundo: assimilar, primeiro, o que acabou de acontecer, recebendo os murros que há para receber e as consequências que daí advêm; e, depois, criar uma resposta a essas consequências: construir de novo, se necessário.

O fundamental é sempre construir. E é necessário, muitas vezes, para criar um império, destruir as ruínas de outro.

[quanto vale a criatividade?]

Sou movido a criatividade: sempre fui. Se algo exigia inventar contavam comigo e tentava partir a loiça toda. Arriscava, era ousado. Aprendi na escola a pensar: penso que é essa a grande aprendizagem que devemos tirar do percurso académico: a importância de pensar.

Pensar é um exercício extraordinário. Todos o deviam praticar.

[quando devemos mudar?]

Quando não estamos apaixonados pelo que fazemos, temos de mudar. É esse, aliás, o único motivo para mudarmos seja do que for: não estar

apaixonado exige mudança. Sempre.

[de onde vem e de onde não vem a vida?]

De cada pessoa que amo ou admiro retiro lições. E todos os dias. E negativas e positivas. Tento extrair do que vivo aquilo que posso ser: aquilo que posso vir a ser. Sem preconceitos.

O preconceito é um dos maiores incendiários do mundo — senão mesmo o maior. Alguém que age e pensa sustentado no que não sabe o que é, mas que recusa saber efectivamente o que é, é alguém desonesto. E perigoso.

As minhas referências são sempre aqueles que pensam pela sua cabeça. Que seguem em frente por mais que, por vezes, pareça complicado, doloroso. São esses os que me interessam. Serás um deles?

Uma criança brinca com uma batata,
é uma nave especial, tem superpoderes, sabes?, daqui a nada levanta
voo e vai descobrir o Planeta do Amor,
e há tanto filho da puta no mundo,
ao lado um avô chora,
é tão bonito o meu neto, não é?, quando era pequeno queria ter uma
criança feliz em mim,
e agora tenho-a,
e há tanto filho da puta no mundo,
um casal que se apaixonou ontem ama como se não houvesse
amanhã,
amo-te tanto,
amo-te tanto,
queres ser minha para sempre e depois também?,
quero, e espero que esse depois demore muito, prometes?,
amo-te,
eu é que te amo,
não, eu é que te amo,
eu é que amo,
eu,
eu,
um abraço que não acaba,
um abraço com o corpo todo erguido para o ver passar, para o sentir
passar,
e há tanto filho da puta no mundo,
inventou-se a cura para tantas doenças que matam,
menos para o ódio,
e a inveja,
a inveja é a parte hipócrita da maldade, uma maldade falsa,
e talvez a mais verdadeira das maldades todas,
quem consegue amar é genial, e quem consegue ser amado por quem
ama é um milagre,
e sou tão feliz quando vejo pessoas assim,
como pode haver quem não fique?,
amo quem ama,
como não amar?,
amo quem é amado por quem ama,
como não amar?,

só não amo quem desama, quem inveja o amor dos outros,
só tenho inveja de mim quando estou feliz,
e depois só isso chega para me fazer feliz outra vez,
os infelizes são maus,
e por isso infelizes,
ou são maus,
e por isso infelizes,
a infelicidade é uma forma de vitimização, por mais infelicidade que a
vida nos traga, e traz tanta, a miserável,
mas existe a criança com a batata na mão,
é uma nave especial, tem superpoderes, sabes?, daqui a nada levanta
voo e vai descobrir o Planeta do Amor,
e o avô que chora,
é tão bonito o meu neto, não é?, quando era pequeno queria ter uma
criança feliz em mim, e agora tenho-a,
e o casal que se apaixonou ontem,
amo-te tanto,
amo-te tanto,
queres ser minha para sempre e depois também?,
quero, e espero que esse depois demore,
amo-te,
eu é que te amo,
não, eu é que te amo,
eu é que amo,
eu,
eu,
e há tanto filho da puta no mundo.

Hábito: s.m. Método infalível de aferição do que sentes: nada do que é pequeno resiste à rotina. O hábito faz o monge, mas faz ainda mais o amor.

Prometo amar,
a mãe com o bebé no colo no meio da sala desarrumada,
o amor desarruma,
e é ele que coloca tudo no sítio, ainda assim,
só ele, na verdade,
uma casa sempre arrumada é uma casa morta,
a vida desarruma,
a mãe promete, e cumpre,
prometo amar,
o bebé sorri primeiro,
quantas vidas vale o sorriso de uma vida a começar?,
a morte custa porque nos mata o sorriso, antes de mais nada,
de repente chega a fome e o bebé chora,
a fome faz chorar, a falta faz chorar,
mas o amor aguenta, o amor suporta,
se há algo que o amor faz é aguentar, suportar,
e nem custa nada,
quando se ama, o que se suporta é também o que se ama, o que se
aguenta é também o que se ama,
ama-se para que a vida continue,
prometo amar,
a mãe ao ouvido do bebé,
já sabe que há fome e já sabe como a resolver,
as mães sabem quase sempre como se resolve a dor de um filho,
e quando não sabem inventam e assim acabam mesmo por saber,
já despiu uma parte da parte de cima da sua roupa e vai começar a
tapar a fome do bebé com aquilo que lhe tapa a fome,
há alturas na nossa vida em que a única coisa que nos tapa a fome é
alguém ter a coragem de vir de pele e alma até nós,
prometo amar,
continua a mãe,
o bebé já não chora, a fome está a desaparecer enquanto a sua boca
procura a pele da mãe que lhe dá de comer,
somos viciados na pele de quem amamos, nem que seja só de a ver,
somos viciados na pele de quem amamos,
e há lá vício mais saudável do que esse?,
prometo amar,
nem que doa, e às vezes dói tanto, nem que custe, e às vezes custa

tanto, nem que amar nos tire do sério,
que assim seja, por favor, há lá algum interesse no que não nos tira de
nós e nos leva para o meio de nós?,
mas o que custa mais é não amar,
acabar é parar de amar,
só isso,
nunca ninguém sofre por amor, só por falta dele,
a mãe promete amar, e ama,
o bebé quase satisfeito no peito dela,
haja um colo para nos salvar e nunca precisaremos de qualquer tipo de
salvação,
do nada ouve-se um barulho que não se explica, um estrondo que não
se explica,
um raio cai naquela casa onde o amor tinha caído para sempre,
um raio que atinge a mulher, a mãe,
e o filho continua a matar a fome,
sem saber que algo já lhe havia matado a mãe,
e as horas passam,
um bebé agarrado ao peito da mãe morta,
prometo amar,
e salvar,
um bebé vivo pela protecção da mãe,
horas depois a polícia, o fim de tudo,
o bebé a chorar porque já não tem a mãe,
porque a mama da mãe está morta,
a mãe inteira está morta,
mas o filho vive,
vai viver,
porque a mãe o salvou,
todas as mães servem para salvar os filhos,
todos os amores servem para salvar pessoas,
e um dia um filho vai escrever à mãe,
obrigado, mãe,
e um dia um filho vai querer dizer ao mundo que foi salvo pela mãe,
que nem um raio conseguiu seguir perante o amor de uma mãe,
para que raios serve o amor se não for para nos salvar também de
todos os raios que nos querem atingir?,
prometo amar,
disse a mãe antes de morrer com o filho no peito, antes de salvar com
o peito a vida do filho,
prometo amar,
vai um dia dizer o filho,
é hoje o dia, minha mãe,

prometo amar,
porque nunca se sofre por amor, só por falta dele,
e eu sinto-te a falta, mãe,
prometo amar.

Hábito: s.m. Aquilo que és: somos todos o hábito uns dos outros — o que não quer dizer que tenhamos de ser todos o tédio uns dos outros. Pensa nisso.

Sabe-se quando é ou não é amor apenas no instante em que acontece o que pode separar.

Se o que pode separar separa mesmo: é tudo menos amor. Se o que pode separar junta ainda mais: então é amor.

E o que nos une é amor, mãe. Como se eu e tu não o soubéssemos. Mais tu, claro, que ainda eu não sabia quem tu eras e já te fazia tanta coisa que te podia separar de mim. Uma mãe resiste a tudo menos ao seu filho. Mais ainda: uma mãe resiste a tudo pelo seu filho.

Sabe-se quando é ou não amor apenas no instante em que é preciso resistir a tudo pelo que pode ser amor.

E nós resistimos. Mais tu, repito, que me viste fazer asneiras, milhares delas, dizer asneiras, milhares delas, tentar asneiras, milhares delas, magoar-me (e magoar-te) com asneiras, milhares delas. E a dor, a cabra da dor. A perda. O avô que foi com a doença maldita, a avó que foi com as saudades mais horríveis e mais belas que alguém pode ter, o acidente estúpido (nunca mais toquei numa pinga de álcool como te prometi nesse dia) do tio. Como dói a vida quando vai passando. E a vida tem de passar e nós no meio dela. É quem amamos que nos agarra à vida: que nos agarra a vida. O amor existe para nos agarrar a vida, pouco mais. Porque na verdade pouco mais há na vida do que isso. E tu. Tu continuas aqui, mesmo agora, enquanto escrevo estas palavras que nem imaginas que são para ti, com esse sorriso só teu (és tão bonita, tu sabes), a olhar-me como se tudo o que tivesses sentido por mim fosse esse orgulho que não pára, esse sorriso que não passa. Sou pequeno demais para o teu amor, mãe.

Sabe-se quando é ou não amor apenas no instante em que é preciso definir o tamanho do que se sente.

Se precisas de muitas e muitas palavras para definir o que sentes: então não é amor. Se nem precisas de palavras: então é amor. Nós olhamo-nos e dizemo-nos. Por acaso há, por vezes, palavras. Mas somente porque necessitamos delas para outras coisas, como para comunicar tudo o resto que não seja amor. Ou então para escrever uma carta como esta que te

escrevo agora. Eu sei que não tinha de a escrever, mas, que diabo, também tenho de te dar alguma coisa na vida, não é?

Sabe-se quando é ou não amor apenas no instante em que pensamos verdadeiramente no que já demos e no que já recebemos de alguém.

E só quando o que demos é exactamente o mesmo que recebemos (porque, por sorte — ou por amor, melhor dizendo —, dar algo a quem amamos é uma forma de nos darmos algo a nós) é que é amor. E é por isso que quando me perguntavam, há muitos anos, o que eu queria ser quando fosse grande eu respondia, com toda a simplicidade de um menino como outro qualquer: «filho da minha mãe». Não me tenho dado mal, pois não, mãe?

«Sou ecologista de pessoas»,

dizia ele, semblante despreocupado, como se estivesse a proferir a mais banal frase do mundo. «Separo-as com cuidado, escolho quem vai para onde e quem simplesmente merece o lixo», prosseguia, a sala inteira a ouvi-lo falar, algumas tosses comprometidas (o humano tem a faculdade de tossir para tapar o silêncio: os silêncios que ferem ou que incomodam), ao fundo alguém que queria contrariá-lo mas que na verdade nada tinha para argumentar. Mais valia estar calado, então. Assim foi.

«Só o que merece ser reciclado merece o meu tempo, que nenhum planeta precisa de pessoas tóxicas, ora essa», agora talvez tenha saído um sorriso, ou talvez não, talvez tenha sido apenas um ligeiro trejeito, certo é que ele continuava e a sala continuava ali para o ouvir, por mais surpreendente que fosse — ou sobretudo por isso, por ser surpreendente, há tanta falta de coisas e palavras surpreendentes neste mundo, não há?

«Por vezes engano-me, percebo que deitei fora o que devia ter guardado, e é então que trabalho que nem um louco para o tentar recuperar, percorro todos os lugares onde poderia estar o que despejei, sujo-me se necessário, rastejo se necessário, pedincho, ajoelho, peço por tudo para poder encontrar o que tanto quero de volta. É claro que houve ocasiões em que não consegui, mas também faz parte do mundo haver o que se perdeu sem que se possa recuperar, temos de o aceitar por mais que custe, e custa, oh se custa»,

uma mulher a meio da sala levanta-se, coloca o dedo no ar, ele olha-a, aperta as veias do pescoço com força, acende um cigarro com as mãos trémulas, nada diz, olha-a e espera (a vida é tantas vezes olhar e esperar, olhar e esperar, olhar e esperar). «E também poupa energia? Também só se dedica a pessoas quando sabe que a energia que vai gastar será bem gasta?», a pergunta é directa, as palavras secas, o olhar cerrado. Ele hesita, olha-a, depois olha o chão, depois olha a audiência, até que uma palavra sai, só uma (a vida traz-nos momentos em que uma palavra basta, em que até nenhuma palavra basta, em que tudo o que interessa não tem tradução para o alfabeto, quem inventou o alfabeto sabia disso, só podia saber disso, que o alfabeto é incompleto para tantas coisas que a vida nos traz, e não há mal nenhum, é para isso que servem os gestos, os toques; no limite: é para isso que servem as pessoas): «Filha»,

a mulher sentou-se, limpou uma lágrima; ele prosseguiu com a sua

teorização sobre a necessidade de poupar o planeta de más pessoas, e a vida continuou, a vida continuou, e a maior sacanagem da vida é continuar mesmo quando um pai e uma filha não se falam, ou quando uma mulher e um marido não se falam, ou quando quem quer que seja que se queira e se goste não se fale; a vida, nesses momentos, devia parar, parar de imediato, time-out, chamar os dois contendores a um canto, dizer-lhes que estão a ser palermas, estúpidos, idiotas, dizer-lhes que têm de falar, que têm de se entender, que têm de se gostar por palavras e actos, e só então a vida continuaria,

mas não, não é assim, a vida, essa cabra, continua mesmo quando nos falta tanto para que a vida realmente continue.

Hamar: v. Modo correcto de «amar»; qualquer idiota consegue escrever correctamente; mas são poucos os génios que conseguem amar correctamente.

(o diário de um humano)

Segunda.

A vida exige cordas puxadas e cordas por puxar. É isso, não mais, o que distingue os humanos: a faculdade de escolher as cordas que puxa e que deixa por puxar. Hoje apetece-me deixar que a vida escolha. Passar o tempo a olhar para o que não acontece. É nesses momentos que a tua imagem, nítida, surge para equilibrar a existência. És a certeza. A única certeza que tenho. E nenhuma dúvida me magoa quando a enfrento contigo.

Quarta.

Quando me deito as pessoas são diferentes, deixa de haver ódio, o mundo é justo. Será esse o motivo do sono, por mais que os especialistas discordem. Dorme-se para que o mundo se suporte, pouco mais. Até as guerras, quase sempre, descansam algumas horas. Um time-out que só os humanos percebem. Vive-se sempre até à morte, mas com sonos pelo meio. É neles que algo superior acontece, um reequilibrar do que magoa, uma espécie de mundo dos vivos em pousio. Até um assassino dorme como um bebé. Somos todos iguais até acordarmos.

Quinta.

Gosto de passar os dedos pela ferida, levemente, gastar as tentativas. Ninguém se cura sozinho, por mais que ninguém esteja ao seu lado. É a esperança, sorrateira, que aparece para salvar o que dói. Nenhuma pessoa é isenta de amor: eis o que ainda sustenta o mundo. Por todo o lado há pessoas magoadas e por todo o lado há pessoas felizes. As circunstâncias são interiores, meros ângulos, pueris perspectivas, altamente sobrevalorizadas pela necessidade de explicações para uma insuficiência momentânea. Não há momentos infelizes; há, no limite, pessoas que encontram infelicidade em alguns momentos. Somos cobaias do que ainda não aconteceu. Não tenho qualquer problema com isso, devo confessar.

Sábado.

Fica pouco do que nunca amámos. No máximo uma sensação de tentativa sem nexos, uma lembrança vã. As pessoas são feitas do que amam, só isso.

Domingo.

A alegria passa, que canalhice. Os dias de sol são enganar, simples ilusões. De repente as pessoas deixam-se levar pela luz e acreditam que conseguem mudar o mundo. Depois algumas, sem saberem que já é noite, mudam-no mesmo.

(ama-se antes de se crescer, nada mais)

Estar apaixonado é para meninos. Amar é para homens.

Qualquer um consegue apaixonar-se. É fácil, é barato, sente-se milhões.

Amar é outra coisa. Exige trabalho, dedicação: competência, digamos.

A paixão vai e vem; o amor vai e vem mas nunca deixa de ficar. É aquilo que te equilibra por mais que seja aquilo que te desequilibra. É aquilo que te dá a perdição por mais que sem ele estejas perdido.

Qualquer burro se apaixona mas só os génios amam. Amar, apesar de ser cem por cento emoção, é um processo racional: uma espécie de razão com sonho incluído. Como se o sonho fosse parte integrante daquilo a que não tem acesso.

Os apaixonados sonham e quando deixam de sonhar caem na realidade; os amorados — chamemos-lhes, à falta de melhor denominação (os humanos são tão idiotas que inventam nomes para o trágico e não para o mágico), assim — sonham e quando deixam de sonhar percebem que afinal nunca estiveram a sonhar (ou, melhor ainda, percebem que nunca deixaram de sonhar).

Amar é um trabalho a tempo inteiro. Uma trabalhadeira sem igual: há que compreender, há que assimilar, há que abraçar, há que beijar, há que procurar o que tantas vezes não se encontra, há que encontrar o que tantas vezes não se queria encontrar e que por isso nunca se procurou, há que chorar por vezes, que rir por vezes, que fugir por vezes, que defender por vezes, que atacar por vezes, que enciumar por vezes, que sentir ciúmes por vezes, que tentar por vezes, que conseguir por vezes. Ufa. Amar é noventa e nove por cento de trabalho e um por cento de prazer — e no final das contas, quando se ama, percebe-se que mesmo esses noventa e nove por cento de trabalho foram afinal prazer, que maravilha.

O amor exige maturidade — o que, consequentemente, exige que só

possa ser vivido por crianças. Um adulto tende a estragar, com a sua infantilidade permanente, a sua capacidade de amar. Quase sempre faz misturas venenosas, peçonhentas. Coloca-lhe o medo, adiciona-lhe o preconceito, dá-lhe com uma pitada de passado, e quando dá por si já existe uma fronteira negra entre o amor e o que ele — o desgraçado do adulto — é capaz de amar.

Ama-se antes de se crescer, nada mais. Ama-se quando se cresce para o lado certo.

A tentação maior é a da queda: é simples deixar cair, ceder, acreditar que não é possível. É então que chega o trabalho, a capacidade de trabalho sem igual das crianças: quantas vezes se viu uma criança a tentar tocar o céu? Ela acredita — e se não houver um adulto por perto acaba mesmo por tocar-lhe, tenho a certeza — que pode tocar-lhe, porque ele está ali, porque ele só pode estar ali e ela tem de chegar até ele. Todas as crianças desistem apenas quando conseguiram aquilo de que desistiram. Acontece o mesmo com os amadores. Mas sem a parte da desistência, claro.

Reformulo: amar é para meninos. Mas só um homem de verdade consegue amar.

Jaula: s.f. Espaço reservado aos desamados; só quem nunca amou pode acreditar que o amor serve para prender; um amor que prende não é amor nenhum, mas um amor que larga também não é amor nenhum.

As mulheres são criaturas que ensinam a voar, será isso.

Nada do que nos tira da Terra escapa à mulher. Quando a procuro é a mim, mais longe, que encontro. Há nela as férias grandes da minha infância, a tolice necessária das madrugadas de insónia, a mesa cheia e o desespero do abismo.

Há em todas as mulheres a luz e a sombra, e ambas me descobrem os fantasmas.

Quem ama uma mulher sabe que nunca mais será o mesmo, e ainda bem. Não há, em nenhuma mulher, algo de semelhante a outra — será essa, a ausência de semelhanças, a única semelhança entre as mulheres. Viver por uma mulher é a melhor forma de vida, diria que a única, e digo mesmo.

Somos fascinados por um enigma que nos apaixone, e assim acabei de definir outra vez a mulher.

Há algo de intransponível no que encontramos numa mulher, como se fosse imune à profundidade, viciada na complexidade. Sou simples demais para saber em pleno a mulher que amo, e é também por isso que a amo.

O segredo das mulheres é meter medo, e amo tanto o que temo assim.

Temo a maneira como se servem dos gestos, há algum momento em que uma mulher tenha explicação?, espero bem que não. Porque ser mulher nasce com ela e mesmo assim se vai aprendendo. Como um génio que assim nasce mas que assim se torna, que loucura explosiva.

Escrevo sobretudo para eternizar a mulher, para a amar melhor.

Existe a poesia porque antes existiu a mulher, parece-me óbvio. A consciência é feita do impacto da decência com a dor, e é ela quem está dos dois lados.

Amo a minha mulher em forma de vénia, e sou o seu rei.

O amor resiste a tudo menos à ausência de humildade, ao conflito sem espessura. O perigo é a natureza, pouco mais, a tentação para a compreensão — quero lá saber de perceber de onde vem o que me deixa feliz, quero é perceber como não o perco.

É a mulher a borboleta dos homens, o lado mais belo da fragilidade.

Sem ela há mundo mas não há amplitude, a realidade fica estreita, subterrânea, amputada de quem faça a intermediação entre o intangível e o cru. Nunca se ama com juízo, eis a afirmação mais ajuizada que poderei fazer.

A mulher que eu amo ensina-me a sentir, e ironicamente a pensar.

Sou um fraco, incapaz de lhe fugir ao diabo no toque, ao sacrifício invencível do prazer, até à honestidade tranquila do seu desassossego em mim.

Não há inteligência sem amor nem sem mulher, desculpem-me se me repito.

1.

— Somos viciados no incompreensível, compreendes?

O meu pai diz coisas assim, que parece que saem do sítio de onde nasce quem sabe tudo, de um lugar desconhecido, de uma região misteriosa, na qual só habitam os pais-craques: ninguém me tira da cabeça que existe a Ilha dos Pais, onde vivem os melhores papás do mundo, e onde o meu é o grande rei, claro. E realmente é assim, meu pai: somos viciados naquilo que não tem explicação, naquilo que nos obriga a acreditar na existência da magia, e o que andamos nós aqui a fazer se não houver magia, e mais ainda se não houver pais para nos ensinarem a magia?

2.

— Quando cresceres aprende a ser a melhor criança que consegues ser.

Assim foi, assim é. Passo pelo tempo à procura de brincar, pouco mais. Pelo meio pago as contas, tenho um emprego, respeito os meus semelhantes e até aqueles que por vezes pouco parecem ter de parecido comigo. Somos muito mais aquilo que nos separa do que aquilo que nos une, eu sei. Qualquer um ama o que é parecido, o que é confortável, o que é previsível. Amar é quando foge das mãos, e ainda assim nos prende à Terra.

3.

— Quando eu acabar deixa que eu continue, sim?

Nenhum pai amado termina. Um pai é a continuação do seu filho, mais do que o contrário. Eu aqui estou, velhote, a levar-te comigo ao estádio (continuamos a lutar pelo título mas os árbitros continuam os ladrões de sempre), a rir-me do que sei que tu ririas (ontem vi o vídeo de um cão que se faz de morto só para ter atenção do dono, vê lá tu), a criticar o que sei que tu criticarias (o salário mínimo ainda é a merda de sempre, nos Estados Unidos foi eleito um homem que tem tão pouco de humano). Talvez não seja saudável isto que faço, mas faz-me bem.

4.

— Nunca confundas a vida com aquilo que te acontece.

Disseste-mo quando tive a minha primeira negativa, as lágrimas de vergonha, o teu olhar infeliz mas apaixonado (ama-se apenas quando por mais infeliz que se esteja se continua sempre apaixonado), e eu ainda hoje me lembrei disso quando há bocado tocaram à campainha e eu fui abrir e eras tu e eu te abracei (há quanto tempo não nos víamos? Três anos? Maldita seja a necessidade de emigrar, que sentido faz isto quando temos de perder vida para ganhar a vida?). Perdoa-me mas quando te vi confundi mesmo a vida com o que me estava a acontecer, porque se a vida não é exactamente o momento em que o pai que não vemos há três anos nos bate à porta e o abraçamos então a vida que se vá encher de moscas, não leves a mal, ‘tá?

5.

— Na vida há três coisas essenciais: amar, ser amado e outra coisa de que entretanto já me esqueci.

E eu nunca me esqueci, prometo.

Jaula: s.f. Monumento à burrice; se nem um, e nenhum, animal é feliz enjaulado, como pode um amor sê-lo?

«Sou a pessoa mais feliz do mundo: penso pela minha cabeça.»

Era conhecido, entre os amigos, como «o maluco».

— És louco, foda-se.

— Obrigado.

Agradecia qualquer palavra, boa ou má; sentia-se um privilegiado por poder receber, nem que por apenas uns segundos, a atenção do outro.

«Somos viciados em desimportâncias: em merdas que não têm interesse nenhum.»

Ele inventava palavras como inventava motivos para rir, e para fazer rir. Considerava-se o contador de anedotas mais brilhante do mundo, o cocigador (era outra palavra inventada por ele, e que basicamente significa alguém que faz cócegas aos outros) mais eficaz do mundo, o caído (alguém que cai, claro) mais hilariante de todo o planeta.

«O grande motivo da vida é rir, e amar, se bem que amar mais não seja do que um sorriso que não passa, não é?»

O dele não passava, nunca passava; estava apaixonado por tudo, sempre com fome de arrancar e de ser arrancado, de arrebatado e de ser arrebatado, de envolver e de ser envolvido, de criar e de ser criado.

«Malcriado é quem não cria nada, não é?»

Provavelmente é, provavelmente é. Como também é provável que hoje seja apenas mais um dia na sua vida apesar de ser um dia especial, que dificuldade tem entender isto? Hoje já fez rir o melhor amigo trinta e sete vezes, e ainda são nove e cinquenta e sete da manhã; além disso, já imaginou mais três possibilidades de anedotas que vão fazer rir, logo à noite, a malta toda, daquelas que metem futebol e miúdas, essas resultam sempre, não é? Mas o mais importante é o que vai acontecer às dez, daqui a três minutinhos o mundo muda, espera por esse momento há uma semana, preparou cada palavra, cada movimento, nada vai falhar e se falhar não é falha nenhuma, é apenas uma das formas de o momento do acerto saber melhor.

«Somos viciados em acertar tudo, quando, se pensarmos bem, o que se tornou inesquecível foi o que, por algum motivo, correu mal e nos levou para um acertar diferente: um acertar melhor, não é?»

E lá vai o maluco, os outros olham-no com um misto de admiração e de inveja (invejação, como ele diria se tivesse a possibilidade de estar aqui a escrever este texto), a caminho de um instante de felicidade.

«A felicidade é sempre imprevisível mas nunca aparece, garanto, quando não nos abrimos para ela.»

As paredes até à felicidade, neste caso, são cinzentas, mas há uma luz estranha quando ele passa por elas. Já falhou tanto, já magoou tanto, já feriu tanto; e apesar disso também já corrigiu tanto, já sarou tanto, já se endireitou tanto. Está a milhas de ser o homem mais perfeito do mundo, a anos-luz de ser o homem mais sortudo do planeta. A vida encheu-lhe, amiúde, a cara de cuspo, atirou-lhe terra grossa para os olhos com regularidade. Nada disso, no entanto, se lhe encontra no olhar.

«Ama-se com os olhos, antes de mais nada.»

É com eles que, agora, percorre a sua mulher, lágrima a lágrima («quem não chora não ama, é assim que a frase faz sentido e não como habitualmente é dita»). Não precisa de dizer muito, só um «obrigado» tímido e um «amo-te» que lhe tiram, em segundos, seguramente, três ou quatro anos de cima. Os três ou quatro anos de pena que, se continuar a portar-se exemplarmente como até agora, lhe falta cumprir por aqui.

(o diário de um luxo: a vida)

|sexta-feira|

A felicidade é ter tudo. O luxo é ter tudo e mais alguma coisa.

Os grandes Homens são aqueles que superam duas situações igualmente traumáticas: ter coisas a menos; ter coisas a mais. Se, por um lado, é um acto heróico ir à procura do que nos falta, por outro lado não é menos heróico despejar de nós o que nos sobra. É tão corajoso o que trepa uma montanha para conseguir o que quer como aquele que trepa uma montanha para se livrar do que não quer.

Todos queremos aquilo de que precisamos; mas nem todos precisamos daquilo que queremos. O mais feliz não é o que tem mais daquilo que quer; o mais feliz é aquele a quem falta menos daquilo que precisa.

Agora vai: faz as tuas contas.

|sábado|

É este, no limite, o destino final de cada viagem: estar a caminho de qualquer coisa. Ou estás a caminho de algo ou estás morto.

|domingo|

É bom, no interior do desassossego, sentir que o mundo permanece, intocável. Existe a arte para interromper a realidade, e também para lhe dar algum sentido, obviamente. A felicidade é cem por cento de arte + cem por cento de amor, numa soma que inacreditavelmente é igual a tudo. Obrigado.

|segunda-feira|

Tenho medo de sentir. Todos têm medo de sentir. Como se sentir doesse. A dor é a certeza de que sou, de que assumidamente sou. O vento bate na janela, sem pensar. A vida também pode ser isso, por vezes: bater na janela, sem pensar. São tantos os que criticam o vento e tão poucos os que o conseguem ser.

Dói-me o que já fui.

A idade chega e não avisa, e vem pelo corpo, claro, vem sempre pelo corpo.

Sou uma ex-mulher, é assim que me sinto.

Passaram os dias no meio da pele, no meio de mim.

Tenho uma lágrima que não pára no interior do peito.

Dói-me o que o corpo não me deixa ser: a partir de que momento deixamos de ser vida e passamos a ser fim? Como se suporta a sensação de que fiquei para trás?

Tenho de me adaptar ao insuportável.

Tenho de redefinir o que me define. Crescemos a ver a mulher como a que tudo suporta, a que tudo transporta. Os filhos, o trabalho, uma carreira, a casa. E agora apetece-me cair. Há constantemente uma desistência fácil para quem não tenta.

Sou, mais do que nunca, o que nunca fui.

Nunca me senti assim, mesmo que nem sequer saiba como me sinto. Sou um oposto de mim, um antimim. Ser mulher é saber continuar: preferir continuar.

Sou o que posso ser.

Somos sempre o que podemos ser.

Sobreviver é valorizar o que ainda podemos ser. E há tanto que se perde quando só olhamos para o que perdemos.

Acordo cansada, mas viva. Sempre viva. Sempre a caminho. O segredo da vida é estar sempre a caminho de qualquer coisa.

Só não perde aquele que, mesmo depois de perder (e mesmo depois de vencer), continua apaixonado pelo que ainda pode ganhar.

Por pouco ambicioso que seja, basta-me o suficiente para ser suficiente — desde que o aproveite de uma forma extraordinária. Incrível, não é?

Jejum: s.m. Carência do mais primário que temos na vida; à privação do que nos faz sobreviver chama-se fome; à privação do que nos faz viver chama-se solidão.

(silêncio, que se vai sentir)

1.

Sou um absurdo coerente, na melhor das hipóteses — a vida, coitada, também o poderá ser, nos seus melhores dias.

O pensamento serve para organizar e para desorganizar, dependendo do que lhe mostramos.

Somos observadores parciais não porque vemos tendenciosamente mas apenas porque vemos em parte, é em parte por isso que conseguimos subsistir.

2.

A luz só ilumina se for ténue; a luz total, todos o sabemos, cega. Procurar a plenitude é preferir ver tudo da parte que, dentro do que nos é permitido ver, nos é possível sentir. Os sentidos, ironicamente, servem para travar o que sentimos, para nos fazer esquecer o que não tem sentido.

No momento do orgasmo somos todos optimistas.

2.

Há quem sonhe com o que pode viver; há quem sonhe com o que não pode viver; e há, claro, quem sonhe para viver. Houve, um dia, um homem que, reza a lenda, alcançou todos os seus sonhos.

Foi pena ter acordado logo a seguir.

3.

Somos acima de tudo aquilo que criamos. O homem não criou o céu mas criou os muros, entendes onde quero chegar?

Mas, mais ainda do que aquilo que criamos, somos aquilo que fazemos com aquilo que criamos. O homem criou os muros, é certo — mas há quem os use para se esconder atrás deles e há quem os suba para ver mais longe, entendes onde quero chegar?

A culpa nunca é do criador; é do usuário — usa isto como bem entenderes.

«Mente-se para combater a indiferença, para que uma espécie de barulho de nós se faça ouvir no outro. Mente-se por uma forma de desespero, mas nada do que não queremos desesperadamente merece um segundo gasto», disse-lhe ele, a voz fechada pelo medo do que aí vem.

Todas as vozes são o que não conseguem dizer: em todas as vozes há mais o que não tiveste coragem de dizer do que aquilo que realmente dizes. Só fica na voz o que sobra do confronto entre a coragem e o medo, entre o que não pode ser e o que tem de ser. O amor é também isso: o que sobra do embate, tantas vezes violento, entre o que não pode ser e o que tem de ser.

«Há na mentira um lado humanitário, uma espécie de piedade cobarde», acrescentou ela, os braços já ao redor do pescoço dele, a cabeça pousada no centro do peito, à espera de um conforto temporário — como todos os confortos são temporários, e ainda bem.

O conforto é a tentação preguiçosa, a tentação perigosa: só devíamos temer o que nos faz parar, nunca o que nos faz mexer.

«A infelicidade é olhar para o que não temos, só isso», foi o que lhe apeteceu dizer, ela ouviu porque ele disse-o mesmo, continuam parados no meio um do outro, fazer amor é isto, o resto é prazer.

«O infeliz é aquela criatura que olha apenas para o que não tem; e pode ter tanto, pode ter tudo, mas se olhar para o tanto que inevitavelmente não tem vai ter sempre tão pouco para lhe saciar o que quer. O feliz é aquele que olha sobretudo para o que tem, e nem assim deixa de querer mais do que aquilo que tem. Há, entre o feliz e o infeliz, uma diferença fundamental: a capacidade de mentir com qualidade a si mesmo. Sem mentira de qualidade não há felicidade de qualidade, verdade seja dita. Precisamos de mentiras que nos sustentem, que nos agarrem, e é apenas assim que criamos, dia a dia, na sapa, na brega, a nossa verdade. Há mentiras que não são pecado, só amor.»

A resposta dela deixou um estranho silêncio no ar, um silêncio que seria doloroso se estivéssemos perante duas pessoas que olhassem para o que não têm; felizmente não é esse o caso, e este silêncio serviu apenas para eles se amarem melhor — e ironicamente de forma mais ruidosa. Bem ruidosa, por sinal. Estaríamos a mentir se não disséssemos que estamos com uma pitada — um pedaço bem grande, na realidade — de inveja.

Deixemo-los em paz.

[futuros]

O que vai ser de mim?,
a mulher, sentada junto à entrada do seu emprego das nove às cinco,
as pessoas que passam não ligam,
há tanta gente que passa pela dor e não liga, que gente é esta?,
Há um futuro pela frente e não me encontro nele,
o futuro existe, existe sempre, um dia, depois outro, uma certeza,
depois outra, uma dúvida, um anseio, uma angústia, uma paixão, um amor,
o que nos move é sempre o amor,
e o que nos petrifica também,
a mulher sentada diante do seu emprego das nove às cinco, há
provavelmente uma lágrima que não se vê mas que está lá, há
provavelmente uma impotência,
o que nos magoa mais é quase sempre o que não conseguimos fazer,
e que nem assim conseguimos esquecer,
O que vai ser de mim?,
não responde, nem ela, ninguém responde ao que vai ser de si, ao que
vai ser de nós,
Precisa de algo, minha senhora?,
um homem mais velho, tantas rugas, tantas histórias como esta, em
que também ele ficou sem saber o que seria de si, ou dos seus, terá filhos,
com certeza, netos, quem sabe?,
Não, obrigada, obrigada,
mentimos para nos preservarmos e é a mentira que nos mata vezes
demais,
a mulher mente, quer sofrer sozinha, pensar sozinha,
a chuva cai mais forte, a chuva lava mais fundo,
a mulher a vê-la cair, a senti-la cair, as pessoas continuam, o senhor
mais velho já foi, abanou a cabeça e foi,
Coitada, sente demais,
a mulher no meio da chuva, no meio de si,
o que pode ferir mais do que estar no meio de nós?,
O que tens, mãe?,
uma criança, uma adolescente, mochila às costas, a vida toda às
costas, os olhos com o futuro dentro,
O que vai ser de mim?,
pergunta-se a mulher,

Tenho tudo,
responde-se a mãe,
um abraço, um beijo, o futuro será não mais do que aquilo, um abraço,
um beijo,
Tenho tudo,
e tem mesmo,
e tem mesmo.

Jejum: s.m. Desprovemento do básico; à escassez voluntária ou involuntária de comida chama-se fome; à escassez voluntária de amor chama-se burrice.

Quando acordar vou brincar,
os legos, os playmobiles, a bola no parque,
chuta, puto, que pareces o Ronaldo,
o meu pai parece Deus,
desenhei-o no outro dia no infantário e a Dona Mindinha adorou,
desenhei o meu pai, não Deus,
deus desenho amanhã,
hoje não que vou brincar,
acordamos para brincar,
qualquer criança vê isto,
e mais ainda pratica isto,
anda daí, puto,
parece que já ouço o meu pai,
toma o pequeno-almoço, Pedro,
a minha mãe,
a chata mais linda da história do mundo,
e eu tomo,
leite com sopas, claro, para crescer e ficar grande como o Action-Man,
cheio de músculos,
à homem, puto,
e daqui a pouco acordo,
para brincar, havia dúvidas, não?,
acordamos para brincar,
já tinha dito isto, não já?,
dah.

Quando acordar vou tremer,
a setora de inglês, o exame,
e a Carlota,
ai, a Carlota,
se vier com aquela camisola preta juro que não me aguento e lhe digo
a verdade completa,
só ainda não desenhei Deus nu porque ainda não te vi nua,
Deus me ajude,
e a dispa, já agora,
sou o melhor aluno da escola só para a poder impressionar melhor,
há muitos motivos para sermos os melhores em alguma coisa mas o
amor é sem dúvida o melhor deles,

e na verdade o único, se pensarmos bem nisso,
ainda bem que ela apreciava a inteligência,
se apreciasse o talento para jogar à bola, por exemplo, estava bem
lixado,
a bola para mim é bicuda, um objecto estranho,
sou o anti-Ronaldo, digamos, a completa antítese de tudo o que é
saber o que é uma bola de futebol,
uma bola qualquer, sejamos sinceros,
acordamos para tremer,
qualquer pessoa vê isso,
muito mais um adolescente cheio de dúvidas como eu,
ninguém é adolescente muito tempo, valha-nos isso,
mais a mim, que ainda o sou,
a Carlota com aquela camisola preta,
e eu de todas as cores a vê-la passar,
a setora de inglês, o exame,
que medo,
de a Carlota não me chamar de volta, que mais?,
acordamos para tremer,
já tinha dito isto, não já?,
dah.

Quando acordar vou chorar,
a minha menina, a minha princesa,
quatro anos de lágrimas felizes acabados de fazer,
deste-te bem, puto, sempre soube que eras um génio, só me enganei
no talento, e ainda bem,
sim, pai, sou,
génio é amar,
e eu amo,
quatro anos da minha princesa,
obrigada,
amo-te, rainha,
a minha Carlota,
como consegui que me amasses, como?,
talvez tenha sido aquele desenho teu que coloquei às escondidas no
altar da igreja do bairro,
fiquei meses sem sair de casa, de castigo,
a cara de choque da aldeia toda a ver uma mulher nua ao lado de
Deus,
blasfémia, eu sei,
tinhas de estar acima dele, claro,
deuses estão no altar, como não perceberam logo?,

descrentes, pessoas sem fé, é o que é, coitaditos, Deus os ajude que eu não posso,
amar ocupa o tempo todo,
e só amar nos ocupa,
o teu riso,
amo a vida a cada vez que amas a vida,
acordamos para chorar,
nada do que não me fez chorar existiu,
somos o que nos faz chorar,
a negativa naquele exame de inglês, a cara de desilusão da professora,
uma vergonha, menino Pedro, uma vergonha, não esperava isso de si,
uma vergonha, menino Pedro,
e no entanto a tua resposta,
sim, sim,
um orgulho, menino Pedro, um orgulho,
sim,
no recreio da escola,
sim,
a minha vida a mudar para sempre,
a minha vida a começar para sempre,
amar é o nascimento interessante, aquele que sentimos mesmo, sabes?,
a negativa mais feliz da história do mundo,
chora-se para sangrar por dentro,
um sangue bom, um sangue com liberdade dentro,
um sangue revolucionário, pode dizer-se assim,
chora-se para não explodir,
para não implodir,
a minha menina,
quatro anos de lágrimas felizes,
deste-te bem, puto, és o Ronaldo da tua vida,
génio, pai, é o que sou,
quando morrer agradeço à mãe, prometo,
e tomo o leite com sopas ao lado dela lá,
combinado, velhote?,
obrigada,
obrigado eu, minha Carlota,
acordamos para chorar,
já tinha dito isto, não já?,
dah.

Quando acordar vou amar,
(...),

mas não acordou,
dah.

Hoje o meu pai veio ver-me jogar,
e que golo pode valer mais do que um hoje, só para ele me abraçar
mais do que nunca?,
és o meu filho,
este é o meu filho, viram?,
o melhor filho do mundo,
e por isso só podia marcar o melhor golo do mundo,
espera um pouco, pai,
daqui a nada apanho uma bola a jeito e prás,
no ângulo,
onde os pássaros fazem o ninho,
é assim que tu dizes, não é?,
aguenta só um pouco que já vou fazer o melhor remate de sempre para
o melhor pai de sempre,
amar exige muita coisa,
até um pontapé na hora certa,
prás.

Tinha de chover hoje,
logo hoje que fui buscar o teu presente à loja do senhor Ernesto, minha
filha,
a boneca,
aquela que chora e ri, sim, papá?,
no meio de um abraço e as minhas lágrimas,
claro que sim, claro que sim,
já a trago aqui comigo,
andar de moto à chuva não é fácil,
o pai adora andar de moto, sim, claro, e o pai tem cuidado, claro, minha
filha, e a moto tem superpoderes, claro, minha filha,
tive de vender o carro, tu não sabes e nunca vais saber,
para quê usar o que nos magoa para magoar quem amamos?,
a tua escola, os teus livros, as contas da casa,
mas deixa, ser pai é acima de tudo vermo-nos livres de toda a tralha
que não serve para amar melhor,
a boneca está protegida, enrolei-a num plástico grosso, fica tranquila,
vai chegar intacta até ti,
queria tanto que a vida também chegasse intacta até ti,
nada de carros para ter de vender, por exemplo,

haja uma boneca que chora e que ri para nos ensinar o mundo,
mais um ou dois quilómetros e estou aí, meu amor pequenino, vou
devagar para não escorregar,
a vida exige às vezes andar devagar para não escorregar,
escreve lá esta quando souberes como se desenham as letras,
sim?

É agora, pai,
sinto que vai ser agora,
com a chuva não vejo bem mas sinto que vai ser agora,
o Afonso vai passar-me a bola,
passa-me sempre a bola quando chega à linha de fundo,
um dia disseste-me que há alturas na vida em que temos de passar a
bola quando chegamos à linha de fundo,
depois explicas-me isso, prometes?,
aí está ele, quase na linha,
estás pronto, pai?, olha bem, olha bem,
já chegou à linha de fundo, lá vem o passe atrasado para mim,
estás pronto, pai?, eu estou, eu estou,
viver é estar pronto para o passe sempre que ele chegar, sempre,
sempre,
é agora, pai,
prepara os aplausos enquanto eu preparo o remate,
tá?
Aqui junto ao campo de futebol há sempre um pouco mais de trânsito,
mas hoje não,
está a haver jogo dos miúdos e estão todos lá dentro,
assim chego mais depressa, minha filha,
a tua boneca está segura, o teu pai está seguro,
porque nos assusta tanto a insegurança de quem amamos?,
a perda mete medo,
o que amamos assusta, será isso?,
como esta chuva mete medo,
daqui a um minuto estou aí,
é só passar o campo de futebol e já está,
tá bem?

Golo,
golo, meu filho,
é o meu filho, viram?, é o meu filho,
que puto de golão, pá,
golo, meu pai, viste?, viste?,
golo, meu filho,

o melhor golo de sempre,
o melhor filho de sempre,
o melhor pai de sempre,
só não é a melhor rede de sempre,
ou o remate foi tão forte que até a furou, chiça,
viste, pai?,
rematei tão forte que a bola furou a rede,
e até saiu do estádio, chiça,
viste, pai?,
o melhor golo do mundo,
o melhor filho do mundo,
o melhor pai do mundo,
há sempre um golo para nos erguer a vida,
ou para nos atirar completos ao chão,
viste, pai?,
viste?

Obrigada, papá,
a tua boneca,
era mesmo a que eu queria,
obrigada, papá,
a tua felicidade,
és o melhor papá de sempre,
que se lixe a chuva, que se lixe tudo,
és o melhor papá de sempre e por isso conseguiste a melhor boneca
de sempre,
a minha vida por uma frase assim,
por um abraço assim,
a minha vida por uma frase assim,
abre, minha filha, podes abrir já,
és o melhor papá do mundo e por isso conseguiste a melhor boneca do
mundo de todos os mundos e do universo de todos os universos,
deixa só limpar com um guardanapo húmido este líquido vermelho que
está aqui na caixa,
é tinta, não é, papá?,
sim, óbvio, é tinta,
há momentos na vida em que até o que sangra em nós não é mais do
que tinta a escorrer,
o amor é isso, só isso,
o que transforma sangue em tinta,
o que transforma o que quer que seja em amor,
e está tudo dito,
quase tudo, falta a minha filha,

e já agora toma lá mais este presente,
uma bola de futebol a sério, do futebol dos grandes,
és o maior, papá,
sou o maior papá,
sou mesmo, raios me partam,
agora vai lá jogar futebol com a tua boneca,
chamaste-lhe Sissi, não foi?,
enquanto eu vou num instante desinfectar as feridas que tenho no
joelho e nos cotovelos,
tá?

[aprender não é só coisa de criança]

Tenho de aprender a não chorar, papá,
a menina senta-se na cadeira,
estica-se toda, muito séria, como se fosse discursar perante a nação
como a senhora da televisão,
assim pareço uma mulher grande, não é?,
o pai olha-a, abre o sorriso, as pregas ao lado da boca ficam mais
fundas, mais vivas, com mais histórias para contar,
somos as histórias que vivemos, só isso,
e ainda o que fazemos com elas, mais ainda,
assim estou bem, papá?,
ele acena, diz que sim com a cabeça, a menina ajeita-se na cadeira,
esboça também ela um sorriso,
no fundo isto até é divertido, é como um jogo, não é, papá?,
as pregas em redor da boca do pai abrem de novo, os olhos fecham e
abrem por instantes,
estás bem assim?,
ela responde sem hesitar que sim,
como haveria de não estar se estás aqui, papá?,
chega a senhora que trata daquilo tudo, uma senhora que pouco sorri
mas que quando a vê sorri logo,
então como estás hoje?,
um beijo, um afago na mão,
bem, bem, a seguir vamos à livraria buscar o livro que eu tanto quero,
a senhora que sorri pouco abre mais um sorriso,
as pregas do pai, as pregas do pai,
faz de conta que é um brinquedo, sim?,
o segredo é sempre fazer de conta que tudo serve para brincar, as
crianças são felizes porque brincam, que complicado será isso de
entender?,
hoje vai demorar mais um pouco, okay?,
a menina não se preocupa, está pronta para a brincadeira,
claro que sim, a seguir vou buscar um livro, já lhe tinha dito?,
já, já tinha dito,
às vezes temos de dizer várias vezes alto o que ainda não
conseguimos fazer com que nos faça sentir inteiros em silêncio, há palavras
que têm de ser ditas, repetidas, até se tornarem palavras de verdade,

palavras do mundo,
a mão do pai na mão da filha,
mais um bocadinho e já vamos,
as pregas dele mais abertas e mais fechadas ao mesmo tempo,
o amor abre-nos e fecha-nos ao mesmo tempo, é uma impossibilidade física, uma anticiência,
a mão do pai na mão da filha,
ontem a mamã saiu mais cedo, teve de ir a correr para o trabalho, nem se despediu de mim mas depois em casa pediu-me desculpa, mas teve de ser,
o pior da vida é o que tem de ser, aquilo de que pedimos desculpa mas que tem de ser,
o pai liberta um pouco da mão que aperta na sua, depois aperta-a com mais força,
sim, sim, filha,
mas tu não tens de ir, pois não?, tu vais levar-me à livraria, não vais?,
a senhora que sorri pouco já voltou e traz um sorriso mais cansado,
há sorrisos doridos, sorrisos atormentados, sorriso com superação dentro, sorrisos-heróis, talvez,
já está, já está,
és a maior, filha,
as pregas do pai,
vamos, papá, vamos antes que a livraria feche,
um beijo rápido à senhora que não sorri,
até amanhã,
até amanhã, até amanhã, menina linda,
a menina linda sai a correr como pode, a perna esquerda fraqueja um pouco mas ela prossegue,
há tanto que nos faz fraquejar mas tudo o resto que nos faz prosseguir, tenho de aprender a não chorar, papá, e hoje não chorei, viste?, viste?, agarra-se a ele e aperta-o com os braços, com o corpo todo, com ela toda,
as crianças abraçam com elas todas, sem meios abraços,
tenho de aprender a não chorar, papá,
o pai coloca-lhe a peruca cor-de-rosa que ela escolheu hoje ao sair de casa sobre a cabeça branca, despida, sem cabelo,
olha a careca, olha a careca,
na escola os amigos chamam-lhe assim e ela não leva a mal,
o segredo é não levar a mal o que às vezes é feito para nos fazer mal, assim não tenho trabalho para me pentear, não é, papá?, não é, mamã?,
olha para o espelho junto à saída enquanto ajeita a peruca extravagante,

ainda bem que hoje trouxe a mais divertida de todas, assim pareço
aquela cantora que nós adoramos, não é, papá?,
só tenho de aprender a não chorar aqui, papá,
e eu também, minha filha,
e eu também.